

A primeira viagem que fizemos juntos foi uma cavalgada Aparados da Serra acima, para uma reportagem publicada na revista *Os Caminhos da Terra*. Foi quando começamos a descobrir afinidades no olhar e no sentir as coisas, os lugares e as pessoas. Depois seguimos colocando o pé na estrada, para produzir matérias, ora mais urbanas ora mais exóticas. Não sei dizer quantas foram e isso não faz, de fato, a menor diferença. Sei que aprendemos muito um com o outro e, mais que tudo, fomos ensinados a respeitar os lugares. Ouvir o que eles têm a dizer. Ver o que eles têm a mostrar. Flagrar o que neles acontece sem que ninguém perceba. Valdemir fotografando, eu escrevendo. E uma longa conversa sobre o tema no final de cada dia de trabalho — quando eles terminavam a tempo. Descobrimos como marcar o sol, como usar os dias escuros, como manejar horizontes e interiores. Aos poucos (e por muitos anos) nossos trabalhos se tornaram perfeitamente complementares. Como se ambos fôssemos passageiros de um mesmo olhar.

*The first time we traveled together was a horseback trip through Aparados da Serra National Park for an article published in TERRA magazine. It was then that we began to discover affinities in the way we see and feel things, places and people. After, we continued on the road, producing articles, at times in cities, at times in more exotic locales. I can't say how many there were and actually it doesn't make a difference. I know that we each learned a lot from each other and that, above all, we were taught to respect the places. To listen to what they have to say to us. To see what they have to show. To capture what happens in them without anyone noticing. Valdemir taking pictures, me writing. And a long conversation about the theme at the end of each day of work — when our work ended in time. We discovered how to mark the sun, how to use overcast days, how to handle horizons and interiors. Gradually (and over many years), our work became perfectly complementary. As if we were both passengers with the same vision.*

RONNY HEIN

Patrocínio



Realização

Ministério da  
Cultura



# PASSAGEIRO DO OLHAR

PASSENGER OF VISION  
stories, fragments & travels

histórias,  
fragmentos &  
viagem

Fotografia de Valdemir Cunha  
Texto de Ronny Hein



“A  
verdadeira  
viagem  
não  
está  
em  
sair  
à  
procura  
de  
novas  
paisagens  
mas  
em  
possuir  
novos  
olhos”

*“The  
real  
journey  
is  
not  
in  
seeking  
new  
landscapes  
but  
in  
having  
new  
eyes”*

Marcel Proust

# PASSAGEIRO DO OLHAR

*PASSENGER OF VISION*  
*stories, fragments & travels*

histórias,  
fragmen-  
tos &  
viagem





Amsterdã > HOLANDA  
Amsterdam > HOLLAND





Porto > PORTUGAL  
Porto > PORTUGAL



Lisboa > PORTUGAL  
*Lisbon > PORTUGAL*









Torres del Paine > CHILE  
Torres del Paine > CHILE

# PASSAGEIRO DO OLHAR

PASSENGER OF VISION  
stories, fragments & travels

## Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Cunha, Valdemir

Passageiro do olhar : histórias, fragmentos & viagem = Passenger look : stories, fragments & traveling / concepção editorial e fotografias/concept and photos Valdemir Cunha ; texto/text Rony Hein ; tradução/English version Matthew Rinaldi]. -- 1. ed. -- São Paulo : Editora Origem, 2014.

Edição bilingue: português/inglês.  
ISBN 978-85-6444-405-8

1. Brasileiros - Fotografias 2. Fotografias - Brasil 3. Histórias de viagem 4. Viagem I. Hein, Ronny. II. Título. III. Título: Passenger look : stories, fragments & traveling.

14-11083

CDD-779.9981

### Índices para catálogo sistemático:

1. Brasil : Fotografias 779.9981

histórias,  
fragmentos &  
viagem

Fotografia Valdemir Cunha  
Texto Ronny Hein  
Arte Eli Sumida



São Paulo 2014

PATROCÍNIO



REALIZAÇÃO

Ministério da  
Cultura



## CARTA DO PATROCINADOR

**E**m *Passageiro do Olhar - Histórias, fragmentos & olhares* desvendamos um roteiro repleto de crônicas bem humoradas, de belas e inusitadas imagens sobre as facetas e as façanhas de cidades célebres no imaginário de um turista ou viajante.

Veneza, Ilha de Páscoa, Paris, Londres e tantos outros locais com tantas personagens que Valdemir Cunha cruzou em sua trajetória de mais de 20 anos como fotógrafo e, neste livro, na companhia do jornalista Ronny Hein.

As mais de 200 páginas revelam com maestria a esperança de congelar uma cena que já sabemos: não encontraremos depois.

Por isso, roubamos olhares. Eternizamos viagens. Desejamos levar para a memória a certeza de que nunca sairão de lá. Observar e registrar. Olhar e fotografar. Somos passageiros, mas não queremos que o mero instante passe.

Este é o segundo projeto de autoria do Valdemir Cunha que patrocinamos porque, sem dúvida, estimula o encontro com a beleza, diversidade e poesia.

Desejamos que seu olhar seja passageiro das mais inéditas imagens deste livro.



## LETTER FROM SPONSOR

**I**n *Passenger with Vision - Stories, fragments & visions* we unveil an itinerary rife with good-humored chronicles, one of beautiful and unusual images of the exploits and facets of the cities that live in the imaginations of tourists and travelers.

Venice, Easter Island, Paris, London and many other places with the diverse cast of characters which Valdemir Cunha has come across during his more than 20-year career as a photographer and, in this book, in the company of journalist Ronny Hein.

The book's 200-plus pages masterfully reveal the expectation behind capturing a scene which we know so well: we won't be able to find it again later.

This is why we steal images. We immortalize travels. We strive to bring to our memory the certainty that they will never disappear. We observe and document. We look and photograph. We are passengers, but we don't want these instances to pass us by.

This is the second project authored by Valdemir Cunha which we chosen to sponsor, because it definitively foments a combination of beauty, diversity and poetry.

We hope you experience the true passenger's vision when viewing the images in this book.





### **MULHER, PENICO E COSMONAUTAS**

Não sei dizer quantas viagens fizemos juntos, Valdemir e eu. Sempre à caça de imagens e impressões para dezenas e dezenas de reportagens. Éramos uma dupla afinada como poucas — e o significado dessa afinação vai além da amizade, da convivência sem abalos, das longas discussões sobre os caminhos que o trabalho estava tomando e das correções de rumo, quase todas subjetivas e impalpáveis, que, enfim, deveriam nos levar a capturar o espírito dos lugares.

O que mais harmonia trazia ao nosso trabalho, porém, era a maneira, quase coincidente, com que olhávamos para coisas, pessoas, paisagens e situações. Ah, o olhar: somos de fato passageiros desse sentido. As pessoas estão sempre vendo o que acontece ao seu redor; pudéssemos, porém, entrar em suas cabeças, jamais veríamos o mesmo que vemos.

Sempre me chamou a atenção que, do ponto de vista de imagem, Valdemir e eu percebíamos realidades semelhantes: a mesma poesia enfeitando uma cena, a mesma luz realçando outra que, de ordinário, nem sequer teria merecido um olhar, a mesma atenção aos detalhes, mínimos às vezes, que teriam o potencial de transformar-se em obras-primas, como a capa deste livro.

### **WOMAN, POTTY AND COSMONAUTS**

*I can't say how many times we've traveled together, Valdemir and I. Always hunting for images and impressions for dozens and dozens of articles. We were a duo in tune with each other like few others — and the meaning of this synchronicity goes beyond friendship, beyond convenience without commotion, the long discussions about the paths that our work was taking and corrections to said route, almost always subjective and elusive, which, ultimately, should lead us to capture the spirit of the places.*

*Still, the most significant harmony in our work was the almost coincidental way that we looked at things, people, landscapes and situations. Yes, vision: we are truly passengers with a shared vision. People are always looking at what's going on around them; but if we could get inside their heads, we would never be able to see things the same way.*

*It has always struck me that, from the point of view of image, Valdemir and I perceive reality similarly: the same poetry enchanting a certain scene, the same light focusing on another that seems so ordinary that it might not merit a second glance, the same attention to details, minimal at times, that could potentially be transformed into masterpieces, like the cover of this book.*

*Further evidence that we were passengers with the same vision*

Outras evidências de que éramos passageiros do mesmo olhar eram a angulação e o enquadramento. No tempo dos filmes e da revelação, só depois do retorno e da edição em mesa de luz eu podia ver, na forma de cromo, a cena paralisada dias ou semanas antes. E sempre me assustei ao perceber que, de forma quase telepática, vimos o quadro com as mesmas dimensões e deixamos, fora dele, exatamente o que queríamos ter deixado.

Faço essa constatação com a serenidade de quem trabalhou com dezenas de fotógrafos brilhantes, que produziram viagens completamente distintas às que fiz. O que vi em close, eles viram de forma panorâmica. O que vi com o aproveitamento de um determinado primeiro plano tornou-se uma imagem da qual não me lembrava. E não há nada de errado com isso. Apenas a mera constatação de que, nesses casos, não fomos passageiros do mesmo olhar.

É assim mesmo que funciona: o olhar distingue as pessoas. Assim como a passagem. Se duas pessoas visitarem a mesma ponte, na mesma cidade, em diferentes horários do dia, cada uma delas terá conhecido um lugar diferente. Se o mesmo ocorrer em outra época do ano, haverá um terceiro registro ainda mais distinto.

*came with the angles and framing. Back in the days of film exposure, only after they were developed and set on a light table was I able to see, in chrome form, the scene frozen days or weeks before. And I was always startled to realize that, almost telepathically, we viewed the frame in the same dimensions and left out of it precisely the things we wanted to leave out.*

*I make this statement with the assurance of someone who's worked with dozens of brilliant photographers, who have produced articles on travels entirely distinct from the ones I experienced. The things I saw in closeup, they saw in a panoramic view. What I saw from the perspective of a certain foreground would turn into an image that I didn't remember. And there's nothing wrong with this. It's just a simple acknowledgement that, in these cases, we were not passengers with the same vision.*

*This is how it works: vision is what distinguishes people. As is the concept of passing. If two people visit the same bridge in the same city, at different times of day, each one will have been to a different place. If the same thing happens at a different time of year, there will be a third, also distinct, register.*

*Valdemir and I were together when almost all the pictures in this book were taken. When observing the superb editing work done by*

Valdemir e eu estávamos juntos no momento em que quase todas as fotos deste livro foram clicadas. Ao observar a soberba edição feita por Valdemir e pelo diretor de arte Eli Sumida, chego a sentir o vento frio ou o calor cáustico que nos assolou em algumas situações. Chego mesmo a sentir o sotaque das fotografias, tamanha era a nossa imersão nos destinos para os quais viajávamos.

Este livro nasceu de uma pausa para cerveja (*pivo*, em tcheco) em um bar turístico ao lado da Ponte Carlos IV, em Praga. Tínhamos acabado de chegar da estação de metrô de Andel, um pouco afastada do centro da cidade, para onde fomos com o propósito de fazer uma foto curiosa. Esculpida na parede da plataforma de embarque existia (e ainda existe) a curiosa imagem de dois cosmonautas soviéticos ali instalados durante o regime comunista. Ninguém se deu ao trabalho de removê-la, talvez porque, singelamente, a escultura represente de fato um período da história daquele país.

A estação estava deserta quando chegamos. Havia um corredor central e um grupo de arcos, através dos quais os passageiros dirigiam-se à plataforma que preferissem. Sempre notei que Valdemir tem especial prazer em emoldurar suas fotos com arcos, arcadas ou portais. Pois foi o que fez. Recuou alguns passos, enquadrando os cosmonautas dentro do arco e preparou-se para

*Valdemir and art director Eli Sumida, I'm able to feel the cold wind or dry heat that accosted us in certain situations. So thorough was our immersion in the destinations to which we traveled that I can even hear accents from the pictures.*

*This book was born during a break for a beer (pivo, in Czech) at a touristy bar nearby the Charles Bridge in Prague. We had just arrived from the Andel subway station, a bit distant from the city center, which we visited with the intention of taking a curious photo. Sculpted into the wall of the subway platform was (and still is) the curious image of two Russian cosmonauts installed there under Communist rule. No one has undertaken the work to remove it, perhaps because, simply, the sculpture truly represents a period in the country's history.*

*The station was deserted when we got there. There was a central passageway and a set of arches and, underneath them, passengers direct themselves to the platform of their preference. I always noticed that Valdemir takes special pleasure in framing his pictures with arches, arcades or gateways. And this is what he did. He took a few steps back, framing the cosmonauts inside the arch and prepared to photograph them. We heard steps echoing in the station. At the exact moment at which the first picture was taken, almost directly in front of the cosmonauts, a woman appeared. Struck by her beauty, we saw her walk on,*

fotografar. Ouvimos passos ecoando na estação. No momento exato em que a primeira foto foi clicada, surgiu, quase em frente aos cosmonautas, uma mulher. Parecia-nos bonita e caminhava, decidida, com um..., um penico na mão direita, atrás das costas.

A cena inusitada, quase surreal, levou-nos à cerveja e à conclusão de que imagens como aquela, entre tantas outras capturadas por nós, mereciam ser compartilhadas com os leitores. Demos, até, um nome provisório ao futuro volume: "Mulher, penico e cosmonautas".

Teria sido utilizado, não fosse tão hermético. Para nós, contudo, a imagem representou a combinação perfeita entre passagem e olhar. A alma de nosso trabalho.

*determined with a... potty in her right hand, held behind her back.*

*This unusual, almost surreal scene led us to the beer and the conclusion that images like this one, among the many others we had captured, deserved to be shared with readers. We even came up with a working title for the future volume: "Woman, potty and cosmonauts."*

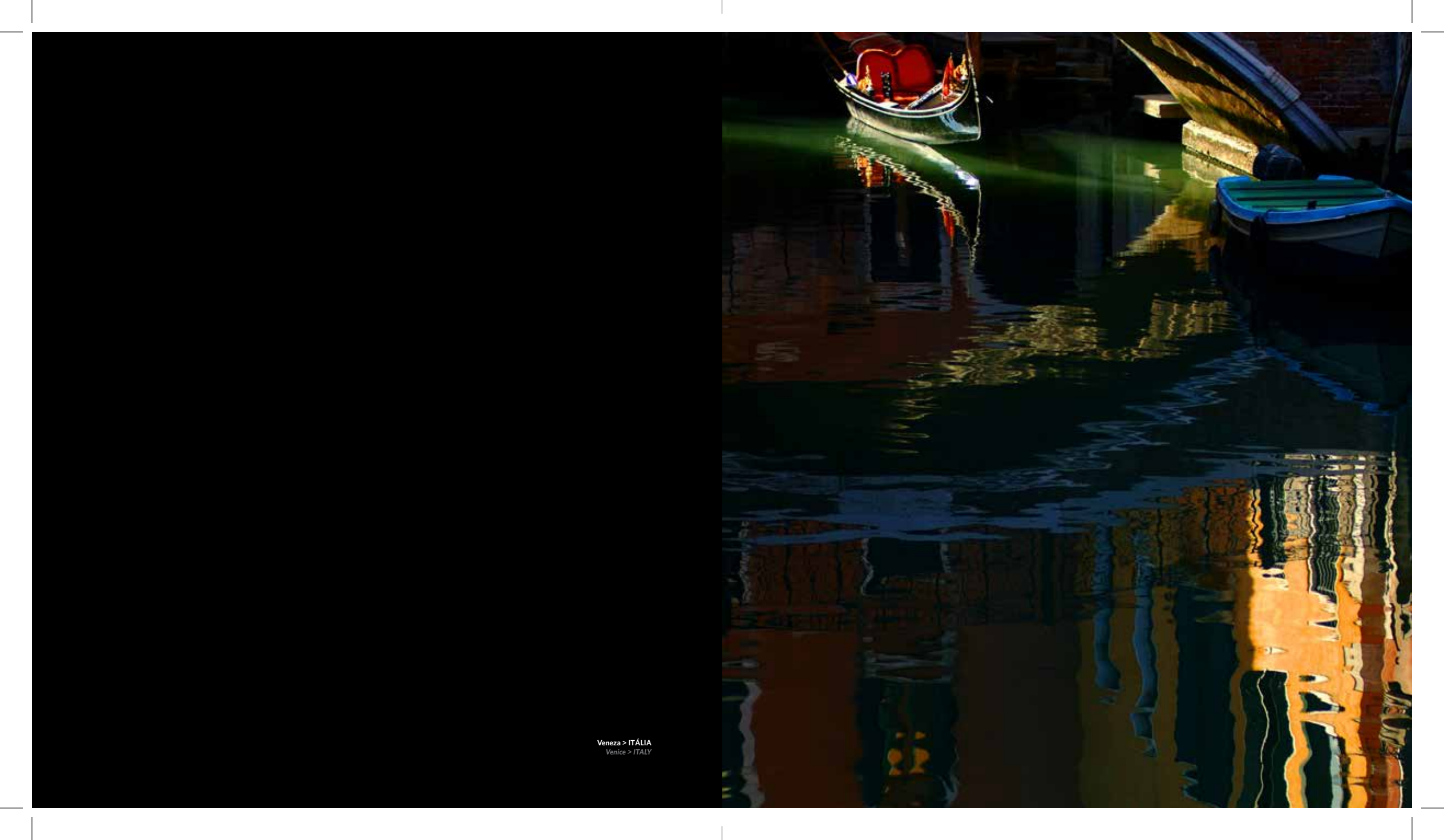
*We would have used it too, if it weren't such an inside joke. Still, for us the image represented the perfect combination of passage and vision. The soul of our work.*







Veneza > ITÁLIA  
Venice > ITALY



Veneza > ITÁLIA  
Venice > ITALY





Veneza > ITÁLIA

Venice > ITALY













**VENEZA** Para alguma coisa, a frase que aquela senhora de ar distraído proferiu, com a certeza dos que não sonham e a iniquidade dos tolos, acabou tendo serventia. É por meio dela que se tentará provar que a sereníssima Veneza não é apenas um lugar para ser visto, fotografado e guardado num álbum de viagens — mas uma cidade para mudar sua vida.

Não foi uma declaração tão definitiva quanto a de Napoleão Bonaparte, que, mesmo vindo do *grand-monde* de Paris, chamou a Piazza San Marco de “o mais belo salão da Europa”. Não foi, tampouco, um impropério, daqueles que grandes artistas boêmios lançaram nas vielas silenciosas depois de uma noitada regada a vinho prosecco numa das tavernas venezianas. Nem mesmo o brado de indignação que se costumava ouvir dos senhores cujas filhas donzelas entregaram-se ao conquistador Casanova, um dos heróis (ou vilões?) românticos de Veneza.

Foi apenas uma bobagem sem tamanho, dessas que a gente nem repara se não estiver atento,

*VENICE* The remark that came from the lady with a distracted air, with the certainty of those who don't dream and the iniquity of the foolish, ended up being good for something. Through it, we can try to prove that the serene city of Venice is not just a place to be seen, photographed and kept in a travel photo album; it's a city to change your life.

It was not as definitive a statement as the one made by Napoleon Bonaparte, who, though having come from the *grand-monde* of Paris, called Piazza San Marco “the most beautiful salon in Europe.” And it was not an insult, the kind that

great bohemian artists blurt out in the silence of the city's alleys after a prosecco-fueled night out at a Venice tavern. Nor was it the sort of gripe of indignation that you might hear from a family man whose damsel daughters have been taken in by the seductions of Casanova, one of Venice's romantic heroes (or villains?).

It was just plain nonsense, the kind of thing that would go unnoticed if we weren't paying attention, though in Venice it's always fundamental to keep all your senses sharp and alert.

“It's fascinating! — sighed an American woman, “I was here fifteen years ago and the city



embora em Veneza seja sempre fundamental estar com todos os sentidos ligados e tinindo.

“Estou fascinada!” – suspirou a viajante americana: “Estive aqui há 15 anos e a cidade mudou tanto!”.

Pronto: foi só isso. Uma inocente frase jogada ao vento e, no entanto, uma estultície capaz de calar os arrulhos dos milhares de pombos da Piazza San Marco.

Veneza não mudou. Há 500 anos não muda e, se a alguém tiver juízo, jamais mudará até que o planeta se dissolva, se essa for sua sina cósmica.

Mudam, sim, os estoques de suas lojas, cada dia mais caros e sofisticados, para atender os milhões de turistas que a visitam ano após ano. Mudam, também, os humores de seus políticos, ora enfeitiçados pela prosperidade que esse turismo garante, ora indignados com os rastros de lixo e devastação largados por essa interminável peregrinação. Mudam, ainda, certos hábitos substituídos pela inevitável globalização – e é por isso que, hoje, é mais fácil ver um gondoleiro segurando um telefone móvel do que um acordeão.

Mas Veneza não muda. Não muda porque não pode e nem tem para onde. Não muda porque suas 118 ilhas, alinhavadas por 150 canais e reunidas por mais de 400 pontes, já estão inteiramente ocupadas por construções erguidas séculos atrás, durante o apogeu de sua longa história de 1.376

## VENEZA VENICE

*has changed so much!”*

*And that’s all there was to it. An innocent phrase thrown to the wind and, still, so idiotic that it could silence the chirps of the thousands of pigeons in Piazza San Marco.*

*Venice hasn’t changed. It hasn’t changed in 500 years and, anyone with any sense would never change it until the day the planet crumbles, if this is indeed its cosmic fate.*

*The products on the shelves of its stores do change, more expensive and more sophisticated with each passing day, to attend the millions of tourists who visit year after year. The attitudes of their politicians also change, at times enchanted*

*with the prosperity guaranteed by this tourism, at others outraged by the garbage and devastation left in the wake of this endless pilgrimage. Certain habits also change, instituted by the inevitable effects of globalization — and this is why it’s easier to spot a gondolier holding a cell phone than an accordion.*

*But Venice doesn’t move. It doesn’t move because it can’t and has nowhere to go. It doesn’t move because its 118 islands, intercut by 150 canals and connected by over 400 bridges, are already completely covered in structures erected centuries ago, at the height of its long 1376-year history of independent existence.*

anos de existência independente.

Veneza, esse sonho parado num mundo em permanente mutação, viveu o esplendor das grandes civilizações. Dominou o Mediterrâneo oriental, conquistou Constantinopla e estabeleceu as rotas mercantis com o Oriente. Veneza apresentou ao Ocidente as especiarias, o café, o macarrão e a seda. Mas, sobretudo, usou seu infinito poder para embelezar seus *palazzi*, enriquecer suas igrejas e tornar-se, à sombra do leão alado que simboliza a soberania de seus doges, a mais bela cidade do mundo.

É verdade que outras civilizações tiveram poder ainda maior e produziram monumentos da mesma grandeza. Nenhuma delas, porém, ergueu-se dentro do mar, criando caminhos de água e uma rotina de vida anfíbia absolutamente incomum.

Não: Veneza não mudou. Talvez tenha mudado a perspectiva da viajante americana. Quinze anos é tempo suficiente para endurecer um coração ou corromper uma alma – mas não é nada para um lugar assim.

Impossível supor que “diferenças” ela teria percebido, mas as gôndolas que partem da Ponte do Rialto continuam transportando casais apaixonados; os enamorados ainda suspiram diante da

*Venice, this dream frozen in a world of permanent mutation, experienced the splendor of great civilizations. It dominated the eastern Mediterranean, conquered Constantinople and established trade routes with the Orient. Venice introduced the West to spices, coffee, pasta and silk. But, overall, it used its infinite power to beautify its palazzi, enrich its churches and turn itself into the most beautiful city in the world in the shadow of the winged lion that symbolizes the sovereignty of its doges.*

*It’s true that other civilizations had even greater power and produced monuments of equal grandeur. However, none of them did so in the*

*middle of the sea, creating paths in the water and an amphibious way of life that is absolutely unique.*

*No, Venice has not changed. Perhaps the perspective of the American traveler has changed. Fifteen years is enough time to harden a heart or corrupt a soul — but it’s nothing in a place like this.*

*It would be impossible to ascertain what “differences” she was referring to, but the gondolas that set sail from the Rialto Bridge continue to transport couples in love; the enamored still gasp in front of the Bridge of Sighs, try as they might to avoid common tourist sites. And film-makers who want to bring the audience to tears or pique their*



Ponte dos Suspiros, por mais que tentem evitar o lugar-comum. E os cineastas, quando querem provocar as lágrimas ou a libido de suas plateias, continuam usando Veneza como cenário, porque a cidade de Casanova e dos poetas românticos ainda é mais insinuante do que um perfume, mais convidativa que um decote, mais excitante do que um afrodisíaco.

Poucos dos que vêm para cá, contudo, chegam a entrar nessa atmosfera e por isso Veneza frequentemente gera viajantes desapontados. Contrassenso? Não: para entrar no clima da cidade, para percebê-la com a paixão que motivou Vivaldi a compor *As Quatro Estações* ou Tiziano a pintar seus afrescos, é preciso tomar algumas cautelas.

É bom que se saiba, por exemplo, que é muito mais fácil e confortável viajar por Miami ou Belo Horizonte do que por Veneza. E sabe por quê? Aqui não há espaços para hotéis modernos, nem para veículos motorizados – com a exceção das lanchas e dos *vaporetti*. Na prática, isso significa que você provavelmente vai se hospedar num hotel cujas paredes não estão exatamente no prumo e que não tem elevador para levá-lo (e às suas bagagens) até o apartamento no quarto piso. Você não vai ter o conforto de um táxi que o conduza até a porta do hotel e, provavelmente, terá de arrastar suas malas pelos becos, consultando, inutilmente, um mapa que não decifra as chaves desse labirinto.

## VENEZA VENICE

*libidos continue to use Venice as a setting, because the city of Casanova and the romantic poets is still more suggestive than fine perfume, more inviting than a low-cut blouse, more arousing than an aphrodisiac.*

*However, few of the people who come here manage to enter this atmosphere and this is why travelers often leave Venice feeling disappointed. Think this makes no sense? Well, to get in the city's mood, to understand it with the passion that drove Vivaldi to compose *The Four Seasons* or Titian to paint his frescoes, you need to take some precautions.*

*First, keep in mind that it's much easier and*

*more comfortable to travel to Miami or Belo Horizonte than to Venice. And do you know why?*

*There's no room here for modern hotels or motorized vehicles — with the exception of the speedboats and vaporetti. In practice, this means that you will probably stay in a hotel whose walls are not exactly straight and which doesn't have elevators to take you (and your luggage) up to your room on the fourth floor. You won't have the comfort of a taxi dropping you off right in front of the hotel and, in all likelihood, you'll have to lug your bags through narrow streets, futilely consulting a map which does no good in deciphering the keys to this labyrinth.*

Há alternativas, é claro: hotéis que ficam em frente a canais navegáveis, outros, caros e exclusivos como o Cipriani, o Danielli e o Palazzo Gritti, que dispõem até de lanchas exclusivas para seus hóspedes. Para o comum dos mortais, entretanto, Veneza continua sendo o que sempre foi – e isso, lembre-se, vale tanto para o lado bom quanto para o lado ruim.

Não é, porém, uma questão de pôr pesos na balança. O verdadeiro viajante passará por cima desses percalços com olímpica elegância e saberá encontrar prazer até nas mazelas, porque elas são inerentes à vida incomum de um lugar incomum. As multidões, por exemplo. Durante o verão europeu, alguns caminhos de Veneza são apinhados como os corredores do Maracanã em dia de clássico decisivo. Nem tanto a Piazza San Marco, que por suas dimensões majestosas é quase imune a aglomerações (até o Pink Floyd se apresentou ali, sem provocar mortos nem feridos). Mas, principalmente, as ruas estreitas que compõem a Merceria, o tradicional corredor de comércio que, desde os tempos de Marco Polo, é o caminho mais usado entre as regiões de San Marco e Rialto.

Para escapar da fúria dessa malta de turistas de um dia, basta esgueirar-se, como os gatos venezianos, pelas vielas sem movimento. Há quase cem por cento de chances de você ficar perdido,

*Of course, there are alternatives: hotels located in front of the navigable canals, other, more expensive and exclusive hotels like Cipriani, Danielli and Palazzo Gritti, which even provide guests with exclusive speedboats. Still, Venice continues to be, and always has been, for commoners — and keep in mind, this is both good and bad.*

*It is not, however, a question of tipping the scales. The true traveler will pass right by these obstacles with Olympic elegance and know how to find pleasure even in the flaws, because they are inherent to the unusual life in an unusual place. The crowds, for example. During the*

*European summer, some of Venice's streets are packed like the aisles of Maracanã on the day of a decisive game. This isn't so true at Piazza San Marco, which, due to its majestic proportions, is basically immune to overcrowding (Pink Floyd even performed there without anyone getting killed or injured). But, mainly, the narrow streets that comprise the Mercerie, the traditional stretch for shopping which, ever since the days of Marco Polo, has been the route most commonly traveled between the regions of San Marco and Rialto.*

*To escape the fury of these droves of day-tripping tourists, just slink, like the cats of Venice, into the empty alleyways. There is almost a 100%*

o que, aliás, será ótimo. Nessa cidade parada no tempo, não existem lugares contraindicados. No mais ermo dos caminhos, você continuará invadindo o século 16, observando detalhes e entalhes de um tempo que não existe mais e, com sorte, flagrará um gondoleiro de camisa listrada trocando carinhos com alguma moça de olhar distante. Com azar, porém, você pode cruzar com alguma ratazana (é o caminho dos gatos, lembra-se?), mas há que se dar à limpeza pública local todo o desconto devido a uma cidade literalmente plantada sobre as águas – e que, para preservar seu encanto milenar, não pode estragar a paisagem com modernos dutos de esgoto.

Veneza não é apenas um amontoado de ilhas, como imaginam muitos dos que a visitam. Na verdade, muito mais do que isso, ela é um prodígio de inventividade. Os vênéticos, que não pertencem à família dos peixes (como seria legítimo supor), viveram em terra firme, em cidades como Pádua e Verona, por muitos anos. No século 5, contudo, um ataque devastador de guerreiros hunos obrigou algumas comunidades a buscarem refúgio nas ilhotas de uma laguna com 55 quilômetros de extensão e 13 de largura, separada do Mar Adriático por longas restingas.

Protegidos, os refugiados perceberam, então, que as águas plácidas dessa laguna escondiam um solo raso – e sobre ele começaram a plantar estacas de madeira, que seriam a base da futura

## ENEZA ENICE

*chance that you'll get lost, which is great by the way. In this city that's frozen in time, there's no such thing as unrecommended places. On the most deserted route, you can continue exploring the 16th century, observing details and etchings from a time that no longer exists and, with any luck, you'll spot a gondolier wearing a striped shirt in a loving embrace with a young lady with a faraway look in her eyes. If you're unlucky, you'll cross paths with a rat (this is the place for cats, remember?), but a lack of local public cleanliness is par for the course in a city literally planted on top of the waters — and which, in order to maintain its age-old charm, couldn't be expected to ruin the*

*scenery with modern sewage pipelines.*

*Venice is not just a set of islands, as many people who visit it imagine. Much more than this, it's actually a hotbed for invention. The Venetians, who aren't related to the family of fish (as one might naturally assume), lived on terra firma, in cities like Padua and Verona for many years. In the fifth century, however, a devastating attack from the Huns forced some communities to seek refuge on the islets in a lagoon 55 kilometers long and 13 kilometers wide, separated from the Adriatic Sea by lengthy sandbanks.*

*Protected, the refugees soon realized that the calm waters of this lagoon hid some shallow soil*

cidade. Veneza, assim, já nasceu de uma quimera, o que certamente realçou sua vocação para o sonho e sua atmosfera irreal, a mesma que você vai perceber num amanhecer dourado sob as colunas de San Marco e San Teodoro, que formam um pórtico de entrada da Piazza San Marco.

Muitos séculos mais tarde, quando a cidade já era rica e poderosa, um de seus doges (assim se chamavam os líderes locais, algo como duques) estabeleceu a data de 25 de março de 421 como o dia da fundação da cidade, um número qualquer, hoje aceito e celebrado.

Na lógica simples do calendário, portanto, Veneza está próxima aos 1.600 anos de convivência com as águas do mar. Um casamento surpreendentemente duradouro, que todos os anos é lembrado numa festiva cerimônia na qual um representante da cidade joga uma aliança ao mar, proferindo a célebre frase:

*“Desponsamus te mare, in signum veri perpetuique domini”* (“Te desposamos, ó mar, em sinal de nosso perpétuo domínio”).

Diga-se que, exceto pelo tom grandiloquente e pelo aval da tradição, a frase é quase tão leviana quanto a de nossa turista acidental. Sim, Veneza aprendeu a conviver com o mar. Deu-lhe contornos magníficos como os palácios do Canal Grande (ou Canalazzo, como dizem os locais),

*— into which they began pitching wooden stakes, which would serve as the base of the future city. In this way, Venice, was born out of a pipe dream, something which certainly reaffirmed its vocation for dreams and its surreal atmosphere, the same that you might perceive during a golden sunrise over the hills of San Marco and San Teodoro, which form an entrance area to Piazza San Marco.*

*Several centuries later, when the city was rich and powerful, one of the doges (as the local leaders were called, something like dukes) decreed that March 25, 421 was the date of the city's founding, a random number, which is accepted and celebrated to this day.*

*Thus, according to the calendar's simple logic, Venice is nearing 1600 years of coexisting with the sea. A surprisingly long-lasting marriage, which each year is remembered in a festive ceremony in which a representative of the city tosses a ring into the sea, proffering the famous phrase:*

*“Desponsamus te mare, in signum veri perpetuique domini”* (We wed thee, sea, in the sign of our everlasting dominion).

*It might be said that, the grandiloquent tone and the backing of tradition notwithstanding, the phrase is almost as flippant as the remark made by our accidental tourist. Yes, Venice has learned to live with the sea. It has given it magnificent*

por onde transitam os *vaporetti* (que são os ônibus urbanos) e outras curiosas embarcações, inclusive ambulâncias, rabeções e viaturas policiais sobre cascos. Mas “perpétuo domínio” é um exagero arrogante que o próprio mar vem se encarregando de corrigir.

Ano após ano, a Cidade dos Doges vem sofrendo os efeitos do fenômeno chamado *acqua alta*. O solo da cidade está cedendo e as marés, cada vez mais altas, ameaçam a existência de Veneza. Já é cena comum ver o Adriático entrando, sem cerimônia, pela Piazza San Marco, para acompanhar de perto a porfia musical entre as orquestras do Quadri e do Florian. A população local, esgotada de combater inutilmente as cheias que invadem suas casas e estragam seus pertences, diminuiu pela metade em 50 anos.

Não há vida noturna na cidade, porque os jovens estudam e residem no continente e os trabalhadores que atendem os viajantes moram em Mestre, a vizinha cidade-dormitório (um lugar tão sem atrativos que já houve quem dissesse que Veneza e Mestre retratam “a incrível convivência entre a mais bela e a mais feia das cidades”).

O “perpétuo domínio” dos venezianos sobre o mar, portanto, não passa, hoje, de um frágil acordo, delicado como o ar de sonho que envolve a cidade.

## VENEZA VENICE

*contours like the palaces along the Grand Canal (or Canalazzo, as the locals call it), where the vaporetti (which serve as urban buses) circulate, as well as other curious water vessels, including floating ambulances, coroner vehicles and police cruisers. Still, “everlasting dominion” is an arrogant exaggeration which the sea has taken upon itself to correct.*

*Year after year, the City of Doges suffers the effects of the phenomenon known as acqua alta. The city’s ground is giving way and the rising tides threaten Venice’s existence. Witnessing the Adriatic Sea entering the Piazza San Marco, to accompany the musical competition between*

*the orchestras of Quadri and Florian up close, is already a commonplace sight. The local population, tired of the futile struggle against the water that invades their houses and ruins their belongings, has fallen by 50% in 50 years. There is no such thing as nightlife in the city, since the young people study and reside on the continent and the workers who attend the travelers live in Mestre, the neighboring dormitory-city (a place with such little appeal that Venice and Mestre represent “the incredible coexistence of the most beautiful city alongside the ugliest city”).*

*The Venetians’ “everlasting dominion” of the sea, however, is not much more than a fragile*

Apesar dessa triste perspectiva, os venezianos, que inventaram o Carnaval no século 11, voltaram a celebrá-lo a partir de 1979, em bailes animados que esquentam o gélido inverno na laguna. Não há baterias, trios elétricos ou escolas de samba. As marcas dos carnavais de Veneza são as máscaras sinistras de olhar vazio. Em tempos de *acqua alta*, não há como evitar associá-las a arautos de maus presságios.

Eis outra urgência para vir a Veneza, explorar cada um de seus seis *sestieri* (assim se chamam os bairros de Veneza) com a paixão e a volúpia que se deve reservar a uma rara porta aberta no tempo.

Você vai voltar cansado de tanto caminhar, seus sapatos, quem sabe, tenham de ser aposentados e seus olhos talvez custem a se reacostumar às cidades contemporâneas. Mais que tudo, porém, você vai torcer para que Veneza não mude. Nem nos próximos 15 anos, como quis a viajante americana – nem nunca.

*accord nowadays, as delicate as the dreamlike air that envelops the city.*

*Despite this sad prospect, the Venetians, who invented carnival in the 11th century, began celebrating it again in 1979, with lively balls that warm up the cold winters in the laguna. There are no drum lines, music trucks or samba schools. The hallmarks of carnival in Venice are those sinister-looking masks with hollow eyes. In times of acqua alta, there’s no way not to associate them with harbingers of bad omens.*

*Hence the other urgency in going to Venice and exploring each of its six sestieri (as the city’s neighborhoods are known) with the passion and*

*pleasure that should be reserved for such a rare portal into the past.*

*You’ll go home tired from so much walking, your shoes may well be worn out and your eyes might have to get reacquainted with modern cities. But above all, you’ll hope that Venice doesn’t change. Not in the next fifteen years, as the American traveler claims — not ever.*







Altiplano Argentino > ARGENTINA  
The Argentine altiplano > ARGENTINA



Lago Titicaca > BOLÍVIA  
*Lake Titicaca > BOLIVIA*





Ilha de Páscoa > CHILE  
Easter Island > CHILE

**ILHA DE PÁSCOA** Os números são deliciosamente imprecisos na ilha mais remota do planeta, cujos vizinhos mais próximos são o Chile (a 3.700 quilômetros de distância) e o longínquo arquipélago de Pitcairn (2 mil quilômetros a noroeste).

Nem mesmo a quantidade de moais espalhados por Páscoa escapa de divergências. Para os que contam todos os que supostamente foram feitos, incluindo os surrupitados por naus estrangeiras, a estimativa é a de que chegou a 900 a quantidade das grandes estátuas de pedra vulcânica. Já os que se referem apenas a tudo o que veem na ilha, incluindo os moais derrubados, os que permanecem inacabados na “pedreira” de Rano Raraku e os que foram reerguidos tornando-se ícones de Páscoa, enumeram 400 peças. De pé mesmo, altivos sobre seus altares de veneração chamados ahus, restam apenas pouco mais de 40.

Não os convido a checar esses números, porque a acurácia aritmética não tem a menor

*EASTER ISLAND Numbers are delightfully imprecise on the remotest island on the planet, whose closest neighbors are Chile (3700 kilometers away) and the distant Pitcairn Islands (2000 kilometers to the northeast).*

*There are even conflicting reports on how many moai are scattered across Easter Island. For those who count all the moai supposedly ever made, including the ones stolen by foreign ships, the number of large statues of volcanic rock is estimated at 900. While those referring to all the moai seen on the island, including those that were knocked down, others that remain unfinished at*

*the Rano Raraku “quarry” and the ones that were repositioned, becoming icons of Easter Island, the total is 400 pieces. Of those standing upright on their altars of veneration known as ahus, there are just a little more than forty.*

*I won't advise you to verify these figures, because arithmetical accuracy is of no importance to the Rapa Nui people, except of course when it's time to settle the bill in a restaurant or store and you find out that everything costs twice as much here as in continental Chile, the country to which the island belongs. But these are simple questions inherent to the island's isolation. What's really*





importância para os rapanuis, exceto, é claro, na hora em que você tiver de acertar as contas em um restaurante ou numa loja e descobrir que tudo, por aqui, custa o dobro do que vale no Chile continental, ao qual a ilha pertence politicamente. Mas essas são questões mezinhas inerentes à lonjura. Importa mesmo é saber que

**Páscoa não é da matemática, mas da metafísica. Não é de resultados, mas de dúvidas. E, ainda que feita de pedra, não é concreta, mas etérea.**

Quando você vier até aqui, experimente visitar, antes de tudo, o ahu de Tongariki, a maior e mais bela plataforma de moais que se conhece. Venha, de preferência, no fim da tarde, quando o sol banha as 15 grandes estátuas de forma oblíqua, realçando as suas feições e criando longas sombras na direção do mar, ao qual dão as costas. A magia funciona a qualquer hora do dia, mas é ao poente que se perde o senso. Os poucos visitantes – raras vezes veem-se grupos – parecem atônitos. Fotografam, é claro. Mas também se ajoelham, deitam ou murmuram sua própria incompreensão.

Minha sensação é a de estar diante de um largo palco ao final de uma função. Os 15 atores

## ILHA DE PÁSCOA

### EASTER ISLAND

*important to keep in mind is that*

***Easter Island isn't about mathematics; it's about metaphysics. It's not about results; it's about doubts. And, even though it's made of rock, it's not concrete; it's ethereal.***

*When you come here, before anything else, visit the Ahu Tongariki, the largest and most beautiful platform for moai of all. Try to make it in the late afternoon, when the sun bathes the 15 large, oblique statues, highlighting their features and casting long shadows toward the sea, which they face away from. There's magic at*

*work there any time of day, but it drives people crazy at sunset. The few visitors — rarely do they come in groups —, seem astonished. They take pictures, of course. But they also kneel, lie down or murmur at their own incomprehension. For me, the sensation was that of being in front of a broad stage at the end of a performance. The 15 actors lined up, side by side, their faces elongated, seem to be somewhere between eight and ten meters tall. Only one of them, the second from right to left, is wearing a pukao, a kind of hat of ferrous stone, which has a reddish, rusty tone. Resigned to centuries of silence, they look out on the crowd with a tangible dignity. I wait, in vain, for them to*

postam-se lado a lado, rostos longilíneos, parecem ter entre 8 e 10 metros de altura cada. Só um deles, o segundo da direita para a esquerda, usa o pukao, uma espécie de chapéu de pedra ferrosa, que tem o tom avermelhado da ferrugem. Acometidos de um silêncio secular, eles olham para a plateia com uma dignidade tangível. Fico esperando, em vão, que se reclinem para o aplauso.

*Ariga ora o te tupuna* – ou “rosto vivo do antepassado” — é o nome correto dos megálitos de Páscoa no idioma vananga, que é a língua dos rapanuis e, com pequenas variações, a de todos os povos que habitam o triângulo da Polinésia, uma área imensa de mar e ilhas cujos vértices são o Havaí, ao norte, a Nova Zelândia, ao sul, e Páscoa, na direção leste.

E se há alguma coisa que de fato se saiba nessa ilha de tantos mistérios, é que os moais foram esculpido, século após século, para reverenciar os ancestrais e neles buscar inspiração. Os inúmeros ahus da ilha, erigidos com mais ou menos moais, eram os altares diante dos quais se erguiam as vilas rapanuis. Tongariki é o maior deles e resulta de um trabalho de restauração feito nos anos 90 por uma equipe multidisciplinar. A grande plataforma havia sido esfacelada por um tsunami decorrente do terremoto de Valdivia, em 1960 – o maior já registrado, tendo provocado estragos entre o Chile, onde ocorreu, e o Japão, do outro lado do Pacífico.

*bow for the applause.*

*Ariga ora o te tupuna — or “ancestor's living face” is the correct name of the megaliths on Easter Island in the Vananga language, spoken by the Rapa Nui and, in small variations, all peoples who inhabit Polynesia, an immense triangular area of ocean and islands whose vertices are Hawaii to the north, New Zealand to the south and Easter Island to the east.*

*If there is anything which is indeed known on this island of so many mysteries, it's that the moai were sculpted century after century as a form of worshipping ancestors and seeking their inspiration. The countless ahus on the*

*island, erected with more or less moai, were the altars around which the Rapa Nui villages were built. Tongariki is the largest of all and the result of a restoration job done in the 1990s by a multidisciplinary team. The large platform had been broken by a tsunami that resulted from the 1960 Valdivia earthquake — the largest one on record, which caused damage all the way from Chile, where the quake took place, to Japan, on the other side of the Pacific.*

*But who are these ancestors immortalized in stone? Why do almost all of them have long, thin fingers resting on their bellies? How in the world were they transported from the slopes of Rano*

Mas quem seriam esses antepassados imortalizados em pedra? Por que quase todos eles têm dedos finos e longos apoiados sobre suas barrigas? Como, diabos, eram transportados desde as encostas de Rano Raraku, o vulcão extinto em que eram esculpidos com talhadeiras chamadas *toki*, feitas de basalto?

As lacunas de conhecimento que permanecem abertas são espaço fértil para distintas versões, sempre especulativas.

Livros, guias e moradores de Páscoa cismam em discordar uns dos outros. Ouve-se falar de guerras das quais nada se sabe, de soberanos que a história não registrou e, como sempre ocorre na falta de fatos, também da presença de extraterrestres ocupando os vazios de onde também se alimentam os mitos, o respeito e a fé.

A história de Páscoa talvez fosse diferente e mais clara se alguém tivesse conseguido decifrar os glifos de um tipo de escrita chamado rongorongo encontrado na ilha no final do século 19. Eram 24 placas de madeira com desenhos diversos – cerca de 600 foram enumerados – que hoje estão espalhadas em diferentes coleções e museus mundo afora. O fato, porém, de permanecerem encriptados ainda hoje, com toda a tecnologia disponível no século 21, traz ainda mais atenção

## ILHA DE PÁSCOA

### EASTER ISLAND

*Raraku, the dormant volcano where they were sculpted with chisels known as toki, made of basalt?*

*The gaps in knowledge that remain open provide fertile ground for distinct and always speculative versions.*

*Books, guides and the residents of Easter Island love disagreeing with each other. There is talk of wars about which nothing is known, rulers which are not documented by history and, as always when there is a lack of facts, also the presence of extraterrestrials occupying the space which also feeds myths, respect and faith.*

*Perhaps the history of Easter Island would be different and clearer if someone had succeeded in*

*deciphering the glyphs of a kind of writing called rongorongo found on the island in the late 19th century. There were 24 wooden signs with a variety of drawings — around 600 were counted — which are today distributed in different collections and museums around the world. Still, the fact that they remain encrypted to this day, with all the technology available in the 21st century, draws even more attention to the remote island. Which is more than just remote, but also beautiful.*

*Easter Island — named as such because it was discovered by the west by Dutch explorer Jacob Roggeveen on Easter Sunday in 1722 —, is small and triangular with an area of 180 square*

*kilometers (a little more than half of Ilhabela in the state of São Paulo). The Polynesians who had come there possibly between the 4th and 5th centuries had a different notion of size. Thus they didn't hesitate in calling it Rapa Nui, which means "big land."*

*Created from the eruption of three volcanoes — Poike, to the southeast, Rano Kau, to the southwest and Terevaka, to the north — is a rocky, black island, entirely covered with low-lying vegetation which makes it look like the Scottish Highlands. Its terrain is smooth, with valleys and hills no higher than 510 meters, but the rocky coasts and volcanic craters add some welcome*

*drama, producing natural precipices, caverns and fortresses. The climate is mostly humid and the heat moderate, giving way to chilly nights with starry skies in the isolated vastness of the Pacific.*

*All the island's drinking water comes from rain and some deep artesian wells. There are no rivers on Easter Island. Even worse: there are hardly any trees. You see some havens of replanted eucalyptus trees here and there but the story (or legend, rather) goes that all of the native lumber was used to transport the moai. So, as a consequence, any hike, excursion on horseback or bike ride on the island requires a thick layer of sunblock.*

*On the island's entire perimeter (just under*

de eucaliptos replantados, mas conta a história (ou a lenda) que toda a madeira nativa foi utilizada justamente na operação de transporte dos moais. Eis que, como consequência, qualquer caminhada, troteada ou pedalada pela ilha exige uma grossa camada de proteção contra o sol.

Em todo o perímetro da ilha (um pouco menos de 40 quilômetros) existem apenas duas praias de areia. A pequena Ovahe, muito apreciada por surfistas, e a tranquila Anakena, que além da água cristalina do Pacífico oferece aos circunstantes outro conjunto de moais voltado, como sempre, para o interior da ilha.

O único ahu de Páscoa virado em direção ao mar chama-se Akiwi e é considerado um dos mais antigos do lugar. Também construídos para reverenciar os antepassados, os sete moais dessa plataforma têm os olhos perdidos no mar, apontados rumo às ilhas da Polinésia, de onde teriam vindo.

Os habitantes, quase todos, vivem no *pueblo*, que é como eles próprios chamam a vila de Hanga Roa, lugar simples, asseado e, aí sim, colorido por flamboyants.

Hanga Roa tem mercados, oficinas, lojas para turistas e um campo de futebol em cuja plateia destaca-se a presença de um moai. O pequeno porto também fica no *pueblo* e recebe raros navios

## ILHA DE PÁSCOA

### EASTER ISLAND

40 kilometers), there are just two sandy beaches. The small Ovahe, a favorite among surfers, and the peaceful Anakena, which, in addition to its crystal clear Pacific waters, boasts yet another set of moai, facing inland, as always.

The only ahu on Easter Island which faces the ocean is called Akiwi and is considered one of the oldest ones there. Also built in honor of ancestors, the seven moai on this platform point their eyes into the sea, looking toward the islands of Polynesia, from whence they came.

Almost all the inhabitants live in the pueblo, which is how they refer to the village of Hanga Roa, a plain, simple place, colored by flamboyants.

Hanga Roa has markets, workshops, shops for tourists and a soccer field where the audience includes the illustrious presence of a moai. The island's small port is also located in the pueblo, where it welcomes occasional ships bringing supplies from Chile, a journey that lasts seven days. It's also the place where tour boats and snorkeling and scuba diving excursions set sail, usually to the waters with deep visibility along the islets known as Motu Kao Kao, Motu Iti and Motu Nui.

The long history of the Rapa Nui, rife with gaps and contradictions, is amazingly eventful for such a small and remote island.

The Easter Islanders lived, as far as anyone

trazendo suprimentos em uma viagem que consome sete dias desde a costa do Chile. De lá também partem os barcos de passeio e as excursões de snorkeling e mergulho, usualmente realizadas nas águas de imensa visibilidade junto às ilhotas chamadas Motu Kao Kao, Motu Iti e Motu Nui.

A longa história Rapanui, repleta de vácuos e contradições, é espantosamente agitada para uma ilha tão pequena e remota.

Os pascoenses viveram, ao que se sabe, em relativa paz até os séculos 15 e 16, quando uma crise de superpopulação (30 mil habitantes é a conta suposta) e escassez de recursos levaram a uma guerra entre tribos que resultou em alta mortandade, na destruição dos ahus e no abandono da cratera de Rano Raraku.

Ao final, foram eliminadas as elites de sacerdotes e a monarquia hereditária, cujos reis eram sempre sucessores de Hotu Matu'a, o líder da primeira colonização.

Na raiz do problema havia uma forte causa ambiental: a destruição completa das florestas, cuja madeira foi supostamente utilizada para o transporte dos moais.

Adotou-se, a partir de então, o tangata manu, o ritual do homem-pássaro como forma de escolha dos líderes. Uma vez por ano, na primavera, os chefes de todas as tribos levavam seus

knows, in relative peace up until the 15th and 16th centuries, when a crisis of overpopulation (30,000 is the supposed sum) and scarcity of resources led to a war between tribes which resulted in many casualties, the destruction of the ahus and the abandonment of the Rano Raraku quarry.

The outcome gave way to the elimination of the religious elite and the hereditary monarchy, according to which; kings had always been successors of Hotu Matu'a, the leader of the first colonization.

At the root of the problem was a strong environmental cause: the complete destruction of the forests, whose wood was supposedly used to transport the moai.

From that point on, tangata manu, the ritual of the bird-man was adopted as the method to choose leaders. Every spring, the chiefs of all the tribes take their best athletes to a competition similar to the modern triathlon. Starting in a ceremonial city installed at the top of the volcano Rano Kau — the island's greatest natural wonder —, the bird-men had to climb down the steep slopes to the sea, swim three kilometers through rough waters to the island of Motu Nui, retrieve the egg of a specific kind of seagull and transport it back to the top of the volcano. In order to keep the egg from breaking, competitors wore a kind of basket tied to their head or neck.

melhores atletas para uma competição que lembra o triatlo moderno. A partir de uma cidade cerimonial instalada no alto do vulcão Rano Kau – a maior maravilha natural da ilha –, os homens-pássaros tinham de descer as íngremes escarpas até o mar, nadar 3 quilômetros em águas bravias rumo à ilha de Motu Nui, recolher o ovo de um certo tipo de gaivota e transportá-lo de volta ao alto do vulcão. Para que o ovo não se quebrasse, os competidores usavam uma espécie de cesta atada à cabeça ou ao pescoço.

O primeiro a chegar entregava o prêmio ao seu líder, que assim se tornava governante por um ano.

Esse curioso sistema de governo durou até meados do século 19, quando uma nova tragédia abateu-se sobre a ilha. Então oficialmente ligada à Coroa espanhola, depois que um vice-rei peruano reencontrou Páscoa em 1770, a vida seguia tranquila entre os rapanuis. Até que, entre 1862 e 1863, 24 navios escravagistas peruanos sequestraram 1.400 ilhéus (de um total de pouco mais de 2 mil habitantes) para trabalhos forçados nas fazendas e na exploração de guano na costa de Tarapacá.

A pressão internacional, principalmente da França, suspendeu a operação, mas apenas 15 rapanuis sobreviveram e foram levados de volta à ilha.

Contaminados por varíola e tuberculose, os sobreviventes acabaram espalhando epidemias

## ILHA DE PÁSCOA

### EASTER ISLAND

*The first to arrive would present the prize to their leader, who would thus become governor for a year.*

*This curious system of government lasted up until the mid 19th century, when tragedy struck the island yet again. Then officially ruled by the Spanish crown, after a Peruvian viceroy rediscovered Easter Island in 1770, life was peaceful for the Rapa Nui. But, between 1862 and 1863, 24 Peruvian slave ships abducted 1400 islanders (from a total population of just over 2000) and subjected them to forced labor in the farms and in the exploration of guano on the coast of Tarapacá.*

*International pressure, mainly from France,*

*suspended the operation, but only eleven Rapa Nui survived and were brought back to the island.*

*Infected with smallpox and tuberculosis, the survivors ended up spreading disease among the Rapa Nui who, according to almost always imprecise numbers, were reduced to 110 individuals in 1877.*

*On the brink of extinction, the few remaining didn't even mind when French entrepreneurs started raising sheep on the island. Nor were they bothered by Chile's attempt, which proved successful, to take control of the island.*

*Those visiting Hanga Roa nowadays will notice that the tension between natives and white people*

entre os rapanuis, que, segundo números (quase sempre imprecisos), foram reduzidos a 110 indivíduos em 1877.

A um passo da extinção, os poucos remanescentes nem se importaram quando empreendedores franceses começaram a criar ovelhas na ilha. Tampouco se lixaram para a tentativa, coroada de sucesso, de o governo do Chile requerer a soberania sobre a ilha.

Quem vê Hanga Roa nos dias de hoje percebe que a tensão entre nativos e brancos ainda persiste, mas não evolui, porque há medo maior dos grupos litigantes: o de que as notícias desse desentendimento espantem os viajantes que hoje são a base da economia de Páscoa.

Pois nem pense nisso: quando você estiver na borda da cratera do Ranu Kao, um buraco perfeitamente redondo de 1,5 quilômetro de diâmetro e 200 metros de profundidade, sua maneira de ver o mundo vai mudar. Com o olhar perdido de um moai, você verá, no fundo dele, um lago azul coberto de vegetação verde, formando o atlas de um planeta cujos continentes são mais numerosos e bem distribuídos entre os oceanos. Um mundo tão belo e intrigante quanto a própria Ilha de Páscoa.

*still persists, but it hasn't evolved, because of the conflicted parties' greater fear: that news of this misunderstanding will scare off the travelers who now account for Easter Island's economic base.*

*So think about this: when you're standing at the edge of the crater known as Ranu Kao, a perfectly round hole 1.5 kilometer in diameter and 200 meters deep, it changes the way you see the world. With the fixed gaze of a moai, you'll see, at the very bottom, a blue lake covered in green vegetation, forming the atlas of a planet whose continents are greater in number and better distributed among the oceans. A world as lovely and intriguing as Easter Island itself.*









Cocaleiro > BOLÍVIA  
Coca farmer > BOLÍVIA



Peça Inca > PERU  
An Incan piece > PERU

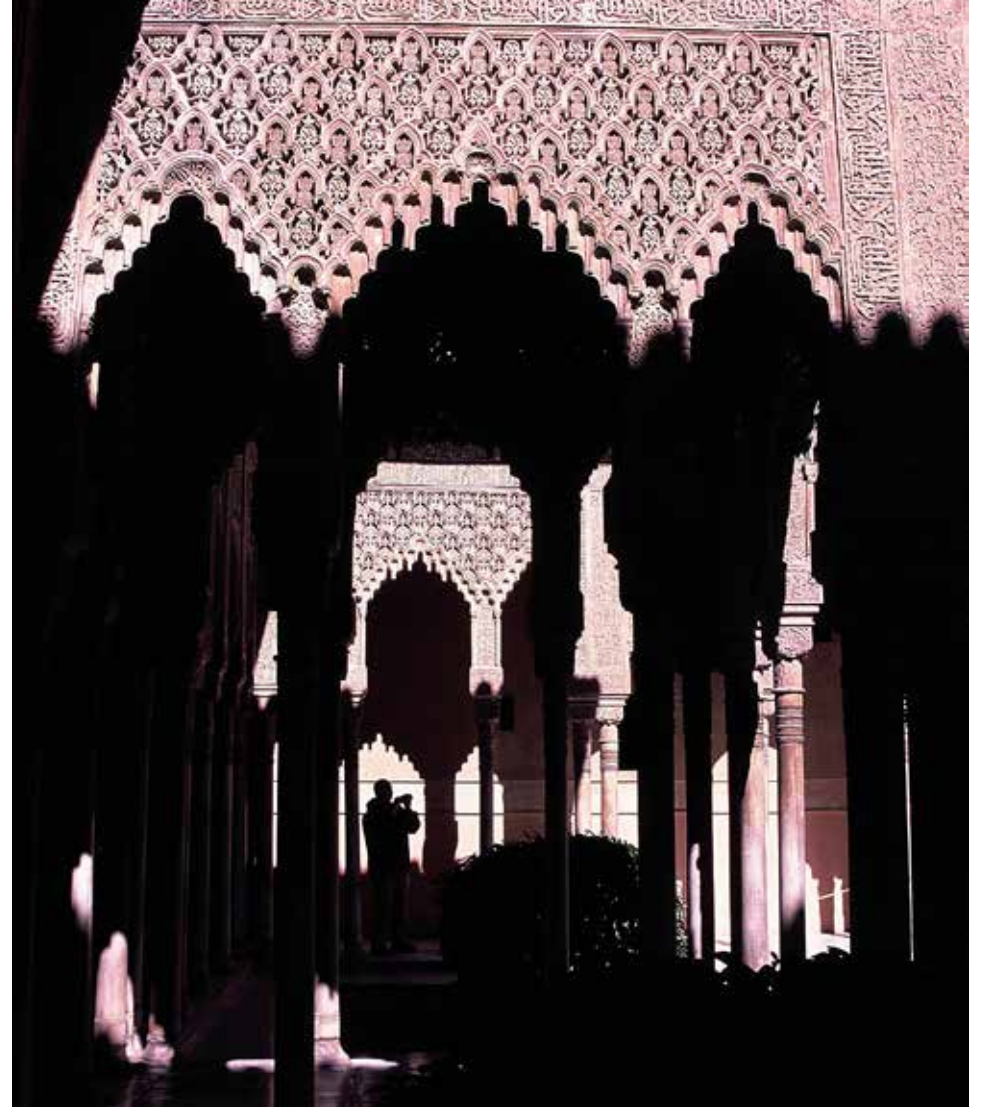








Sevilha > ESPANHA  
Seville > SPAIN



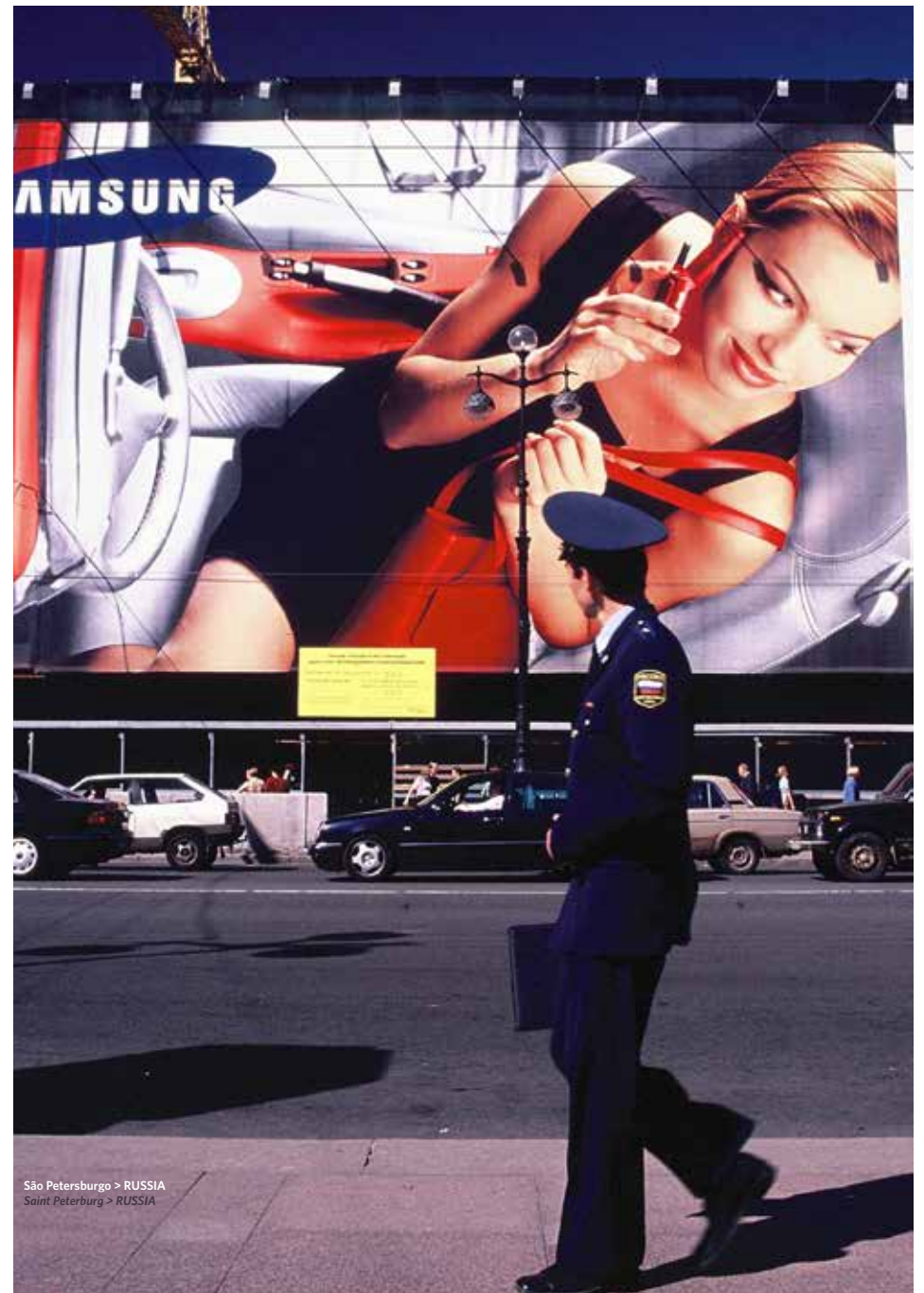
Granada > ESPANHA  
Granada > SPAIN







São Petersburgo > RUSSIA  
Saint Petersburg > RUSSIA



São Petersburgo > RUSSIA  
Saint Petersburg > RUSSIA









Havana > CUBA  
Havana > CUBA



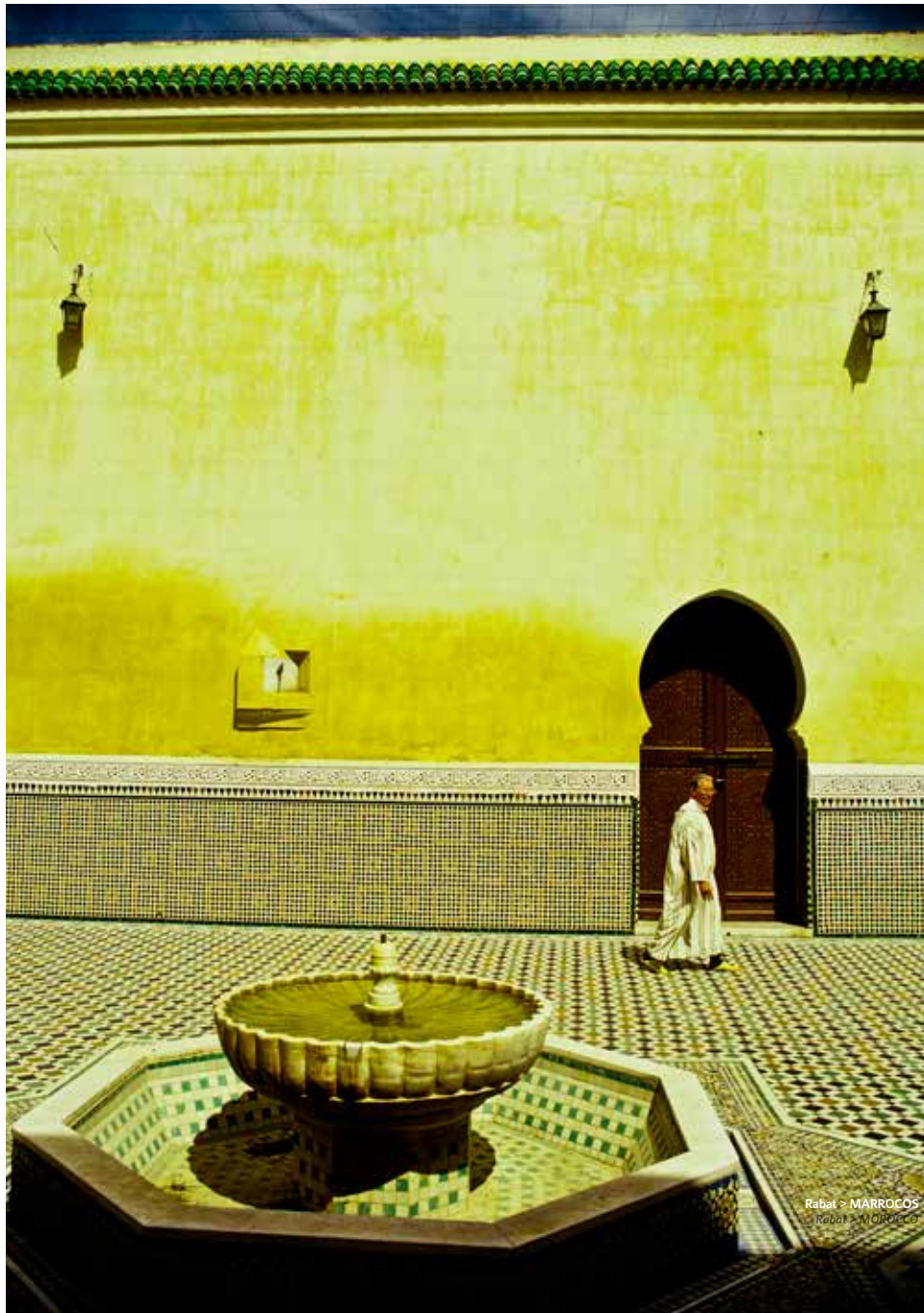
Havana > CUBA  
Havana > CUBA





Marrakesh > MARROCCO  
Marrakesh > MOROCCO





Rabat > MARROCCO  
Rabat > MARROCCO



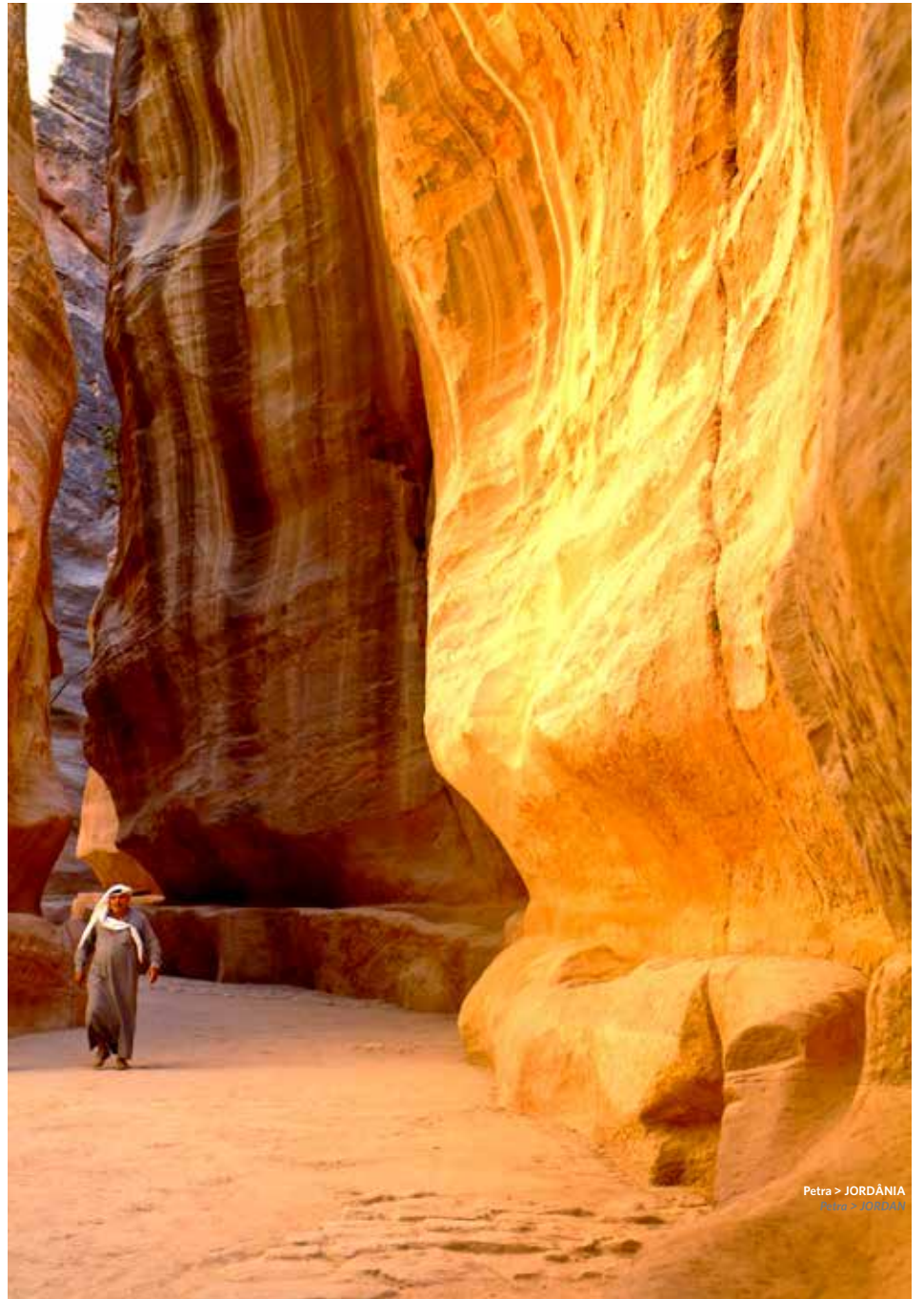
Fez > MARROCCO  
Fez > MARROCCO





Deserto de Wadi Rum > JORDÂNIA  
The Wadi Rum Desert > JORDAN





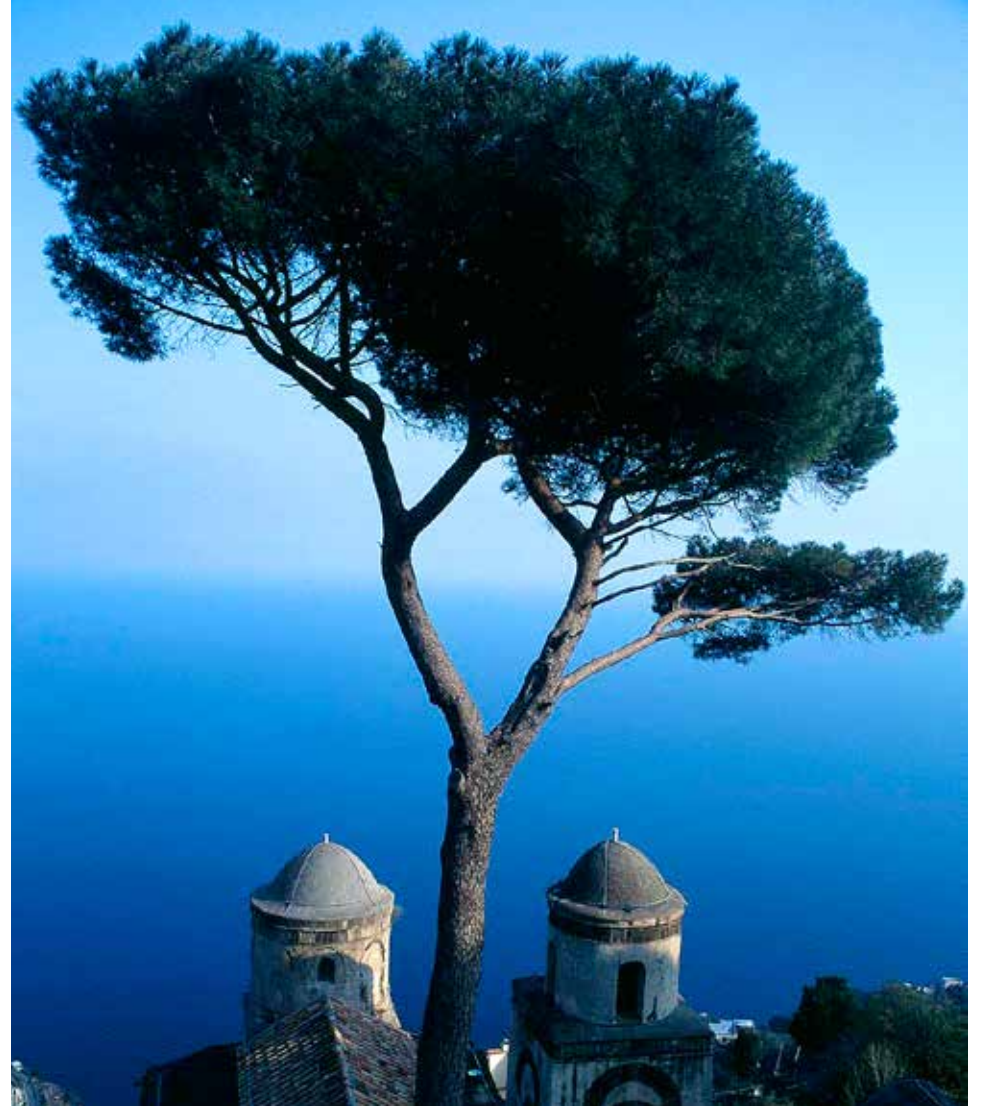






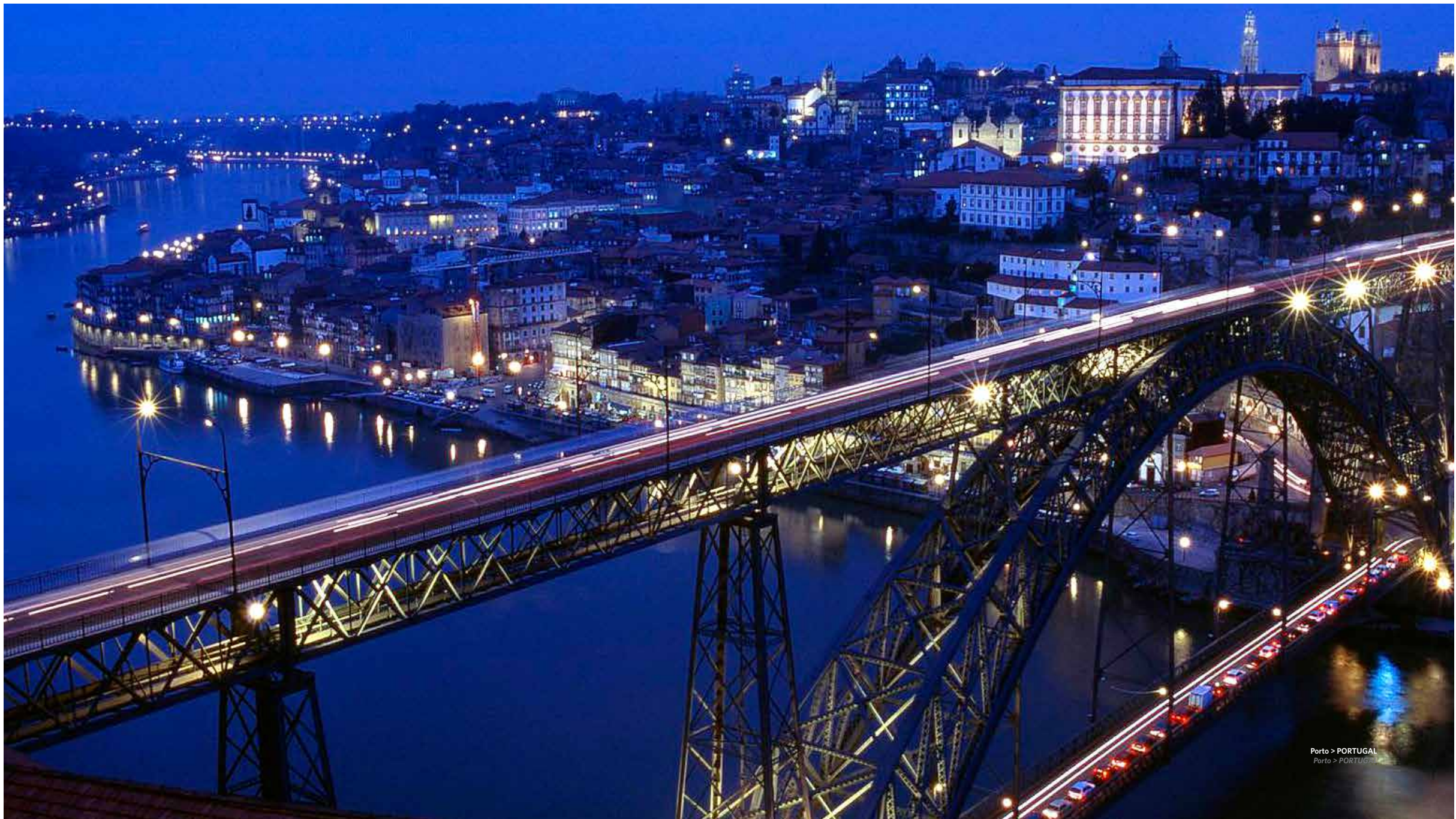


Capri > ITÁLIA  
Capri > ITALY



Costa Amalfitana > ITÁLIA  
The Amalfi Coast > ITALY

















Budapest > HUNGRIA  
Budapest > HUNGARY

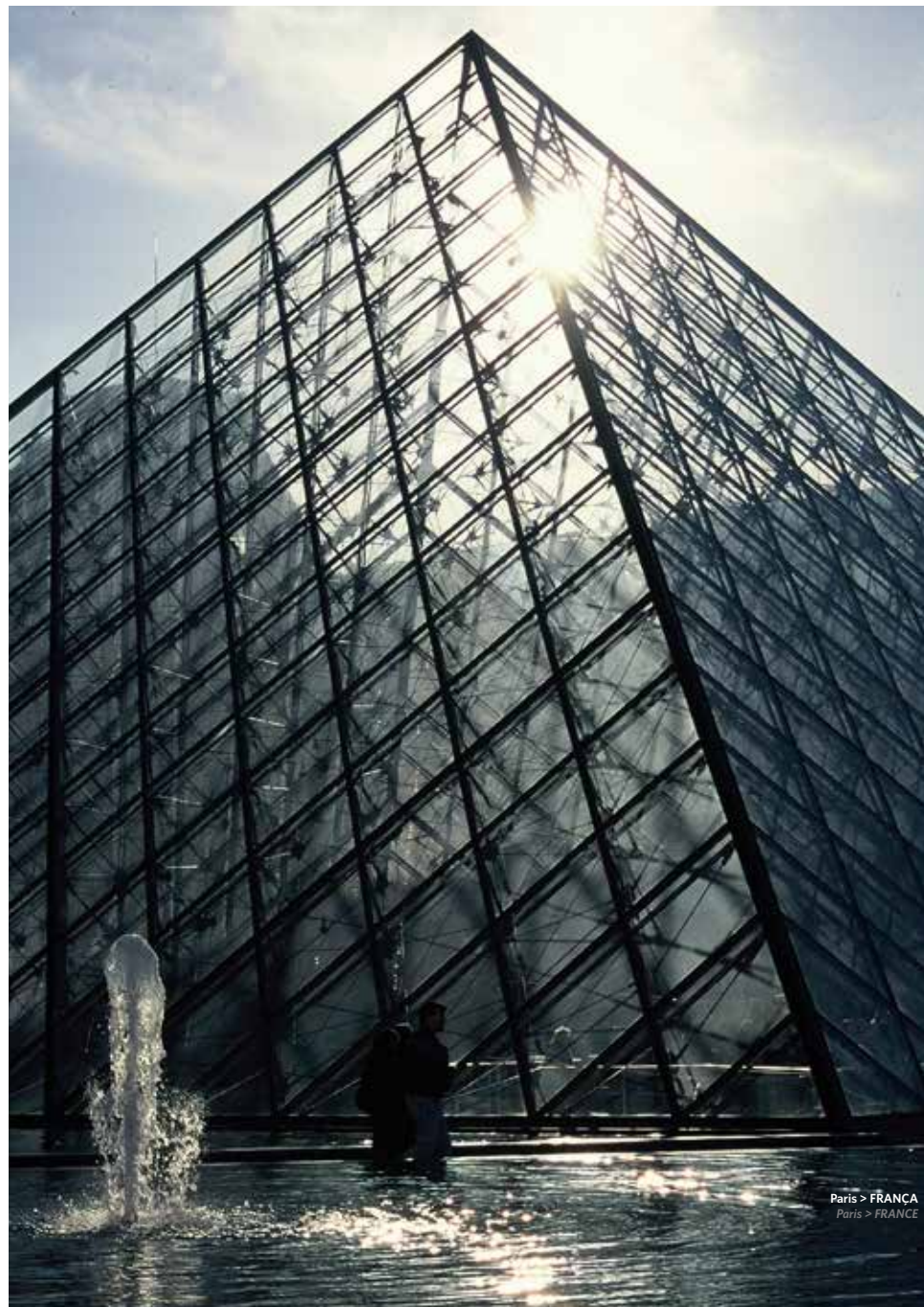


Praga > REPÚBLICA TCHECA  
Prague > CZECH REPUBLIC









Paris > FRANCA  
Paris > FRANCE



Paris > FRANCA  
Paris > FRANCE



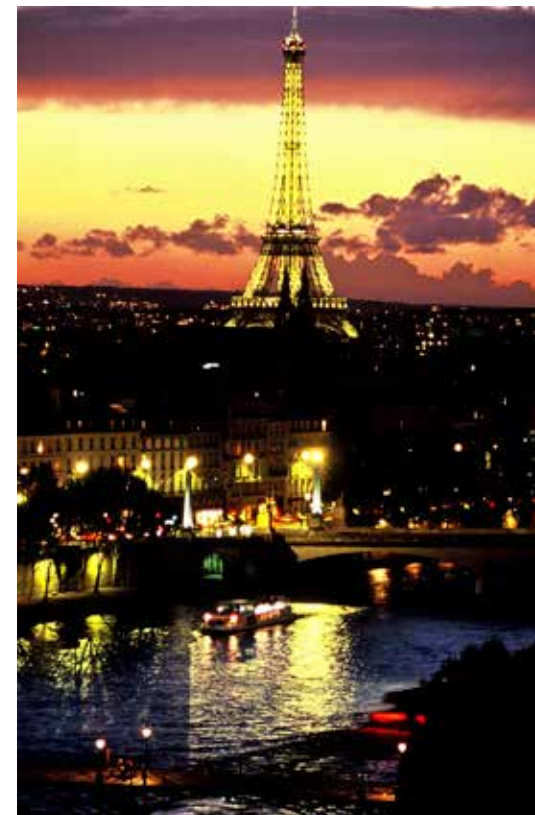
**PARIS** Embora os livros de história, as bibliotecas e as centenas de museus espalhados pelos dois lados do Rio Sena afirmem o contrário, a Paris que trago na cabeça não tem nada a ver com os parisi, que é como se chamavam os membros da tribo celta que se instalou na Ile de la Cité por volta de três séculos antes de Cristo. Não resta dúvida de que foi em torno deles que se desenvolveu o vilarejo mais tarde invadido pelos romanos, batizado Lutécia e rebatizado Paris no ano 360 de nossa era. Mas nem isso me convence de que estamos falando da mesma cidade.

A que conheço, de velhos almanaques, de livros e pensadores que tanto fizeram a cabeça do Ocidente num passado mais próximo, está mais para o olhar cheio de glamour das bailarinas de cabaré da Belle Époque do que para o furor guerreiro de reis e imperadores com nomes estranhos como Childeberto I, Childerico II ou Pepino, o Breve. Está mais para o delírio art nouveau que se percebe em endereços como a entrada da estação de metrô Porte Dauphine do que para a arquitetura tipicamente romana que ainda se vê nas ruínas das Termas de Cluny, no Quartier

*PARIS Though the history books, libraries and hundreds of museums scattered on both sides of the Seine might affirm the contrary, the Paris that lives in my mind has nothing to do with the Parisii, the name for members of the Celtic tribe that settled on the Île de la Cité approximately three centuries before Christ. It is undisputed that they gave way to the development of the village that was later invaded by the Romans, christened Lutetia and renamed Paris in the year 360. But even this is not enough to convince me we're talking about the same city.*

*The one I know, from old almanacs, books*

*and thinkers that so inspired the western world in the more recent past, is closer to the glamorous image of cabaret dancers from the Belle Époque than the warlike furor of the kings and emperors with such strange names as Childebert I, Childeric II and Pepin the Short. It's closer to the Art Nouveau delirium observed at such places as the entrance to the Porte Dauphine subway station than the typically Roman architecture that can still be seen in the ruins of the Thermes de Cluny in the Latin Quarter, of much greater historical value. It is, ultimately, much better represented by the black and white photos of Robert Doisneau and Cartier-*



Latin, de valor histórico muito maior. Está, enfim, mais bem representada pelas fotos em preto e branco de Robert Doisneau e Cartier-Bresson do que pela publicação de *O Espírito das Leis*, de Montesquieu, embora não restem dúvidas quanto à influência dessa obra sobre as formas de governo posteriormente adotadas.

Não abdicar do direito de fantasiar que Paris tenha sido descoberta, de fato, no século 19, avistada pela primeira vez por uma expedição de pintores impressionistas. *Pourquoi pas?*

Afinal foram Monet, Toulouse Lautrec e Degas, entre outros, os primeiros a levar os cavaletes para a rua e captar a *joie de vivre* de Paris. Antes disso, a capital da França era, apenas, uma grande cidade europeia, com algumas construções interessantes e milhares de miseráveis (lembra-se de Victor Hugo?) nas ruelas estreitas e malcheirosas próximas ao Sena. Mas afora derrubar a Bastilha, o povo ainda não tinha conquistado sequer um sistema de esgotos. Foi o autoproclamado imperador Napoleão III, sobrinho de Bonaparte, o responsável pela grande metamorfose de Paris, a partir de 1852. Ele investiu seus quase 20 anos de poder na transformação de Paris em mais bela e imponente capital da Europa, nomeando o barão Haussmann para redesenhar a cidade. Missão, aliás, executada com grande competência pelo austero aristocrata, que se cercou de

## PARIS

### PARIS

*Bresson than by the publication of The Spirit of the Laws, by Montesquieu, though there's certainly no doubt as to the work's influence on subsequently adopted forms of government.*

*I reserve the right to fantasize that Paris was actually discovered in the 19th century, viewed for the first time by an expedition of Impressionist painters. Pourquoi pas?*

*After all, it was Monet, Toulouse Lautrec and Degas, among others, who first took their easels to the streets and captured Paris's joie de vivre. Before, the French capital was just a big European city, with some interesting buildings and thousands living in misery (remember Victor*

*Hugo?) in the smelly, narrow streets around the Seine. Still, though they had taken down the Bastille, the people still hadn't achieved a sewage system. The self-proclaimed emperor Napoleon III, nephew of Bonaparte, was the man responsible for Paris's grand metamorphosis, which started in 1852. He invested his nearly 20 years in power in transforming Paris into the most beautiful and imposing capital in Europe, nominated Baron Haussmann to redesign the city. This mission was in fact executed with great competence by the austere aristocrat, who surrounded himself with great architects to demolish the dirty alleyways and, atop their remains, erect the ample*

grandes arquitetos para demolir vielas sujas e, sobre seus despojos, erguer os amplos bulevares e os espaços geometricamente ordenados que se veem na Paris de hoje.

Na *rive droite* – o lado de “cima” do Sena – todas as paisagens começam na Place de l'Étoile (praça da estrela), assim chamada porque dela saem 12 avenidas formando uma espécie de núcleo da teia de ruas e bairros que se teceu ao redor. Sem a Étoile, não haveria, por exemplo, a elegância da Avenue Foch, a mais larga da cidade, com 120 metros de pista e jardins margeados por *hotéis particuliers* (mansões) de reis, xeques astros e capitães de indústria. Nem o eixo monumental da cidade. Aquele que começa no Louvre, passa pelas pirâmides construídas por I. M. Pei na Place du Carrousel, pelo pequeno e belo Arco do Carrousel, cruza o obelisco egípcio de 33 décadas da Place de la Concorde, sobe a Champs-Élysées atinge o Arco do Triunfo e avança para noroeste até o impressionante Grande Arco de la Défense, sob cujo gigantesco vão poderia passar uma Notre Dame inteira.

Mas o melhor da Étoile é a deliciosa confusão que se observa quando carros vindos de 12 direções diferentes se encontram, os motoristas xingando e bufando em busca de uma saída diferente, rumo a outros bairros da cidade. Solene, no meio da bagunça, o Arco do Triunfo é

*boulevards and geometrically - ordered spaces that you see in Paris today.*

*In La Rive Droite — the “high” side of the Seine — all the sights start at the Place de l'Étoile (“Square of the Star”), thus named because it is the meeting place of twelve avenues, forming a kind of nucleus in the web of streets and neighborhoods that is woven around it. Without Étoile, we wouldn't have, for example, the elegance of Avenue Foch, the widest in the city, with 120 meters of driving lanes and gardens flanked by the hotéis particuliers (mansions) of kings, sheiks, stars and captains of industry. Nor the city's axis of monuments. The one that starts at the Louvre,*

*passes the pyramids built by I. M. Pei at the Place du Carrousel, by the small and beautiful Arc du Carrousel, crosses the Egyptian obelisk that's 33 decades old at the Place de la Concorde, goes up the Champs Elysées up to the Arc de Triomphe and advances northeast to the spectacular La Grande Arche de la Défense, which could fit an entire Notre Dame in its gigantic hollow space. But the best thing about Étoile is the delightful confusion that can be observed when cars driving from 12 different directions come together, the drivers cursing and struggling to find a different exit, on course for the city's other neighborhoods. Solemn in the midst of the chaos, the Arc de Triomphe is*



testemunha desse pastelão diário. O Arco, que foi prometido por Napoleão aos seus soldados depois da vitória na batalha de Austerlitz – e que só ficou pronto em 1836 –, já teve dias mais gloriosos, durante os desfiles das tropas que venceram as duas Guerras Mundiais. Mas também já testemunhou a euforia de invasores, como Hitler, que, entre setembro 1941 e agosto de 1944 ocupou a cidade, num episódio de que os franceses não gostam de falar, porque não querem contar de que lado estiveram.

Voltando a Haussmann, agora merecido nome de um bulevar, seu projeto deu viabilidade à estrutura da cidade, baseada em 20 *arrondissements* (bairros), até hoje com administração independente, sob a supervisão de um prefeito geral. Eles formam uma espécie de círculo, facilmente identificável num mapa, mas dificilmente compreensível para quem não viva por aqui. Ao contrário da outra grande capital do Ocidente, Nova York, onde ninguém fica desorientado, Paris é um ótimo lugar para você se perder. As diagonais afastam-se do eixo assustadoramente. E apesar da clara vocação para a simetria que se percebe nas construções e nos jardins, do ponto de vista urbanístico, a cidade é um grande quebra-cabeça. Eis porque o melhor é sempre ter um mapa ao alcance da mão e uma clara noção do que se quer fazer. Ou fazer a opção de permanecer sempre às margens do Sena.

## PARIS

### PARIS

*witness to this daily slapstick. The Arc, promised by Napoleon to his troops after the victory of the Battle of Austerlitz — and which was only completed in 1836 — has seen more glorious days, like the parades of the soldiers who won the two world wars. But it has also witnessed the euphoria of invaders like Hitler, who occupied the city from September, 1941 to August, 1944, a period which the French don't like to talk about, since they don't want to say which side they were on.*

*Getting back to Haussmann, now honored with a boulevard in his name, his project made the city's structure viable, based on twenty arrondissements (neighborhoods), independently administered to*

*this day, under the supervision of a general mayor. They comprise a kind of circle, easily identifiable on a map, but hard to understand for those who don't live in Paris. Unlike the other great capital of the western world, New York City, where no one loses their bearings, Paris is a great place to get lost. The diagonals spread out dramatically from the axis. And despite the clear vocation for symmetry that can be seen in the constructions and gardens, from an urban planning point of view, the city is one big jigsaw puzzle. Hence the reason why it's always best to have a map within reach and a clear notion of what you want to do. Or opt to stay close to the banks of the Seine.*

Oitenta e quatro por cento das atrações mais visitadas de Paris ficam na área de abrangência do rio que cruza a cidade por exatos 13 quilômetros. Ou seja: se você encontrá-lo, você encontrou Paris. Está tudo ali nos cais, nas pontes, nas ilhas e nos bulevares. Ou, no máximo, a razoáveis distâncias de caminhada. Ver Paris a partir do Sena é conhecê-la do jeito certo. A cidade nasceu no rio. As pedras da primeira povoação, na Ilha de la Cité, chegaram através dele. O sangue dos que a defenderam correu pelo seu leito. As cabeças defenestradas na Revolução de 1789 boiaram em suas águas. As teses libertárias, os romances históricos, as paixões proibidas, o cubismo, o dadaísmo, o existencialismo, o realismo (quase todos os outros “ismos” também) molharam-se no Sena e seguiram o seu curso.

Há rios que atravessam cidades. O Sena é atravessado por Paris. Suas margens são a referência de tudo. É a partir delas que se medem as distâncias da cidade e os números dos edifícios. São elas também que delimitam a maioria dos *arrondissements*. Pelo Sena fluem, a cada ano, 22 milhões de toneladas de mercadorias, de grãos a materiais de construção. Pelo Sena trafegam, diuturnamente, 20 enormes embarcações de turismo, alguns restaurantes flutuantes e quatro ônibus-aquáticos, os *batobus*.

*Eighty four percent of the Paris's most-visited attractions are located in the vicinity of the river that crosses the city for exactly 13 kilometers. In other words, if you can find it, you've found Paris. It's all there in the docks, the bridges, the islands and the boulevards. Or, at most, within reasonable walking distances. To see Paris from the vantage point of the Seine is to see it correctly. The city was born from the river. It brought the stones of the first settlement, on the Île de la Cité. The blood of those who defended it flowed into the riverbed. The severed heads from the revolution of 1789 floated in its waters. Libertarian theses, historical novels, forbidden passions, cubism, dadaism,*

*existentialism, realism (and almost all the other “isms”) first got their feet wet in the Seine before continuing on their way.*

*There are rivers that cross cities. Paris crosses the Seine. Its banks are the reference for everything. It is from them that the distances in the city are measured and the buildings are numbered. They are also the borders that define most of the arrondissements. Every year, 22 million tons of merchandise travel the Seine's waters, from grains to construction material. Each day, some 20 tourist boats sail the Seine, as well as some floating restaurants and four water buses, known as batobus.*

O Sena é onipresente. Sinta o rio como uma mulher, “uma linda loira de olhos sorridentes”, como o chamava a cantora Mistinguett. Ou como uma abstração, “a alma de Paris”, nas palavras do escritor André Gide. Duvide até da composição química de suas águas, como o fazia Yves Montand, que, da janela de seu apartamento na Ilha de Saint-Louis, afirmava que o Sena “é uma interminável fonte de embriaguez”.

A área completa de Paris tem 1.200 quilômetros quadrados, onde dormem 2 milhões e 100 mil pessoas. Durante o dia, porém, outros 10 milhões de moradores da região circunvizinha, chamada Ile de France, invadem a capital para ocupar seus postos de trabalho. E essa movimentação só ocorre com certa ordem porque o metrô de Paris é um dos melhores do mundo, com 200 quilômetros de trilhas subterrâneas, 15 linhas e 370 estações, muitas delas tão emaranhadamente interligadas que formam verdadeiras cidades underground. Isso sem contar as composições do RER, linhas mais longas de trens de subúrbio, que na prática invadem a cidade e conectam-se às outras estações, funcionando exatamente como o metrô.

Paris tem uma alma que nem as mais poderosas lentes conseguem registrar. Um charme surpreendentemente invisível numa cidade com vocação exibicionista. São pequenos detalhes

## PARIS

### PARIS

*The Seine is omnipresent. You feel the river like a woman, “a beautiful blonde with smiling eyes,” as the singer Mistinguett described it. Or like an abstraction, “the soul of Paris,” in the words of the writer André Gide. Some even question the chemical makeup of its water, like Yves Montand, who, from the window of his apartment in Île Saint-Louis, called the Seine “an endless source of intoxication.”*

*Paris has a total area of 1200 square kilometers, in which 2,100,000 people sleep. During the day, however, another 10 million residents of the surrounding region, called Île-de-France, invade the capital to occupy their work*

*posts. And this orderly movement is only possible because the Paris metro is one of the best subway systems in the world, with 200 kilometers of underground tracks, 15 lines and 370 stations, many of which are so intertwined that they form true underground cities. Not to mention the RER system, comprised of longer lines of suburban trains which, in practice, invade the city and connect to other stations, functioning exactly as the subway does.*

*Paris has a soul that even the most high-powered cameras are unable to register. A surprisingly invisible charm in a city with a vocation for exhibitionism. There are small*

*details in the streets, sidewalks, windows, doors and roofs capable of leaving you permanently enchanted. Whether it be the display window of a pastry shop, where there’s always a parade of pies and decorated desserts, or the detailing on a Neoclassical façade or a bicycle tied to a post at the entrance of a bistro. Everything here was made to be seen, not just used.*

*Parece uma exposição permanente. Os parques e jardins possuem canteiros minuciosamente ordenados. Os parisienses usam trajes elegantes, como se tivessem despencado de uma passarela no Feaubourg Saint Honoré direto nas calçadas bem pavimentadas. A sombra das castanheiras e das faias de seus 400 parques e praças é a mesa dos convescotes, dos queijos, dos pães e dos vinhos.*

*Os cafés, com suas cadeiras sempre de frente para a rua, são como vitrines de gente. A diferença é que os itens do mostruário não estão ali apenas para ser vistos, mas também para ver, de modo que, mesmo tomando um cappuccino ou comendo um *croque monsieur* (versão local do misto-quente), o cidadão não perde nada do que acontece na cidade. Graças a essa propensão ao estrelato, é comum ver nas ruas de Paris cenas que, em outras partes, simplesmente não ocorrem. Ou você já viu, em outra cidade, mulheres cujos vestidos combinam com seus cachorros?*

*details in the streets, sidewalks, windows, doors and roofs capable of leaving you permanently enchanted. Whether it be the display window of a pastry shop, where there’s always a parade of pies and decorated desserts, or the detailing on a Neoclassical façade or a bicycle tied to a post at the entrance of a bistro. Everything here was made to be seen, not just used.*

*It seems like a permanent exhibition. The parks and gardens feature meticulously – ordered flowerbeds. Parisians dress elegantly, as if they had stepped off a Feaubourg Saint Honoré runway straight onto the impeccably-paved sidewalks. The shade beneath the chestnut and beech trees*

*in its 400 parks and city squares serves as picnic table where cheese, bread and wine are served.*

*The cafés, with their chairs forever facing the street, are like display cases of people. The difference is that the items on display aren’t just there to be seen, but to also see, such that, even while sipping a cappuccino or snacking on a *croque monsieur* (the local version of a ham and cheese sandwich), these citizens don’t miss out on anything that goes on the city. Thanks to this propensity for histrionics, it’s normal to see scenes in the streets of Paris which simply don’t happen in other places. I mean, have you ever seen women wearing dresses that match their dogs in any other city?*







Londres > INGLATERRA  
London > ENGLAND



**LONDRES** No final dos anos 60 e no início dos 70, Londres era o lugar para onde todo mundo queria ir. Era indispensável pisar o chão dos Beatles em Abbey Road, respirar a atmosfera psicodélica de Carnaby Street e comprar uma camisa de crepe indiano nas barracas de Portobello Road. Era preciso ter a sensação, ultrajante e deliciosa, de ser abordado em Picadilly Circus por um cabeludo de olhos injetados, oferecendo hash. Era fundamental ir aos teatros West End para ver as montagens de *Hair*, *Jesus Christ Superstar* e *Rock Horror Show*.

Depois passou. John Lennon morreu. A Carnaby Street virou mercado de bugigangas. O crepe indiano micou, assim como as costeletas de Jackie Stewart e as calças boca de sino – se bem que essas voltaram. O West End continuou brilhando, porque, afinal, a cidade tinha 7 milhões de habitantes cultos e nunca deixou de receber turistas. Mas já não era preciso ir para Londres. Era apenas legal. Tinha aqueles senões de sempre. A comida! Quem gosta de torta de rins? Cerveja quente? Fica com a minha. Primeiros-ministros sem carisma. Greve de mineiros. Onde tem

**LONDON** *In the late 1960s and early '70s, London was the place that everyone wanted to be. The experience-- of walking in the Beatles' footsteps on Abbey Road, breathing in the psychedelic atmosphere of Carnaby Street and buying an Indian crepe shirt at one of the stands on Portobello Road-- was essential. You needed to have the feeling, outrageous and delightful as it was, of being approached by a long-haired guy with bloodshot eyes offering you hash in Piccadilly Circus. Going to the theaters in the West End to see productions of *Hair*, *Jesus Christ Superstar* and the *Rock Horror Show* was fundamental.*

*Then it was over. John Lennon died. Carnaby Street turned into a market for cheap trinkets. Indian crepe went out of style, along with the Jackie Stewart sideburns and bellbottom jeans — though the latter did make a comeback. The West End continued to ride high, because, after all, the city has some seven million cultured inhabitants, not to mention the tourists, who never stopped coming. But going to London wasn't a must anymore. It was just nice.*

*There were always those little flaws. The food! Does anyone actually like kidney pies? Warm beer? Here, you can have mine. Prime ministers*



uma cantina italiana pelo amor de Deus? (Ou será que vou ter que comer aquele hambúrguer borrachudo do Wimpy's de novo?) E os prédios envidraçados? Londres tentava ser Nova York, mas só produzia elefantes brancos. A moderna arquitetura inglesa ainda estava nas pranchetas das universidades.

E, no entanto, era legal. Mas não mais obrigatória. Quer dizer: cidades não são como peças, que entram e saem de cartaz. Ainda mais metrópoles. E Londres, ora, Londres perde o pelo, mas não perde o vício. Foi capital do mundo. Sede do império onde o sol jamais se punha. Se Roma continua Roma e já não tem Júlio César há 2 mil anos, Londres não murchará só porque a rainha Victoria não reina há cento e poucos anos ou porque as colônias se emanciparam ou porque a grana rola mais abundante em Wall Street do que na City.

Cidades assim vivem sempre no imaginário das pessoas. Mas de vez em quando perdem o brilho. Como se alguém tivesse esquecido de polir os metais. Ou de cair as paredes, o que no caso em questão é fundamental, já que a umidade de Londres é célebre – e não há de diminuir só por causa de uma crise de identidade à toa. Pintou um clima assim, de entressafra, na capital da Inglaterra pós-Beatles, The Who e Pink Floyd. Em suma: Londres continuava legal, mas o barato

## LONDRES

### LONDON

*with zero charisma. Striking miners. For the love of God, where is there a cantina? (or will I have to eat another rubbery hamburger at Wimpy's?). And what about the glass buildings? London tried to turn into New York, but only came up with white elephants. Modern British architecture was still on university drawing boards.*

*And, in the meantime, it was nice. But it was no longer essential.*

*In other words, cities are not like theater shows, which run for determined periods of time. Especially big cities. And London, hey, London might change its skin, but its vices stay the same. It was once the capital of the world. Home to an empire*

*on which the sun never set. If Rome is still Rome even though it hasn't had Julius Caesar for 2000 years, London won't fold just because Queen Victoria hasn't been on the throne for a little over 100 or because the colonies got their independence or because there's more money in Wall Street than in the City.*

*These kinds of cities live on in people's imaginations. But every now and then, they lose their shine. As if someone had forgotten to polish the metal. Or whitewash the walls, something that's fundamental in this case, being that the London humidity is well-known — and there's no need to disparage it because of some baseless identity cri-*

era Amsterdã – e a moçada ia toda para o outro lado do canal. Fora o casamento do século, que virou a baixaria da década, parecia que não havia nada de especial rolando nas terras que um dia foram do mulherengo Henrique VIII. O mundo soube que o príncipe Charles adoraria ser o absorvente de Camilla-Parker Bowles, ouviu dizer que Lady Di andou prevaricando nos estúbulos reais, mas, ora, isso não era razão determinante para se visitar uma cidade. A não ser para alguns americanos que, como disse Ms. Patt Scott, “não se interessam por nada, a não ser por eles mesmos e pelas fofocas da nossa família real”. Patt Scott, que doravante será chamada apenas de senhora Scott, é uma sábia (já se viu pelo comentário) septuagenária londrina. Quando a swinging Londres dos anos 60 balançou o mundo, ela ninava o primeiro neto e não deixava de preparar o chá com biscoitos para o marido bancário. Quando Nixon renunciou, ela ouviu pela BBC, no rádio de válvula que até hoje enfeita a sala aconchegante de sua casa em Chelsea. Quando Margaret Thatcher devolveu certo peso político à Inglaterra, ela vibrou intimamente, porque sempre soube que as mulheres, especialmente as tories (do Partido Conservador), tinham a cabeça no lugar. E quando o marido morreu, no início dos anos 80, ela atravessou a rua estreita de casas geminadas onde mora, entrou na austera e pequena Christchurch e agradeceu a Deus por suas filhas estarem

*sis. A kind of inter-harvest atmosphere settled on England post-Beatles, the Who and Pink Floyd. In short, London was still nice, but Amsterdam was the real hotspot — and all the cool kids were heading for the other side of the channel. Aside from the wedding of the century, which turned into the tabloid trash of the decade, it seemed like there was nothing special going on in the land once ruled by the womanizing Henry VIII. The world knew that Prince Charles would have loved to have been Camilla-Parker Bowles's tampon, they heard that Lady Di had been trespassing in the royal stables, but, well, this was no decisive reason to visit a city.*

*If not for a few Americans who, as Mrs. Patt*

*Scott once said, “aren't interested in anything, except for themselves and the gossip surrounding our royal family.” Patt Scott, who we'll call Mrs. Scott from now on, is a wise (as you can tell from the above remark) London septuagenarian. When the swinging London of the 1960s was rocking the world, she was nursing her first grandson and making tea and biscuits for her banker husband. When Nixon resigned, she heard it on the BBC on the old-fashioned radio which adorns her comfy sitting room in her Chelsea home to this day. When Margaret Thatcher restored a certain political weight to England, she glowed privately, because she always knew that the women, especially*



encaminhadas, já que a pensão do falecido mal daria para manter o impecável jardim de 6 metros quadrados no fundo de sua casa.

Para complementar o orçamento, a delicada senhora decidiu transformar os quartos de suas duas filhas e o seu próprio café da manhã em um *bed & breakfast*. Milhares de pequenos proprietários do país fizeram a mesma coisa nos anos em que o desemprego andou mais grave nas Ilhas Britânicas. Dado o menor interesse por Londres, porém, os dormitórios viviam vazios.

Mas, aos poucos, a situação começou a melhorar. Primeiro, só um pouco. Depois, mais. Até chegar aos cem por cento. Isto mesmo: os dois quartos estão ocupados todos os dias. Vem gente do mundo todo. Com as 70 libras que cada visitante deixa por uma noite de hospedagem, a senhora Scott até trocou o papel de parede da sala, comprou uma geladeira nova e faz planos de viajar para a Nova Zelândia.

“Acho que Londres está na moda de novo”, mencionou, fleumaticamente, a sra. Scott, numa conversa recente.

O vulcão cultural que a cidade sempre foi voltou a funcionar.

As publicações mais *up to date* não deixaram de registrar o fenômeno.

## LONDRES

### LONDON

*tories (the conservative party), had good heads on their shoulders. And when her husband died; in the early 1980s, she crossed the narrow street of twin houses where she lives, entered the austere Christchurch and thanked God that her daughters had their lives in order, since her late husband's pension was barely enough to maintain the impeccable garden located in the six-square-meter space behind her house.*

*To supplement her income, the delicate lady decided to use her two daughters' rooms and her own morning cooking and run a bed and breakfast out of her house. Thousands of homeowners in the country did the same thing in the years when un-*

*employment in the British Isles ran exceptionally high.*

*Given the low interest in London, the dormitories stayed empty. But the situation started improving gradually. Just a little at first. Then more. Until it reached 100%. That's right: the two rooms are booked every day. People come from all over the world. With the £70 that each guest pays for an overnight stay, Mrs. Scott was even able to redo the wallpaper in the sitting room, buy a new refrigerator and make plans to travel to New Zealand.*

*“I think London is back in style,” Mrs. Scott remarked, phlegmatically, in a recent conversation.*

*The cultural volcano that the city has always*

Londres voltou a ser fotografada por profissionais de várias nacionalidades. Seus velhos atrativos foram redescobertos. Os novos - e há dezenas deles espocando desde o final do último milênio - estão sendo escarafunchados. Não se vê tal interesse da mídia estrangeira desde que os Beatles lançaram *Sargent Pepper's Lonely Hearts Band* - que ainda era um LP!

Os sinais são evidentes: tremem as ruelas de Covent Garden, por exemplo. As ruas estão tomadas de jovens; os brechós e as galerias de arte vendem tudo o que expõem; as lojas e restaurantes são retratos bem-acabados do que há de mais contemporâneo. Sujeitos engratados, quase todos com menos de 30 anos, dividem o apertado espaço dos pubs com garotas fashion que não correspondem - nem de longe - aos estereótipos do passado.

As conversas giram em torno de temas como mercados *on-demand*, novas oportunidades de investimento e, claro, façanhas do Arsenal e promessas do Chelsea, nas mãos, *oh, my God*, de um bilionário russo.

Sem falar em sexo, drogas e rock'n'roll, temas, aliás, que vêm de longe e fazem parte do papo de muitas outras tribos da capital. Como a legião de punks de Camden Town, trespassados de alfinetes e piercings até a alma, eles também espantados com a súbita migração de punks

*been is active once again.*

*The most up-to-date publications haven't failed to document this phenomenon.*

*Professional photographers of various nationalities have started taking pictures of London again. Its old attractions have been rediscovered. The new ones — dozens of which have popped up since turn of the millennium — are being uncovered. The last time the foreign media showed so much interest was when the Beatles released Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band — on vinyl, by the way!*

*The signs are there: the narrow streets are bubbling in Covent Garden, for example. The side-*

*walks are crowded with young people; the thrift shops and art galleries sell everything they put on display; the stores and restaurants are well-crafted portraits of all that is most contemporary. Men in ties, almost all of them under 30, share the cramped space with fashionable young women who don't fit with the stereotypes of the past-- not by a long-shot.*

*Conversations revolve around such themes as on-demand markets, new investment opportunities and, of course, the feats of Arsenal and the prospects for Chelsea, in the hands of - oh my God-- a Russian billionaire. Not to mention sex, drugs and rock 'n' roll-- themes, incidentally, that*

ainda mais radicais do Leste Europeu, que agora engrossam suas fileiras e engancham-se nos seus metais.

Está tudo muito estranho por aqui! Há russos por toda a parte. E tchecos, poloneses, eslovenos, ucranianos. A senhora Scott bem que contou que os novos ares vêm do Leste, mas é preciso visitar as principais atrações turísticas da cidade para ver, in loco, o tamanho da balbúrdia. A tradicionalíssima troca da guarda no Palácio de Buckingham, por exemplo, é uma boa ocasião. Hoje é tão comum ouvir exclamações eslavas quanto gritinhos em japonês na concorrida cerimônia. Mas há americanos também. E latino-americanos. E brasileiros entre eles. O mundo inteiro decidiu redescobrir Londres, como se a cidade tivesse ficado fechada para reformas nas últimas décadas e tivesse reaberto suas portas a preços de liquidação – o que é um engano mortal, já que a libra continua sendo o Rolls-Royce das moedas.

Só não mudou a rotina da senhora Scott, que todos os dias, como há décadas, sobe a Flood Street a pé até a King's Road, onde compra suas pílulas na Boot's Pharmacy, vai ao supermercado e à loja de jardinagem para comprar sementes e adubo. Os comerciantes cumprimentam-na pelo nome – e nessa prática se percebe um delicioso ar provinciano que Londres continua preservando,

## LONDRES

### LONDON

*have come a long way and are the talk of several other cliques in the capital. Like the legions of punks in Camden Town, sporting safety pins and pierced to their very souls, who are also stunned by the sudden migration of even more radical punks from Eastern Europe, who have come to thicken London's ranks and skewer themselves on its metals.*

*Everything seems strange around here! There are Russians everywhere you look. And Czechs, Poles, Slovenians, Ukrainians. Mrs. Scott did say that the new winds were blowing from the East, but you need to visit the city's main tourist sights in person to understand the extent of the madness.*

*The traditional changing of the guard at Buckingham Palace, for example, is a good occasion. Today it's just as common to hear Slavic exclamations as shouts in Japanese at the crowded ceremony. But there are Americans too. And Latin Americans. And Brazilians among them. The entire world has decided to rediscover London, as if the city had been closed for renovations the last few decades and reopened its doors offering liquidation prices — something you'd be dead wrong to presume, since the British pound is still the Rolls-Royce of currencies.*

*The only thing that hasn't changed is Mrs. Scott's daily routine. For decades, she has walked*

embora seja uma das metrópoles mais cosmopolitas do planeta.

A King's Road conserva o charme de antanho, com suas lojas de moda jovem e belos antiquários, mas a sra. Scott percebe certas diferenças na rotina de sua cidade. Os taxis, por exemplo. Ela aponta para um Austin pintado com as cores de uma cerveja local e comenta como seria impensável uma “novidade” dessas nas décadas passadas. Londres sempre foi famosa por seus taxis reluzentemente negros. Os imbatíveis *black-cabs*, com seu formato peculiar e uma cabine exclusiva para os passageiros.

A bem da verdade, os taxis continuam iguais: só as cores mudaram – e só de parte deles. Como continuam iguais os *double deckers*, os famosos ônibus vermelhos de dois andares, que desde os anos 50 são uma marca registrada da cidade, mas caminham para uma triste aposentadoria por responsabilidade de um prefeito bom de contas e ruim de poesia.

As mudanças reais ocorrem em outro nível. Há novos trabalhistas dando ordens em Westminster. Há mais mulheres do que nunca no prédio do Parlamento. Há milhares de prédios passando por reformas – e outros tantos já renovados. A cidade parece estar renascendo de dentro para fora, como as begônias na primavera.

*up Flood Street to King's Road, where she buys her pills at Boot's Pharmacy, goes to the supermarket and the gardening store to buy seeds and compost soil. The clerks greet her by name — and in this practice, we see a delightful provincial touch that remains in London, even as it's one of the most cosmopolitan big cities on the planet.*

*King's Road maintains the charm of yesteryear, with its youthful clothing stores and lovely antique shops, but Mrs. Scott notices certain differences in the daily routine of her hometown. The taxis, for instance. She points to an Austin painted in the colors of a local beer and remarks that such a “novelty” would have been unthinkable in past*

*decades. London was always famous for its shiny black taxis-- the immutable black-cab, with its peculiar shape and exclusive cabin for passengers.*

*To tell the truth, the taxis remain the same: just the colors have changed – and only some of them. As do the double deckers, those famous two-level red buses which have been the city's trademark since the 1950s, and are now on their way to a sad retirement thanks to a mayor who's good at accounting and bad at poetry.*

*The real changes occurred on another level. There are new laborers giving orders in Westminster. There are more women in the Parliament building than ever before. There are thousands of*



Em Southwark, uma antiga área decadente ao sul do Rio Tâmisa, a metamorfose já se realizou e, nas Docklands, antigos decrepitos depósitos de estiva tornam-se construções modernas e dão vazão à criatividade dos novos arquitetos ingleses – agora, sim, definitivamente instalados em outro século. No Soho, em Picadilly, em Bloomsbury, Fitzrovia, South Kensington e em outros distritos centrais da cidade, novos restaurantes desafiam a antiga máxima de que não se pode comer bem na Inglaterra. A vida noturna se intensifica e se alonga, com clubes invadindo a madrugada no agito, conquista que havia sido perdida nos anos de marasmo que sucederam ao boom dos anos 60 e 70 do século passado. Em lugares como o Museu de Londres, você vai entender a atribulada história dessa cidade fundada por romanos há 2 mil anos, depois ocupada pelos saxões, mais tarde invadida por vikings, depois reconquistada em muitas e sangrentas guerras. Vai descobrir que os anos de 1665 e 1666 são especialmente tristes na lembrança dos londrinos, porque neles ocorreu a peste que matou mais de 100 mil pessoas e, na sequência, o Grande Incêndio que quase acabou com a cidade.

Vão lhe mostrar também as cicatrizes do intenso bombardeio a que a cidade foi submetida na Segunda Guerra Mundial. E vão lhe falar, claro, do período de glória e poder conquistados no

## LONDRES

### LONDON

*buildings undergoing renovations — and many others already renovated. The city seems to be experiencing a rebirth from the inside-out, like the begonias in the spring.*

*In Southwark, a formerly rundown area south of the Thames, the metamorphosis has already taken place and in the Docklands, once decrepit stowage warehouses are transformed into modern structures, making room for the creativity of young English architects — now we are indeed in a new century. Soho, Piccadilly, Bloomsbury, Fitzrovia, South Kensington and other central regions of the city, new restaurants challenge the old maxim that you can't eat well in England. The nightlife is*

*intensifying and stretching further, invading the early morning hours, a feat that appeared to have been lost in the stagnant years that followed the boom of the 1960s and 70s. At such places as the Museum of London, you can learn about the turbulent history of this city founded by Romans 2000 years ago, later occupied by Saxons, then invaded by Vikings; and reconquered in many bloody wars. You will find out that the years 1665 and 1666 are especially sad ones in the city's memory, as they saw the ravages of the Plague, which killed nearly 100,000 people, and, shortly after, the Great Fire that almost destroyed the city.*

*You will also see the scars from the intense*

século passado, quando Londres era a capital política de metade do mundo e súditos de centenas de países se ajoelhavam à passagem da rainha Victoria.

A rigor, Londres é mesmo uma cidade do século 19. Embora seja possível encontrar castelos, igrejas e edificações de outras eras – inclusive, é claro, do século 20 –, a cidade tem um ar fortemente vitoriano. Quase tudo o que há de importante e glorioso nos fabulosos museus ingleses – especialmente no British Museum, que tem um acervo de temas gregos e egípcios, de dar inveja (e raiva) aos habitantes da Grécia e do Egito – veio parar na cidade nos anos em que a presença do imperialismo inglês era mais forte.

O ar sisudo da cidade, cujo principal elemento arquitetônico é o tijolo marrom escurecido por limo, também vem dessa época. Assim como a profusão de verde (Londres é, provavelmente, a cidade com mais belos parques em todo o mundo), as ruas de mão invertida, o ar esnobe dos clubes privados e, até mesmo, o metrô.

A capital inglesa é ilógica, assimétrica, muitas vezes incompreensível como o próprio raciocínio dos britânicos. Esse é um lugar onde paralelas podem se encontrar e transversais às vezes não se cruzam.

*bombings to which the city was subjected during World War II. And, of course, they will tell you about the period of glory and power in the 19th century when London was the political capital of half of the world and subjects from hundreds of countries kneeled before Queen Victoria.*

*London truly is a 19th century city. Though it's possible to come across castles, churches and buildings dating from other eras — including, of course, the 20th century — the city has a strong Victorian air. Almost everything of importance and glory in the city's fabulous museums — especially the British Museum, which has Greek and Egyptian collections that provoke envy (and anger) in*

*the people of Greece and Egypt — ended up in the city during the years when British imperialism was at its strongest.*

*The sober air of the city, whose main architectural element is brown brick darkened by mud, also originated in this era. As did the profusion of green space (London is likely the city with the most beautiful parks in the entire world), the streets where they drive on the left side, the snobbish air of its private clubs and, even, the subway system.*

*The British capital is illogical, asymmetrical, often incomprehensible, like the British brand of reasoning. This is the place where parallels can run into one another and cross streets sometimes*

Isso significa que é muito difícil localizar-se na cidade e os caminhos são sempre tortuosos. Um mapa na mão é indispensável para qualquer viajante, mas só o mapa não serve. É preciso ter atenção, porque as ruas mudam de nome, o Rio Tâmisa faz curvas que dificultam a compreensão dos visitantes e os imensos parques – Hyde, Regent’s, St. James, entre outros – interrompem os caminhos. O metrô também é confuso como o sistema métrico não decimal (pés, jardas, milhas, lembra-se?) e isso significa que numa estação podem passar duas ou três linhas diferentes e, se você bobear, vai acabar caindo no Canal da Mancha – que aqui se chama, exclusivamente, de English Channel.

Longe de atrapalhar, porém, essas excentricidades inglesas só valorizam uma viagem. Até porque o cidadão inglês é um ótimo anfitrião e adora ajudar turistas a sair de enrascadas. Experimente abrir um mapa na rua e veja como em poucos minutos surgirá alguém disposto a ajudá-lo. Pode ser um *bob*, que é como se chamam os aparentemente simpáticos e desarmados policiais ingleses (na verdade, eles sabem ser frios e cruéis, além de extremamente profissionais, com quem burla as leis) ou alguém mais inofensivo, como a senhora Scott.

É como se eles entendessem que nós, estrangeiros, temos todo o direito de ficar perplexos se, de repente, um pelotão imaculadamente uniformizado, com cavalos na vanguarda e estranhos

## LONDRES

### LONDON

*never actually cross. This means that it's very difficult to find your way in the city and the routes are always excruciating. A map in hand is a must for any traveler, but a map alone is not enough. You have to pay attention, because street names change, the Thames takes some curves that make things hard on visitors and the immense parks — Hyde, Regent's, St. James, among others — can block your path. The subway system is also about as confusing as the imperial system of measurement (feet, yards, miles-- ring a bell?), meaning that two or three different lines can pass through a single station and, if you don't pay attention, you might end up in El Canal de la Mancha— known*

*here as the English Channel.*

*Still, rather than getting in the way, these English eccentricities only serve to validate a trip there. Mainly because British people are great hosts and they love helping tourists out of a jam. Just try opening up a map on the street and see how fast someone appears, eager to help. Perhaps even a bobbie, as the apparently friendly and unarmed British police are known (actually they know how to be cold and cruel, as well as extremely professional, with those who break the law) or someone more harmless, like Mrs. Scott.*

*It's as if they understand that we foreigners have every right to be perplexed if suddenly an*

estandartes hasteados, interrompa o trânsito e a vida – pela simples necessidade de cumprir algum remoto ritual de uma monarquia sem poder. Mais que isso: é como se soubessem que seus hábitos são extravagantes, que cerveja quente ou *kidney pie* não agradam a todo mundo; entretanto, uma vez que consideram as diferenças aceitáveis e são tradicionais demais para mudarem seus hábitos, lidam com a situação com o cavalheirismo que os notabilizou.

A tolerância talvez seja a raiz da recuperação do brilho de Londres. Os níveis de xenofobia na Inglaterra são, indiscutivelmente, mais baixos do que os do resto da Europa. Embora ainda hoje – com menos frequência do que há alguns anos – seja possível encontrar súditos da rainha usando chapéus-coco na rua, é cada vez mais evidente a mistura racial da cidade. Como se participassem de uma operação articulada, os ex-colonizados da África, do Caribe e da Ásia enviaram seus filhos e netos para buscar o futuro na velha matriz. Quer dizer: hindus, paquistaneses, jamaicanos, africanos, australianos e, de quebra, um mundaréu de latinos (que nada tiveram a ver com a história) escolheram Londres para recomeçar suas vidas. A cidade virou um grande caldeirão cultural e um imenso centro tribal. Provas desse interminável liberalismo são encontradas em cada esquina.

*immaculately – uniformed division of guards, with horses in front and strange military banners, were to block traffic and life itself — out of the simple need to carry out some remote ritual of a powerless monarchy. Even more so, it's as if they know that their habits are extravagant, that warm beer and kidney pies aren't for everyone; nevertheless considering that these differences are acceptable and too traditional for their habits to change any time soon, they deal with the situation with the gallantry for which they are noted.*

*This tolerance may perhaps be the root of the recuperation of London's shine. Levels of xenophobia in England are undisputedly lower than in the*

*rest of Europe. Though today — less frequently than in years past — it's still possible to see some of the queen's subjects wearing bowler hats on the street, the city's ethnic mix is more and more evident. As if they had taken part in a directed operation, the former colonies of Africa, the Caribbean and Asia have sent their children and grandchildren to find the future in the old capital. In other words, Hindus, Pakistanis, Jamaicans, Australians and, to top it off, a myriad of Latinos (who have nothing to do with the country's history), have chosen London as the place to restart their lives. The city has become a great melting pot and an immense tribal center.*



As famosas cabines telefônicas inglesas, que foram padrão para as utilizadas em muitas cidades do mundo, são, hoje, muito mais do que um lugar para conversar com pessoas a uma certa distância. Forradas de bilhetes e anúncios que, democraticamente, ninguém arranca, elas são o centro de informações de cada bairro. Se você quiser saber quais são as prostitutas de plantão nas imediações (ou se você tiver outras preferências), basta consultar as paredes de vidro da cabine telefônica. Haverá também, se esta for a sua praia, indicações sobre o mais próximo culto evangélico, para você exorcizar esses horrores.

A cidade também rejuvenesceu. Ao contrário do Brasil, cuja média etária está crescendo, a Inglaterra tem, hoje, uma população mais jovem do que há 20 ou 30 anos. E o mais interessante nesse processo é que, com toda a renovação, a velha rotina segue regularmente. Os curiosos guardas, chamados *beefeater*, da Torre de Londres – onde Henrique VIII mandava decapitar desafetos (e, eventualmente, ex-esposas) – continuam contando, com muito humor, a saga de antigos reis, mas cuidam atentamente para que os corvos que vivem no lugar não possam ir embora, porque reza a tradição que o Império Britânico acabará se os corvos desaparecerem.

Outra coisa que é preciso ter em mente quando se vai a Londres é que o clima não pode ser

## LONDRES

### LONDON

*Proof of this interminable liberalism is seen on every corner. The famed British phone booths, which were once the standard for those used in many world cities, are today much more than a place where you can talk with someone at a certain distance. Covered in flyers and announcements which, democratically, no one rips down, they serve as information centers in each neighborhood. If you want to know about the local prostitutes on call in the area (or if you happen to have other preferences), all you need to do is check the glass walls of a telephone booth. There is also sure to be information on the nearest Protestant church, so you can exorcise such demons, if you're*

*into that sort of thing.*

*The city has also been rejuvenated. Unlike Brazil, where the average age is getting older, in England the population is today younger than it was 20 or 30 years ago. And the most interesting part of this process is that, with all the renovation, the old routine continues on regularly. The curious guards, known as *beefeaters*, at the Tower of London, — where Henry VIII ordered the decapitation of his opponents (and, later on, his ex-wives), continue to recount, with plenty of humor, the saga of the old kings, while taking special care so that the crows that live in the locale never leave, since legend has it that the British Empire would come*

um entrave. Se você tiver a sorte de pegar dias de sol na capital inglesa, ótimo. Mas o normal, até porque a Inglaterra fica numa zona de encontro de sistemas climáticos opostos, é a chuva, a garoa e o fog. Se essa condição não atrapalha a vida dos ingleses – que por isso usam elegantes capas Burberry e sabem, como ninguém, aproveitar um chá da tarde –, não é a sua que ela vai estorvar.

Vá aos museus, use o tube, procure um pub e, em último caso, passeie na chuva e aprecie o encanto de uma cidade que sempre conviveu com a neblina e com a umidade.

Suas chances de se divertir – lembre-se – continuam crescendo. Porque Londres está de novo na moda e a estranha confluência de energias que está produzindo essa nova onda não tem data para acabar. Ela não foi planejada. É apenas o sinal de que as coisas certas estão ocorrendo no lugar certo.

*to an end if the crows were to disappear.*

*Another thing that's important to keep in mind when traveling to London is that the weather can't be a roadblock. If you're lucky enough to catch some sunny days in the British capital, good for you. But you'll normally be met with rain, drizzle and fog, particularly because England is located in a zone where opposite climatic systems come together. If these conditions don't stop the British from living their lives — hence the reason they wear elegant Burberry raincoats and know how to enjoy afternoon tea like no one else— they won't stop you either.*

*Go to the museums, take the tube, look for a*

*pub and, if worst comes to worst, walk in the rain and appreciate the enchantment of a city that has always lived with mist and humidity.*

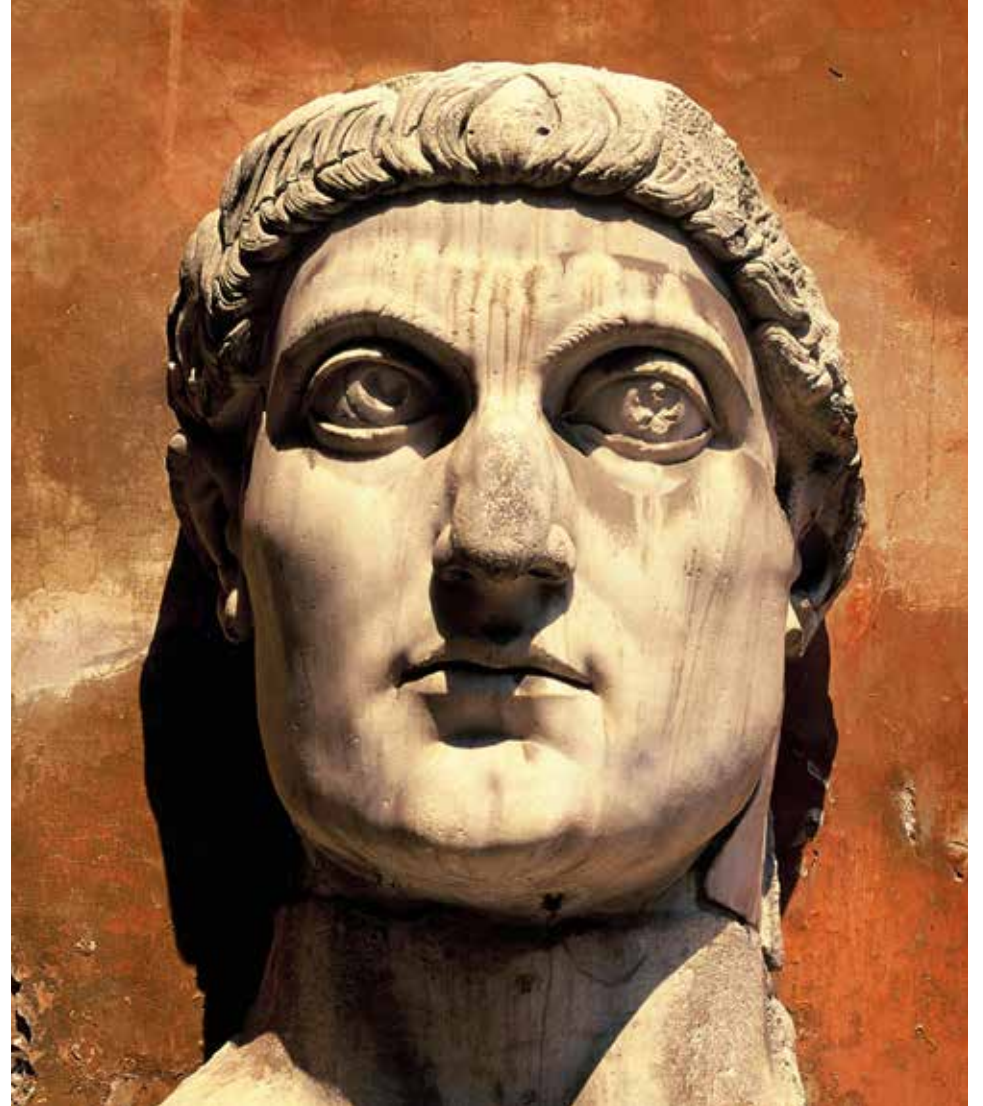
*Your chances of having a good time-- keep in mind-- are still on the rise. Because London is back in style and the strange confluence of energy that's producing this new wave shows no signs of ending. It wasn't planned. It's just a sign that the right things are happening in the right place.*







Kuala Lumpur > MALÁSIA  
Kuala Lumpur > MALAYSIA



Roma > ITÁLIA  
Rome > ITALY











## QUANTO MAIS VOCÊ VIAJA,

mais percebe que a beleza não tem cor, temperatura, não depende de hábitos e costumes, não é alta ou baixa, seca ou molhada. Há igual espanto nas casas coloridas de Portofino e na majestosa grandeza dos Andes. No olhar sereno de um camponês ou na expectativa de ataque de um felino.

A beleza é, ao mesmo tempo, perene e fugidia. Está lá, mas pode ter saído enquanto você passava. Voltará para lá, mas talvez tenha escapado de seu olhar.

Eis por que as viagens existem para ser refeitas e dar uma segunda, uma terceira ou uma quarta chance de que se as descubra. O verdadeiro viajante tem preferências, mas não escolhe destinos. Sempre haverá, nos lugares mais inesperados, uma nuvem que será a mais bela de todas, uma onda insuplantável, um ritual ou uma sombra.

Só estão cadastrados a esse tipo de observação os que viajam com os sentidos atentos e a mente desprovida de condicionamentos. Os que sentem os aromas em sua plenitude, a delicadeza dos sabores, a intrigante harmonia (ou dissonância) dos murmúrios, melodias e palavras. A esses é oferecida a chance de entender sem julgar, espantar-se com encantamento e, por fim, buscar a imensa sabedoria das diferenças.

**THE MORE YOU TRAVEL**, *the more you notice that beauty doesn't have color or temperature, it doesn't depend on habits or customs, it's not tall or short, dry or wet. There is just as much wonder in the colorful houses of Portofino as the majestic grandeur of the Andes. In the serene gaze of a farmer or the anticipation of an attack from a feline.*

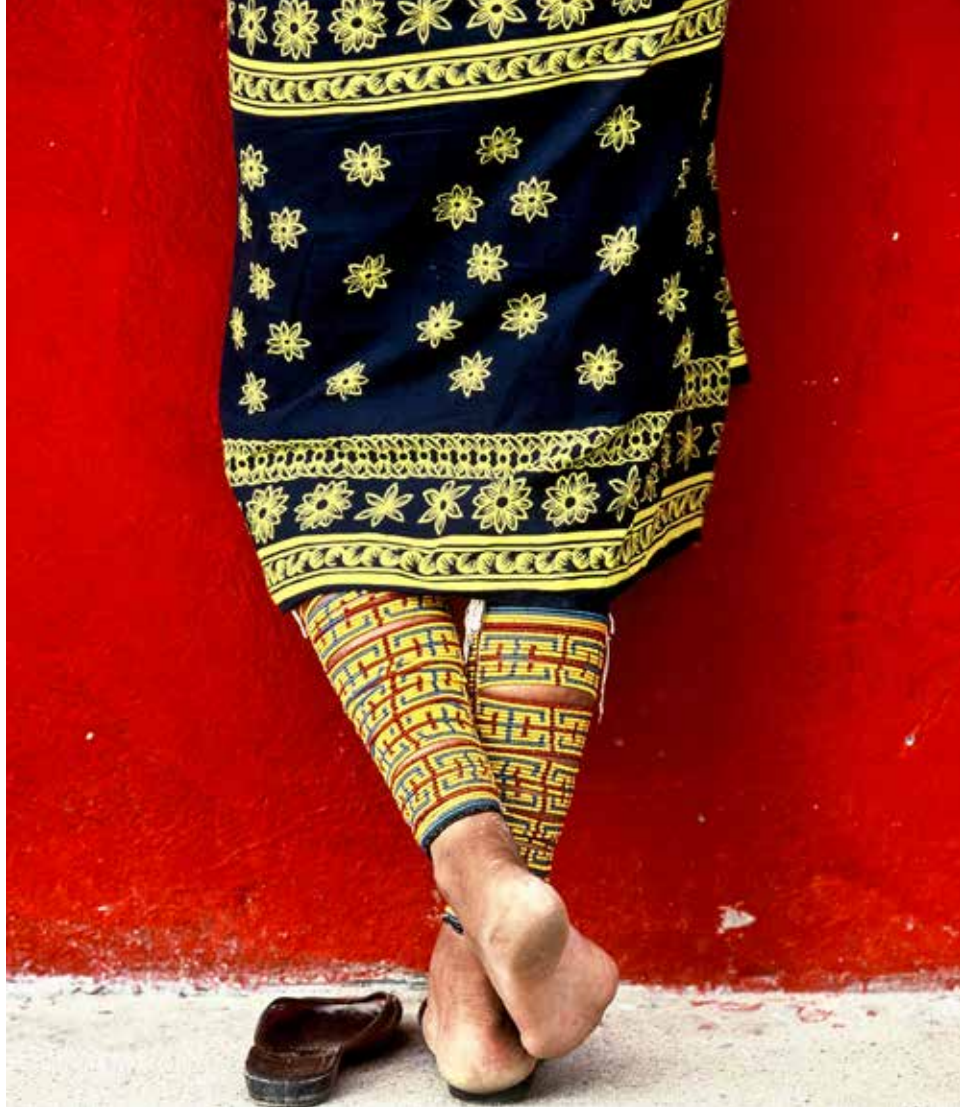
*Beauty is at once perennial and fleeting. It's there, but it might be gone by the time you get there. You can come back, but perhaps it will have escaped your gaze.*

*This is why travels exist to be repeated, to give us a second, third or fourth chance to discover them. The true traveler has preferences, but doesn't choose destinations. It will always be, in*

*the most unexpected places, that you come across a cloud that's the most beautiful of all, a wave that can't be repeated, a ritual or a shadow.*

*This sort of observation only registers with those who travel with their senses alert and their minds free of conditioning. Those who smell aromas in their plenitude, the delicateness of flavors, the intriguing harmony (or dissonance) of murmurs, melodies and words. They are the ones who are offered the chance to understand without judging, to be dazzled with enchantment and, ultimately, find the great knowledge that lies in differences.*



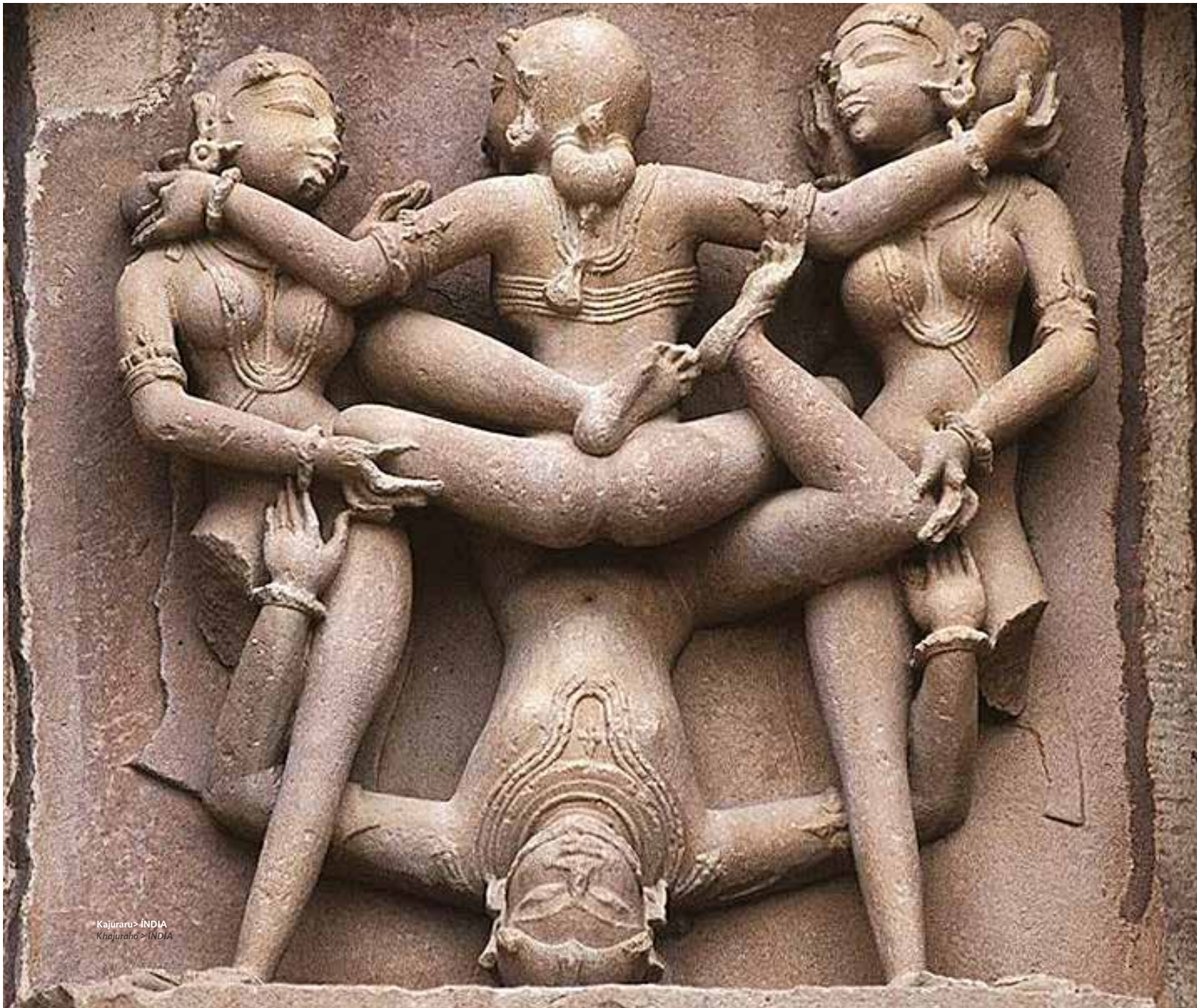


San Blas > PANAMÁ  
San Blas > PANAMÁ



Roma > ITÁLIA  
Roma > ITALY





Kajuraru > INDIA  
Khajuraho > INDIA



Pompéia > ITÁLIA  
Pompei > ITÁLIA





Amsterdã > HOLANDA  
Amsterdam > HOLLAND



ILHAS MAURÍCIO  
MAURITIUS









Havana > CUBA  
Havana > CUBA

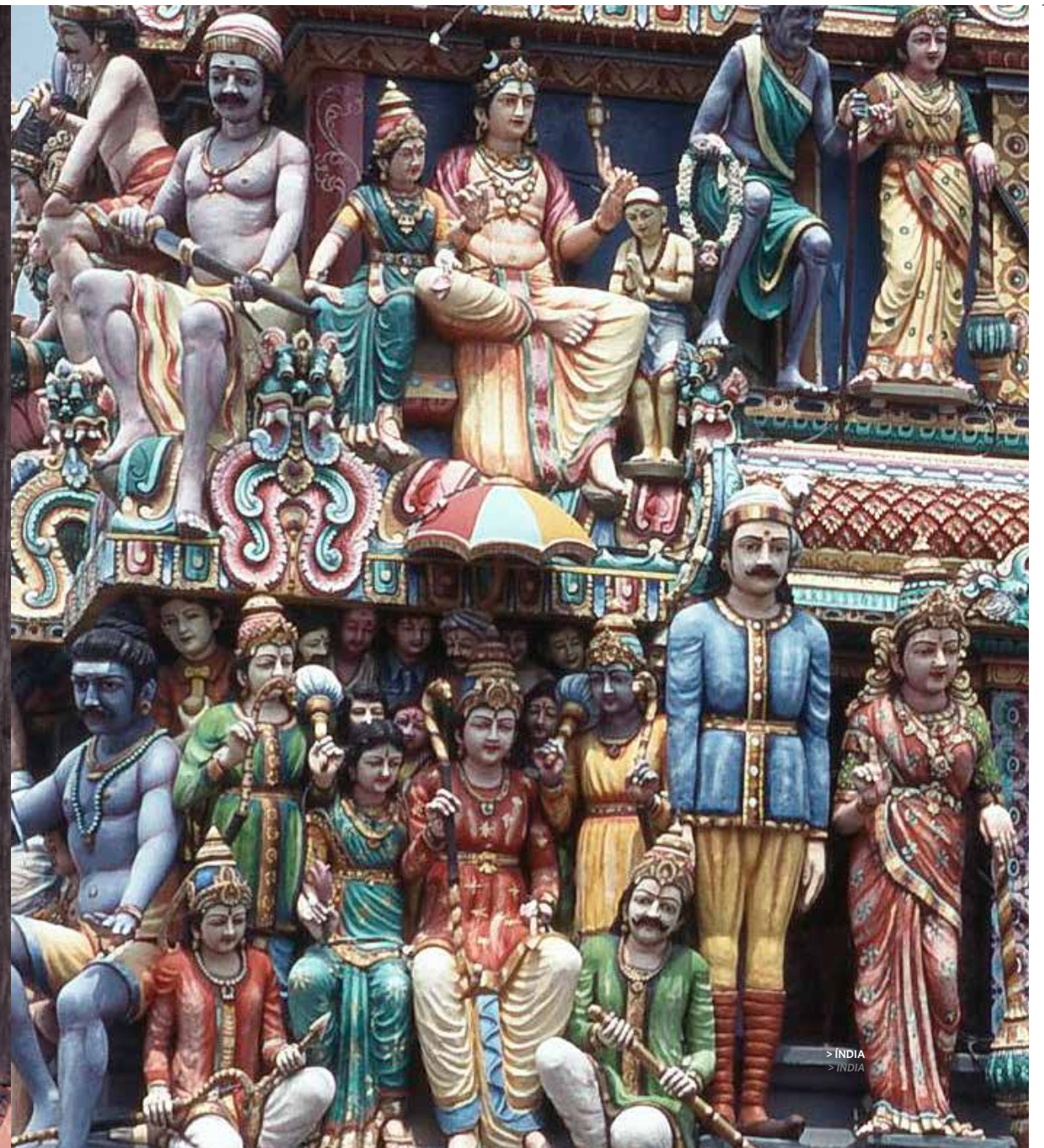


Amsterdã > HOLANDA  
Amsterdam > HOLLAND





HAVANA > CUBA  
HAVANA > CUBA



> INDIA  
> INDIA





Moscow > RUSSIA  
Moscow > RUSSIA



CUBA  
CUBA





Praga > REPÚBLICA TCHECA  
Prague > CZECH REPUBLIC



Capri > ITALIA  
Capri > ITALY





**O OLHAR** é o diferencial de quem vê. Muitas vezes, com tempo restrito para avaliar toda a beleza de algum lugar, Valdemir e eu recorríamos à mais banal das estratégias. Procurávamos uma banca de jornais, das fornidas, e, a partir dos cartões-postais, escolhíamos nossas locações. Ninguém conhece uma cidade ou uma região melhor do que seus próprios fotógrafos. E, admito, em certos lugares, ninguém alcança um olhar tão aguçado quanto aqueles que convivem, eles e suas lentes, com a passagem das horas, das estações e dos anos.

A maioria dos cartões-postais, porém, é óbvia e objetiva, porque destinada a pessoas que não esperam filigranas, mas informações. De posse delas, aliás, partimos sempre à descoberta. De onde a foto foi tirada? A que horas? Com que luz?

Algumas vezes chegamos a propriedades privadas. "Foi dali, do terceiro andar daquele prédio", constatávamos. Mas quase sempre, com nossos olhares treinados e afinados, chegamos a outras bases e mostramos o que quer que fosse à nossa maneira. Nem melhor, nem pior: apenas nossa.

De um jeito ou de outro, sempre soubemos que a fotografia é um doce embuste. Quem a vê, não tem ideia do que há nos ângulos desprezados. E se alguém escolher outra parte do mesmo cenário, é o nosso que deixará de ser visto.

**PERSONAL VISION** is what differentiates the sighted. Often when Valdemir and I had a limited amount of time to evaluate all the beauty in a certain place, we would resort to the most common-place strategy of all. We would look for a newsstand, a well-stocked one, and pick our locations based on the postcards. No one knows a city or a region better than its photographers. And, I confess that, in certain places, no one's vision is as sharp as those who live there, experiencing the passage of time, the seasons and the years through their lenses.

Still, the majority of the postcards are obvious and objective, because they're made for people looking for information rather than watermarks. And once we got them, we would embark on dis-

covery. Where was the photo taken? What time was it? What was the light like?

Sometimes it took us to private property. "It was there, on the third floor of that building," we ascertained. But almost always, with our trained and well-tuned eyes, we arrived at other bases and showed what there was there in our own way. No better and no worse: just ours.

In one way or another, we have always known that photography is a sweet trick. When you see a picture, you have no idea what there was in the unwanted angles. And if someone were to pick another part of the same scenery, the part that is left out would be ours.





Santa Monica > EUA  
Santa Monica > USA







Marrakesh > MARROCOS  
Marrakesh > MOROCCO



Jerusalém > ISRAEL  
Jerusalem > ISRAEL







Deserto de Wadi Rum > JORDÂNIA  
The Wadi Rum Desert > JORDAN







Ilha do Sol > BOLÍVIA  
Isla del Sol > BOLÍVIA





Machu Picchu > PERU  
Machu Picchu > PERU

**PERU** O quíchua é uma língua apropriada para comunicar-se com os deuses. Tem palavras abertas, sonoras e suas frases sincopadas carregam um emocionado tom de evocação, que muitos habitantes do altiplano peruano ainda dirigem às montanhas, aos rios, à Lua e, sobretudo, a Inti Taita, o Pai Sol, principal divindade dos povos andinos antes da cristianização imposta pelos invasores espanhóis.

Pelo menos metade da população que vive na região de Cusco ainda fala o quíchua – além do espanhol –, embora o idioma não seja ensinado nas escolas e não se faça nenhum esforço para preservá-lo.

Os incas comunicavam-se em quíchua e supõe-se que outras civilizações ainda mais avançadas e muito anteriores à do lendário monarca Pachacutec também usavam vocábulos parecidos aos que se ouvem hoje nos pequenos mercados dos vilarejos a caminho de Machu Picchu.

Pouco se sabe sobre esses povos, embora novas descobertas aflorem todos os dias em diversas partes do território peruano, algumas em trabalhos arqueológicos, a maioria em profanações

*PERU Quéchuá is a language used to communicate with the gods. It has open words and sounds and its syncopated sentences carry an excited tone of evocation, which many inhabitants of the Peruvian high plains use to address the mountains, rivers, the moon and, especially, Inti Taita, the Sun Father, the main divinity of the Andean peoples before the evangelization imposed on them by Spanish invaders.*

*At least half the population living in the vicinity of Cusco still speaks Quéchuá — in addition to Spanish —, despite the fact that the language isn't taught in schools and there's no official effort*

*made to preserve it.*

*The Incas communicated in Quéchuá and it is supposed that other, even more advanced civilizations, and even those that came long before the legendary monarch Pachacuti also used vocabularies similar to the ones heard today in the small markets in the villages on the way to Machu Picchu.*

*Little is known about these peoples, though new discoveries are emerging every day in several parts of Peruvian territory, some from archaeological digs, but the majority from autonomous acts of vandalism which earn a little money for looters, a*





autônomas, que rendem uns poucos trocados aos saqueadores, categoria atuante num país de pouco emprego e baixa renda.

Já não há dúvidas, porém, que, no tempo em que os faraós erguiam pirâmides no vale do Nilo, havia civilizações avançadas produzindo instrumentos musicais na cidade de Caral e que depois vieram mochicas, chachas, chimus, waris, nazcas e outros povos dotados de espantosos conhecimentos e tecnologias, que seguem sendo um fascinante enigma histórico.

Eis por que o Peru é o Egito das Américas. Não lhe faltam sequer sarcófagos e múmias embalsamadas, e a ausência da pirâmide de Quéops é compensada pela existência de Machu Picchu, lugar que costumava ser apontado como a única das sete maravilhas do mundo construídas pelo homem a situar-se no continente americano – antes que o Cristo Redentor, no Rio de Janeiro, ganhasse certa suspeita votação.

Você não precisa falar quíchua para vir até aqui, mas se alguém não lhe contar que há um Egito aqui ao lado, é compreensível que você continue apenas se alimentando de velhos estereótipos genericamente aplicados aos países andinos. Faz parte do imaginário público, por exemplo, a ideia de que viajar a Machu Picchu significa submeter-se a todo tipo de percalços – leia-se des-

## PERU

### PERU

*racket still active in a country with high unemployment and low income.*

*But there's no doubt that, at the same time the pharaohs were erecting the pyramids in the Nile Valley, there were advanced civilizations producing musical instruments in the city of Caral and that later came the Moche, Chachapoyas, Chimú, Wari, Nazcas and other peoples blessed with awe-inspiring knowledge and technology, something which remains a fascinating historical enigma.*

*Hence the reason that Peru is the Egypt of the Americas. It even has sarcophagi and preserved mummies and the absence of the Great Pyramid*

*of Giza is compensated by the existence of Machu Picchu, the place often cited as the only one of the seven wonders of the world built by man and situated in the Americas — before Christ the Redeemer in Rio de Janeiro was elected in a certain suspicious vote.*

*You don't need to speak Quéchuá to get here, but if no one were to tell you that there is an Egypt nearby, it's understandable that you would continue simply feeding on old stereotypes generically applied to Andean countries. For example, there is this idea in the popular imagination that traveling to Machu Picchu means subjecting yourself to all sorts of tribulations — i.e. discomfort, uncleanli-*

*ness, trains and buses crowded with chickens and pigs, inevitable dysentery — in exchange for a single attraction. And you can in fact choose this option. But this is a fallacy, as you'll soon see. It is also supposed that this type of journey is only recommended for young adventurers, willing to wash their own boxer shorts (or panties) and athletic enough to hike for entire days in the thin air at heights that have our best soccer players putting in pitiful performances in Latin American competitions. Another untruth, since backpacking from Brazil to Peru is an experience that is actually possible, quite economical and enriching.*

*European and North American travelers in search of the excitement of an Indiana Jones experience discovered the true way to explore Peru without poverty some time ago. Machu Picchu is, by far, the monument that most attracts them to the meridional portion of the Americas, evidenced by the fact that nearly a million tickets (US\$ 20 each) to the lost city are purchased each year.*

*For their part, international tourism agents also haven't wasted any time, equipping their routes to Machu Picchu with hotels, restaurants, stores and transportation capable of serving more demanding travelers.*

*So there is still adventure for those who like adventure and extreme comfort for those who*

Eis que restou aventura para quem gosta de aventura e conforto extremo para quem não dispensa um foulard de seda, espaço para todos sob a luz generosa de Inti Taita.

O conforto não compra, contudo, solução para a falta de fôlego orgânica que acomete pelo menos metade dos visitantes que desembarcam em Cusco, etapa obrigatória de uma jornada rumo a Machu Picchu. A uma hora de avião de Lima, num voo que parece levar sempre para cima, porque termina em 3.500 metros de altitude, a capital histórica dos incas, cujo nome, em quíchua, significa “Umbigo do Mundo”, tem, de fato, oxigênio racionado.

Ainda no finger do aeroporto, seus passos parecerão estranhamente pesados e os mais hipocôndriacos julgarão que parte do pulmão lhes foi extirpada durante algum cochilo.

As reações variam de organismo para organismo e há, mesmo, quem fique zureta por algum tempo. Os guias locais não de prometer aliviá-lo com um chá de coca, que é servido em toda a parte, mas para sentir-se mais oxigenado você terá de tomar a amarga infusão com muita fé. Aparentemente – e segundo vários testemunhos –, a folha de coca é um ótimo digestivo, mas, como paliativo para o “mal das alturas”, não é muito mais do que um herbáceo placebo.

*Despacito* (devagar) – insistem os guias, e esse conselho, ainda que dispensável, funciona

## PERU

### PERU

*can't do without a silk foulard, room for everything under the generous light of Inti Taita.*

*Still, comfort can't buy a solution for the lack of organic breathing air that afflicts at least half of the travelers who disembark in Cusco, an obligatory stop on the way to Machu Picchu. An hour away from Lima on a flight that seems to only soar upward, since it lands at an altitude of 3500 meters, the historical Incan capital, whose name means “The World's Navel” in Quéchua, does actually have a shortage of oxygen.*

*While still on the airport jet bridge, your steps seem strangely heavy and those with hypochondriacal inclinations will think that a part of their*

*lungs shut down they were napping.*

*Reactions vary from organism to organism and some people do really get loopy for a period of time. The local guides have taken to prescribing coca tea, which is served everywhere, as a remedy, but for you to feel more oxygenized you'll have to drink the bitter infusion with plenty of faith. Apparently — and according to many witnesses —, the coca leaf is great for digestion, but as a makeshift cure for “altitude sickness,” it's not much more than an herbal placebo.*

*“Despacito” (go slow) — urge the guides, and this advice, while indispensable, works much better than the tea during the period in which your*

muito melhor que o chá durante o período em que seu metabolismo reprocessa a contagem de plaquetas, glóbulos e outras aterrorizadas moléculas do seu sangue.

Se os espanhóis tivessem chegado a Cusco de avião, eles certamente não teriam imposto derrota tão fragorosa ao Império Inca em 1532.

Quis a história, porém, que Francisco Pizarro e sua armada tivessem de subir os Andes a pé ou a cavalo, o que facilitou sua aclimação ao ar escasso que a última grande civilização andina respirava.

O que ocorreu já se sabe: império destruído, ruínas conspurcadas, toneladas de ouro usurpadas, evangelização à força, igrejas erguidas sobre templos andinos, fim de uma era. Cusco tornou-se uma bela cidade colonial espanhola de base inca, mesmo porque as construções existentes eram tão sólidas que se tornou mais fácil aproveitar seus alicerces (quando não vários de seus pavimentos) e construir em cima.

A antiga capital inca ainda tem ruínas dignas de nota na sua porção central – como o Qorikancha, a antiga Corte do Ouro (hoje travestido de Convento de Santo Domingo de Guzman) – e, ao redor, a impressionante muralha de Saqsaywaman, um gigantesco templo outrora dedicado ao sol.

*metabolism reprocesses the count of platelets, blood cells and the other terrified molecules in your veins.*

*If the Spaniards had come to Cusco by plane, they certainly wouldn't have dealt such a devastating blow to the Incan Empire in 1532.*

*But instead History dictated that Francisco Pizarro and his armada would climb the Andes on foot or horseback, which facilitated his acclimatization to the thin air breathed by the last great Andean civilization.*

*What happened next is widely known: an empire in shambles, tattered ruins, tons of stolen gold, forced evangelization, churches erected atop An-*

*dean temples, the end of an era. Cusco was turned into a beautiful colonial Spanish city on top of an Incan base, mainly because the existing structures were so solid that it became easier to make use of their foundations (if not several of their levels) and build on top of them.*

*The old Incan capital still has some noteworthy ruins in its central region — such as Quirikancha, formerly the gold courtyard — now disguised as the Convent of Santo Domingo de Guzman —, and surroundings —the amazing wall of Saksaywaman, a gigantic temple once dedicated to the sun.*

*But Cusco is today, above all, the starting point*



Mas Cusco hoje é, sobretudo, o ponto de largada para a verdadeira viagem pelo legado inca, que ocorrerá bem adiante no chamado Vale Sagrado e alcançará seu ápice numa linda montanha a 110 quilômetros dali, onde fica, é claro, Machu Picchu.

De Cusco partem os trens que vão à cidade perdida e as vans que exploram o Vale Sagrado dos Incas. Em Cusco ficam os melhores hotéis e restaurantes e, por consequência, os vendedores e pedintes mais insistentes e inoportunos. Muitos dos viajantes mais informados preferem hospedar-se nas pequenas cidades do Vale Sagrado, um Shangri-lá de 59 quilômetros de extensão e não mais que 2,5 de largura, por onde serpenteia o furioso Rio Urubamba, à sombra de montanhas colossais.

Nesse vale, os incas ergueram várias de suas cidades, há inúmeros espantosos vestígios a visitar (sobretudo a cidade e as ruínas de Ollantaytambo), a colorida população de índios e mestiços é cordial, menos intrusiva, e há mais oxigênio de graça, porque a altitude fica em torno dos 2.800 metros.

Não se sabe muito sobre esse misterioso povo andino, porque eles não dominavam a escrita. Mas até isso é uma surpresa, porque, exceto o alfabeto, os incas entendiam de quase tudo. Suas

## PERU

### PERU

*for the true journey through the Inca legacy, which takes you far away to the so-called Sacred Valley of the Incas and reaches its peak on a beautiful mountain 110 kilometers from there, where Machu Picchu stands, of course.*

*Cusco is where trains to the lost city embark and vans take off to explore the Sacred Valley of the Incas. Cusco is home to the best hotels and restaurants and, as a consequence, also the most insistent and inopportune street vendors and beggars. Many better - informed travelers prefer to stay in the towns of the Sacred Valley, a Shangri-La 59 kilometers long and no wider than 2.5 km, through which the furious Urubamba River*

*winds, shadowed by the colossal mountains.*

*In this valley where the Incas erected many of their cities, there are countless remains to visit (especially the city and ruins of Ollantaytambo), the colorful population of Indians and Mestizos is cordial, less intrusive and there is more oxygen to go around, since the altitude is about 2800 meters above sea level.*

*Not much is known about this mysterious Andean people, because they never mastered writing. But even this is a surprise, because, except for the alphabet, the Incas understood almost everything. Their cities have some shared characteristics that are noteworthy for the period in which they were*

*built (estimated between the 12th and 15th centuries A.D.) and astonishing even by today's standards. All of them were rigorously - planned and feature sophisticated irrigation systems; all have colossal stones set up God knows how, transported from distant locales in an equally inexplicable way; but the best thing is the notable quantity of special effects that each one of these cities is capable of offering. Expert astronomers, the Incas left a legacy of solar tricks that amaze untold numbers of travelers each year.*

*Todos eles ocorrem no dia do solstício de inverno - 21 de junho - e há milhões de fotos a comprová-los. Nessa data - que devia ser uma espécie de feriado nacional incaico -, o sol pinta olhos em algumas paredes, desenha pumas e condores em outras e dá sentido luminoso a pedras que, no resto do ano, parecem apenas saliências e reentrâncias sem significado.*

*Supõe-se que Machu Picchu foi justamente a escola desse ofício sobrenatural, como você verá um pouco adiante.*

*É indubitável, também, que os incas sabiam escolher onde viver. A porção do altiplano peruano que escolheram para instalar sua capital é de uma beleza invulgar. A presença da umidade da*

*must have been some sort of national holiday for the Incas - the sun paints eyes on some walls, draws pumas and condors on others and gives luminous meaning to stones which, during the rest of the year, look like meaningless ridges and inlets.*

*It is supposed that Machu Picchu was actually the school for this supernatural craft, as you will see shortly.*

*It is also doubtless that the Incas knew how to choose where to live. The portion of the Andean high plains which they selected as the place for their capital is one of exceptional beauty. The presence of humidity from the neighboring Amazon makes for plentiful rains in the region from*

*All of them occur on the day of the Winter solstice - June 21st - and there are millions of photos documenting them. On this date - which*

vizinha Amazônia permite que as chuvas sejam fartas na região entre novembro e abril. Esse fenômeno gera um subfenômeno ainda mais notável: os terrenos são férteis e floridos em altitudes que, em outras partes do mundo e da própria Cordilheira dos Andes, são áridas e estéreis. Picos de até 6 mil metros de altura adornam a paisagem com fartura de neve, também originada pelas chuvas.

Se o aspecto luxuriante desse cenário vai roubar-lhe um pouco mais do pouco fôlego que sobrou, console-se com a constatação de que, ao contrário do que imaginam nove entre dez viajantes que vêm até aqui, Machu Picchu fica muito abaixo de Cusco e do Vale Sagrado. Ou seja: desce-se para o ponto culminante da viagem. E o oxigênio aumenta.

Boa parte da mística da cidade perdida reside no fato de que, ao contrário da maioria das cidades incas, essa não foi encontrada pelos espanhóis e, portanto, também não foi profanada. Por alguma razão que talvez jamais se chegue a conhecer, a cidadela onde viveram entre 700 e mil pessoas, foi abandonada. Uma conspiração de silêncio dos habitantes andinos – outro elemento instigante – teria desviado a atenção dos invasores espanhóis que escarafuncharam toda a região, mas a Machu Picchu nunca chegaram.

## PERU

### PERU

*November to April. This phenomenon generates an even more notable sub-phenomenon: the land is fertile and flowery at altitudes which, in other parts of the world and the Andes themselves, are arid and sterile. Peaks up to 6000 meters high decorate the landscape with lots of snow, also a result of the rains.*

*If the luxurious aspect of this scenery takes away the little breath you have left, take solace in the fact that, unlike what nine out of ten visitors here imagine, Machu Picchu is located well below Cusco and the Sacred Valley of the Incas. In other words: you have to go down to get to the high point of your journey. And the oxygen levels are*

*higher.*

*Much of the lost city's mysticism resides in the fact that, unlike most Incan cities, this one wasn't discovered by the Spanish and, therefore, wasn't desecrated. For some reason, one which we may never actually discover, the city which was once home to between 700 and a thousand people was abandoned. A conspiracy of silence among the Andean inhabitants — another intriguing element —, is said to have diverted the attention of the Spanish invaders who scoured the entire region, but never made it to Machu Picchu.*

*The real name of the lost city isn't even known. Machu Picchu, which means Old Mountain in*

Nem mesmo o nome verdadeiro da cidade perdida se conhece. Machu Picchu, que significa Morro Velho em quíchua, é apenas o nome pelo qual camponeses do local identificaram a montanha onde ficam as ruínas para o explorador americano Hiram Bingham, que oficialmente as encontrou em 1911.

Como já se disse, acredita-se que foi uma escola de sacerdotes. É apenas uma teoria entre tantas, a mais aceita, contudo, porque confere ao lugar o status de uma espécie de Vaticano andino.

O fato, contudo, é que ao chegar aqui, após uma obrigatória jornada de trem (a única outra maneira é fazê-lo a pé, percorrendo a lendária Trilha Inca), o espanto se cristaliza. A cidade perdida dos incas é um desses poucos lugares do mundo onde a expectativa do viajante, por maior que seja, é sempre correspondida.

Percorramos, primeiro, o caminho do trem. Também nesse quesito, as opções são variadas. Embora exista um único precário trilho a ser disputado com lhamas, galinhas e porcos, há trens de diversas categorias. Desde os luxuosíssimos vagões do Orient Express Hiram Bingham, onde se viaja como na rota Londres-Veneza, até os chamados *backpackers*, carros simples dedicados a viajantes de muitas mochilas e poucas divisas.

*Quéchua, is just the name that rural dwellers in the area used to identify the mountain home to the ruins to American explorer Hiram Bingham, the man who officially found it in 1911.*

*As we mentioned before, it is believed that it was a school for holy men. This is just one of many theories, but it remains the most accepted one, conferring a status as a sort of Vatican of the Andes upon the locale.*

*However, the fact is that once you arrive, after an obligatory train ride (the only other way is on foot, hiking the legendary Inca Trail), the astonishment is palpable. The lost city of the Incas is one of these places in the world which always meets*

*travelers' expectations, no matter how high they may be.*

*First comes the train ride. Here, you also have a variety of options. Though there's just one track which is disputed by llamas, chickens and pigs, there are trains of different categories. Everything from the extremely luxurious cars of the Orient Express Hiram Bingham, where you can travel in the high style of the train that runs between London and Venice, to the so-called "backpacker" wagons, simple cars designated for travelers with plenty of baggage and low funds.*

*The Vistadome trains run by Peru Rail, with panoramic windows, onboard service and other*



Os vagões Vista Dome da Peru Rail, com janelas panorâmicas, serviço de bordo e outras amenidades, são suficientemente confortáveis para não tornar a viagem de quatro horas (desde Cusco) ou uma hora e meia (a partir de Ollantaytambo) cansativa. A descida é lenta, mas contínua. Aos poucos, as plantações floridas e os terraços andinos erguidos pelos incas vão se espremendo até um desfiladeiro onde apenas desce, forte, o Urubamba e o trilho ao seu lado. Na altura do quilômetro 88 – dos 110 do trajeto –, a vegetação ganha intensidade e logo adiante já é francamente amazônica.

As montanhas continuam ao lado, os picos nevados acima, mas o trem está em plena selva. E é na selva que ele para, num pequeno e caótico povoado turístico chamado Aguas Calientes, onde se apanham os ônibus que conduzem a Machu Picchu. São 8 quilômetros de pirambeiras para vencer um desnível de pouco mais de 400 metros.

E então, enfim, você chega. No colo de uma montanha, cercada de outros grandes monólitos isolados e totalmente rodeada pelo rio que serpenteia, ruidoso, o fundo do precipício, o segredo dos incas.

O altímetro marca 2.400 metros, mas volta a faltar o ar, agora por espanto. Voltam a sobrar

## PERU

### PERU

*amenities, are comfortable enough so that the four-hour (from Cusco) or 90-minute (from Ollantaytambo) journey isn't too tiring. The ride down is slow but steady. The flowery plantations and Andean terraces installed by the Incas gradually give way to a gorge where the Urubamba River and the trail beside you follow a steep descent. At the height of kilometer 88 — out of the course's total 110 — the vegetation takes on intensity and turns truly Amazonian a little further on. The mountains remain on the side, the snowy peaks above, but the train is the middle of the jungle. And it is in the jungle that it stops, in a small, chaotic and touristy settlement known as Aguas Calientes, where*

*you catch the buses that lead to Machu Picchu. It's another eight kilometers of slopes to overcome a difference in altitude of just over 400 meters.*

*And then you're finally there. Cradled by a mountain, surrounded by other great isolated monoliths and encircled by the river that noisily snakes around the background of the precipice, the secret of the Incas.*

*The altimeter reads 2400 meters, but once again, people suffer from a lack of breath, this time due to their bewilderment. Again there is a plethora of unanswered questions. The guides start saying crazy things. They repeat that a certain stone points to the Southern Cross Constellation;*

*perguntas sem respostas. Os guias começam a lhe falar coisas malucas. Repetem que determinada pedra aponta para a Constelação de Orion; garantem que a inclinação das paredes têm exatos 13 graus, que equivalem exatamente à longitude sul de Machu Picchu em relação à linha do Equador. Em espanhol, inglês, alemão ou italiano, dizem e repetem fatos espantosos e nenhum deles parece improvável num lugar como esse. A presença do Waynapicchu, a pequena montanha de forma piramidal aos pés das ruínas, torna tudo ainda mais irreal.*

*E, no entanto, existe. Está aqui. Está ao alcance de mochileiros e de viajantes que não vão para a cama sem antes ingerir um vinho de boa safra. Só não está, mesmo, ao alcance de nosso entendimento. Eis o motivo definitivo para conhecê-lo.*

*insist that the inclination of the walls is exactly 13 degrees, the exact equivalent of the southern longitude of Machu Picchu in relation to the Equator. In Spanish, English, German or Italian, they announce and repeat amazing facts, none of which seem improbable in a place like this. The presence of Waynapicchu, the small mountain shaped like a pyramid at the foot of the ruins makes everything even more unreal.*

*And, nevertheless, it does exist. It's there. It's within reach of backpackers and travelers who refuse to go to bed before ingesting a glass of wine from a good year. It's just not within our means of understanding. Thus the definitive reason to visit it.*







BALI  
BALI



Havana > CUBA  
Havana > CUBA



BARBADOS  
BARBADOS



PERU  
PERU





Havana > CUBA  
Havana > CUBA

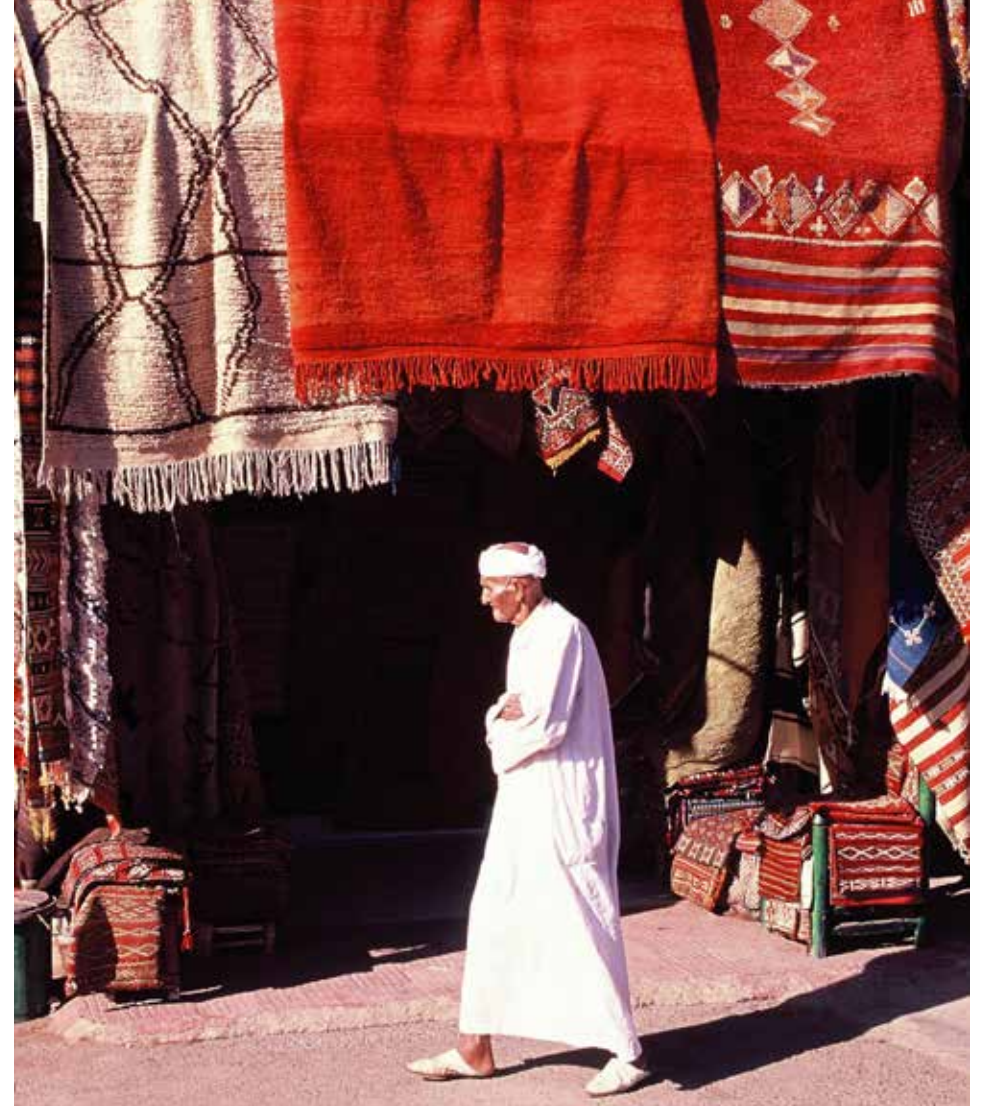


Ilha de Páscoa > CHILE  
Easter Island > CHILE





Marrakesh > MARROCOS  
Marrakesh > MOROCCO

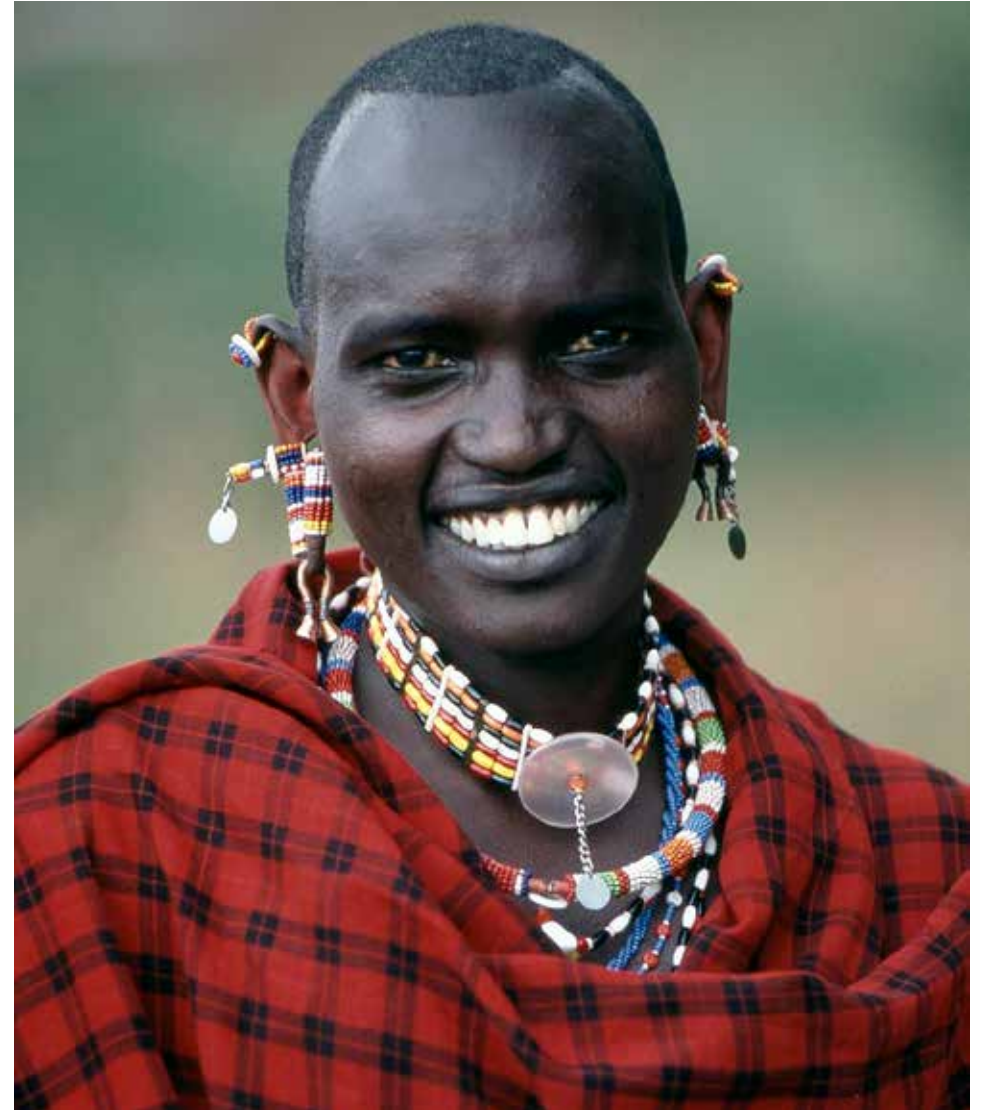


Marrakesh > MARROCOS  
Marrakesh > MOROCCO





Jaipur > **ÍNDIA**  
Jaipur > **INDIA**



Masai Mara > **QUÊNIA**  
Maasai Mara National Reserve > **KENYA**



Daipur > **ÍNDIA**  
Udaipur > **INDIA**



**BALI**  
BALI





Fez > MARROCOS  
Fes > MOROCCO



Ilha do Sol > BOLÍVIA  
Isla del Sol > BOLIVIA



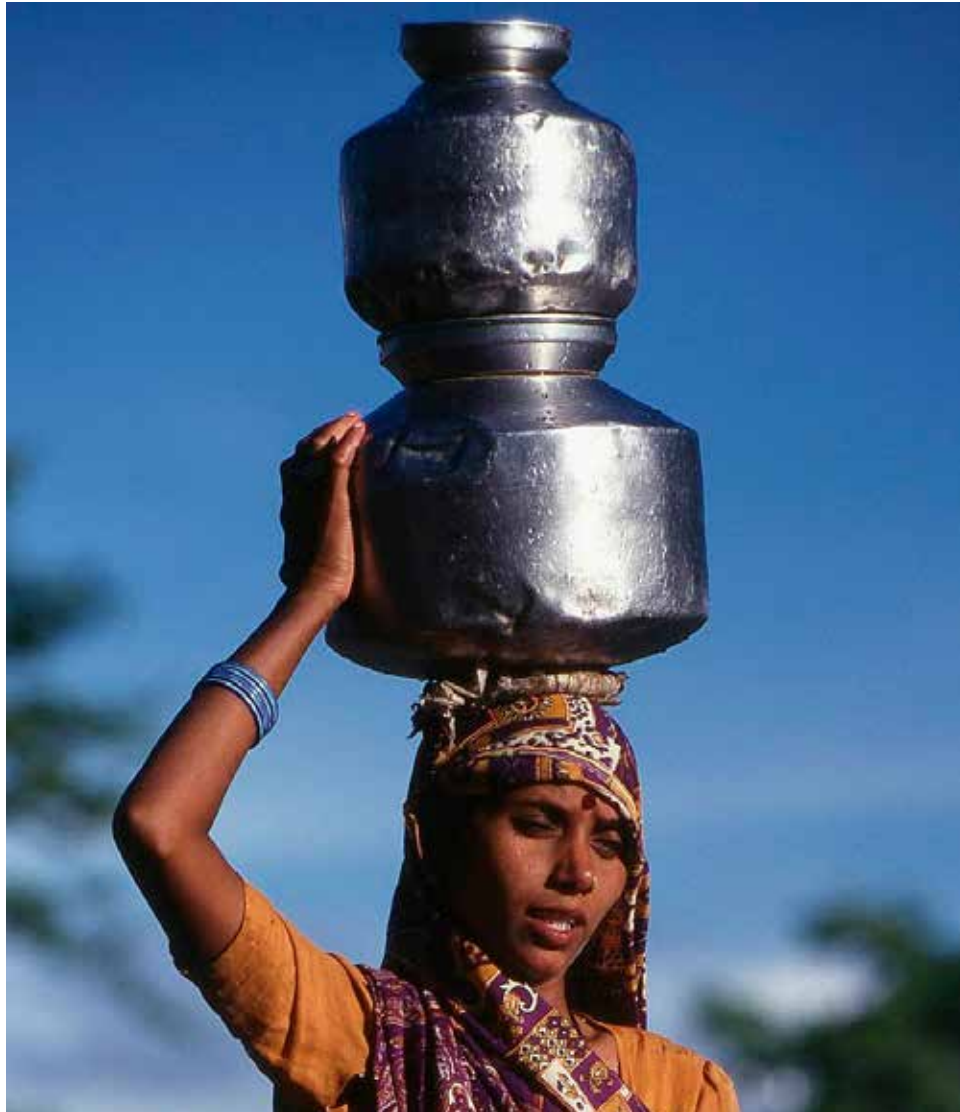


VARANASI > ÍNDIA  
INDIA



Jerusalém > ISRAEL  
Jerusalem > ISRAEL





ÍNDIA  
INDIA



BALI  
BALI



Marrakesh > MARROCOS  
Marrakesh > MOROCCO



Londres > INGLATERRA  
London > ENGLAND





Marrakesh > MARROCOS  
Marrakesh > MOROCCO



JORDÂNIA  
JORDAN

## O OFÍCIO DE OLHAR,

de modo atento, curioso e até um pouco desavergo-  
nhado, ensina que as pessoas são, quase sempre, retratos precisos do lugar onde vivem. Suas roupas, cabelos, barbas falam do que fazem, da fé que sentem, da paz ou da tristeza que desfrutam.

Claro que é mais fácil fazer esse tipo de ilação em países despadronizados do ponto de vista ocidental. Mas, ainda assim, é possível distinguir – pelo porte, pelos gestos e acessórios – um inglês de um italiano ou um alemão de um espanhol.

Difícil mesmo, para quem viaja em busca de imagens e reflexões, é a relação da lente com o personagem. Em diversas culturas, o ato de ser fotografado é tido como uma espécie de agressão pessoal. Um judeu ortodoxo do bairro de Mea Shearim, em Jerusalém, é capaz de apedrejar a quem ousar lhe apontar uma lente; uma mulher de burca nos Emirados Árabes, ainda que ao volante de uma potente BMW, não hesitará em chamar a polícia caso seja fotografada sem permissão – e ela jamais concederá esse alvará.

Em outras partes mais pobres do planeta, sobretudo na África e em certas latitudes da Ásia, as pessoas não se incomodam de posar para um fotógrafo desde que recebam alguma recompensa financeira para tanto. Mas, de forma geral, só raros artistas, como Valdemir, conseguem extrair algum fulgor de fotos posadas.

O ideal, sabemos de há muitos anos, é a por todos os motivos condenável “foto roubada”. Mas é preciso talento para fazê-la, sem que o clicado bote reparo.

Costumamos conspirar juntos para que o furto seja bem-sucedido. Avisto a presa ao longe, acompanho seus passos e, sorrateiramente, retorno para avisar meu fotógrafo. Em silêncio absoluto, ele se posiciona. Procura o caminho da luz, o fundo adequado e veste sua câmera com a maior angular disponível. Quando a vítima se aproxima, Valdemir está, aparentemente, fotografando outra coisa qualquer. Mal sabe o pobre que ele já está instalado em um canto do enquadramento. Alguns, curiosos, lançam um olhar para o fotógrafo. Clique. Ficou melhor que a encomenda.

*THE TRADE OF LOOKING, in an attentive, curious and even slightly shameless manner, teaches us that people are, almost always, precise portraits of the places they live. Their clothing, hair and beards tell us what they do, about the faith they follow, the peace or sadness that they feel.*

*Of course, it's easier to draw these kinds of conclusions in countries that don't fit with Western standards. Still, it's possible to distinguish — by body size, gestures and accessories — , an Englishman from an Italian, or a German from a Spaniard.*

*The hard part, for those of us who travel in search of images and reflections, is the relationship between the lens and the subject. In many cultures, the act of being photographed is seen as a sort of personal assault. An orthodox Jew in the Jerusalem neighborhood of Mea Sharim could be expected to throw stones at anyone who dares to point a camera his way; a woman in a burka in the United Arab Emirates, sitting behind the wheel of a high-powered BMW, wouldn't hesitate to call the police if you take her picture without her permission — something she would never grant.*

*In other, poorer parts of the world, mainly Africa and certain latitudes of Asia, people aren't*

*opposed to posing for a photographer as long as they get some kind of financial compensation in return. But, generally speaking, only rare artists like Valdemir are able to extract some brilliance from posed photos.*

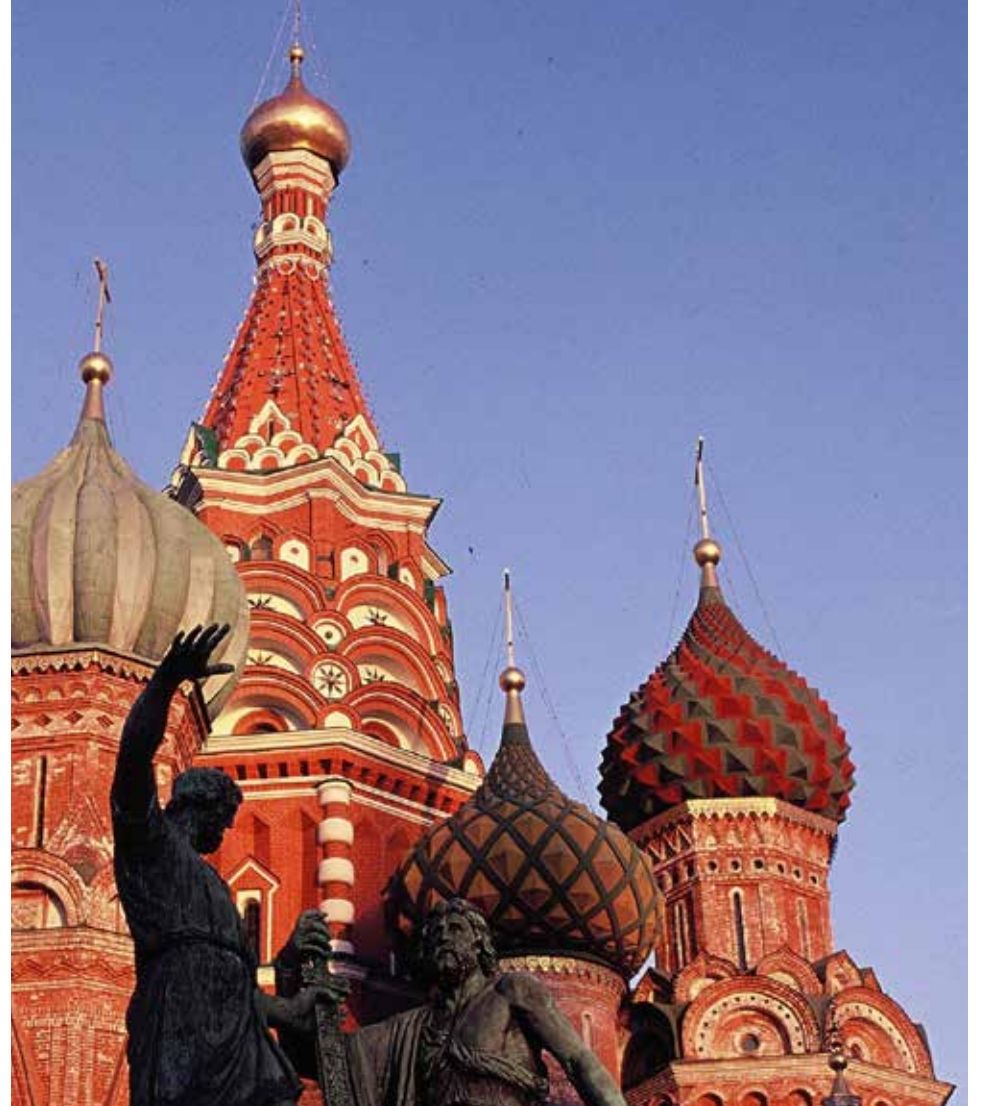
*We have known, for years now, that the best thing, for all reasons reprehensible, is “the stolen shot.” But you need talent to take one without the subject noticing.*

*We used to work together to make sure the stick-up came off successfully. I scout our prey from a distance, follow their footsteps and; stealthily; return to alert my photographer. In absolute silence, he takes his position. He looks for the light source, the right background and arms his camera with the widest angle possible. When the victim approaches, Valdemir is; seemingly; photographing something else. The poor souls don't realize they're already in the corner of the frame. Some curious subjects shoot a glance at the photographer. Click. Even better than if it had been staged.*





Kuala Lumpur > MALAYSIA  
Kuala Lumpur > MALAYSIA



Moscou > RUSSIA  
Moscow > RUSSIA



Casablanca > MARROCOS  
Casablanca > MOROCCO



Córdoba > ESPANHA  
Corodova > SPAIN



Havana > CUBA  
Havana > CUBA





Santiago > CHILE  
Santiago > CHILE



Sicilia > ITÁLIA  
Sicily > ITALY

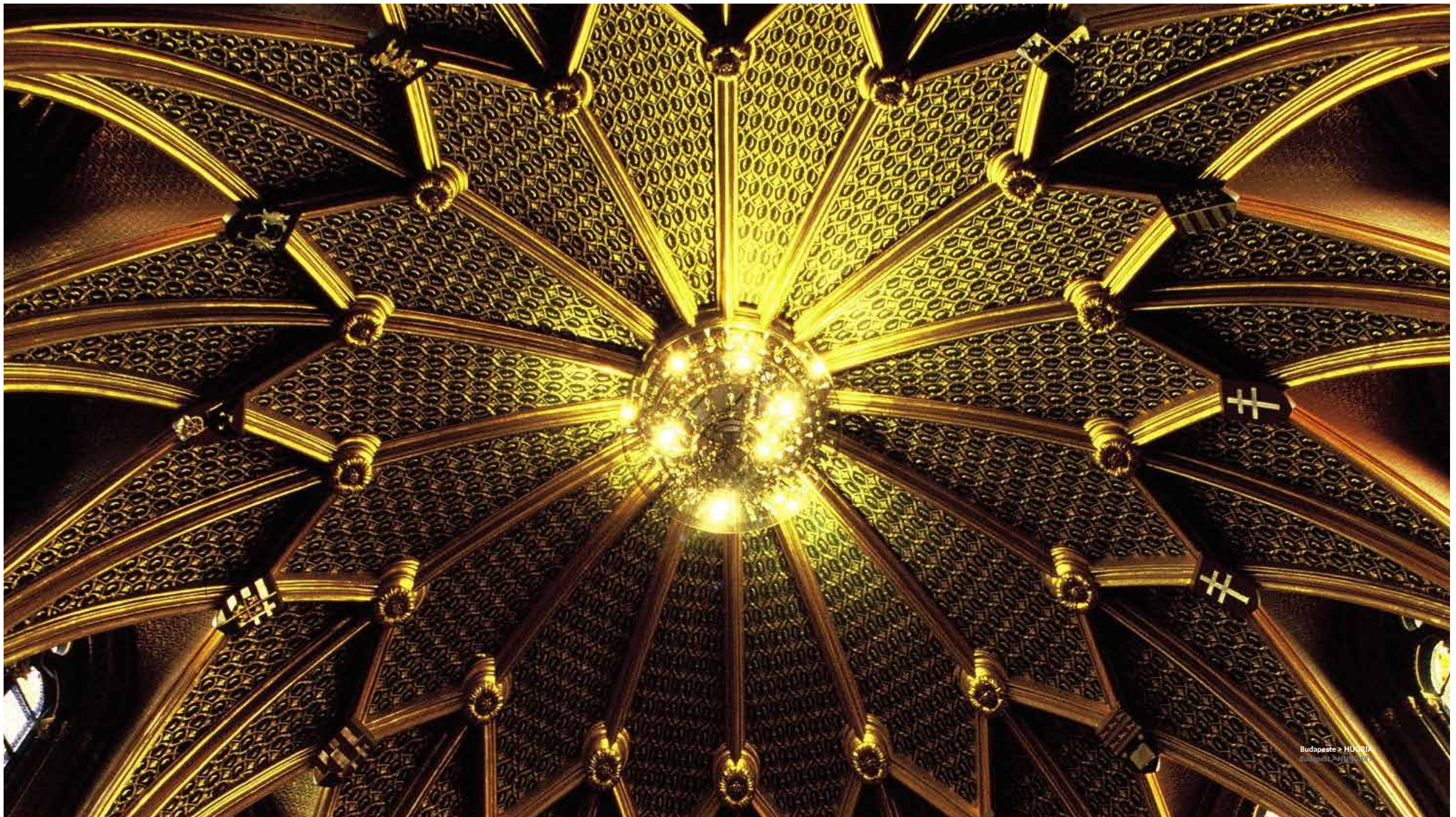


Berlin > ALEMÁNHA  
Berlin > GERMANY

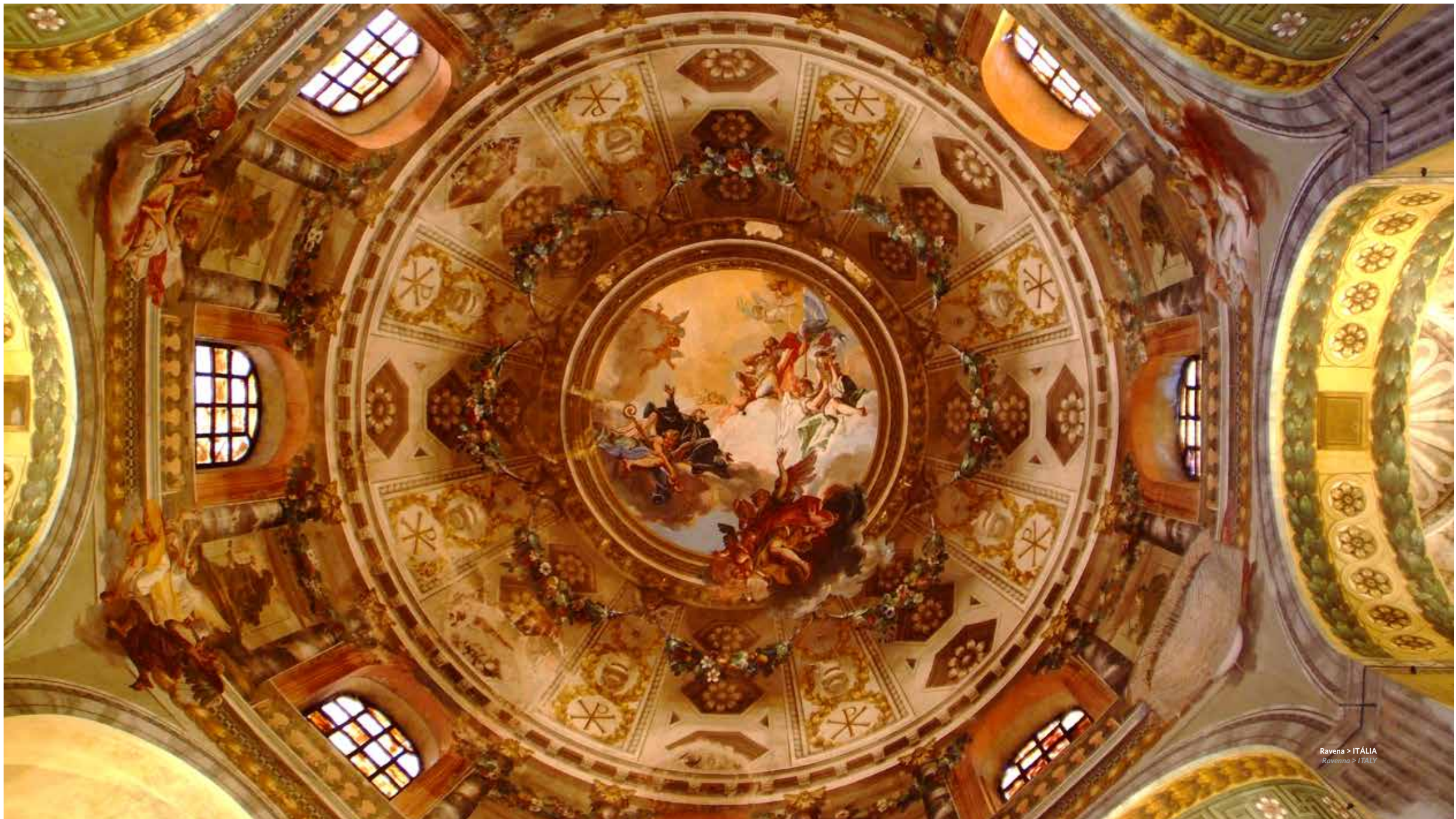














**DOMOS** Cada um tem o seu preferido. Para mim, nada supera a beleza simples do domo que recobre o Panteão romano. Ele não é pintado ou ilustrado como tantos outros, mas tem, a seu favor, o incomparável poder de pasmo que só o tempo confere. Há que se olhar para cima com retinas de 2 mil anos, contemplar seres improváveis alcançando as curvas de uma semiesfera com a pouca tecnologia disponível. No meio dela, o óculo redondo que, em horas distintas, permite ao sol sacralizar, com um raio, um canto qualquer da construção. Ou à chuva derramar-se contida, como uma coluna de luz no centro exato do templo.

Há quem prefira a precisão arquitetônica do domo da Catedral de Santa Maria del Fiore, em Florença. Magistral, com seus 54 metros de altura, a abóboda florentina é a obra-prima de Fillippo Brunelleschi, que, para mantê-lo espantosamente erguido, resolveu construir uma segunda embaixo da primeira. A técnica, chamada de concha dupla, passou a ser usada na construção de cúpulas grandes em todo o mundo.

E por que um domo? A própria palavra explica. *Duomo*, em italiano, significa lar. Destaca a

*DOMES* Everyone has their favorite. For me, it doesn't get any better than the simple beauty of the dome that covers the Roman Pantheon. It isn't painted or illustrated like so many others, but, in its favor, it does have the incomparable power of astonishment that only time is capable of bestowing. You have to look up with 2000-year-old retinas, contemplate improbable beings attaining the curves of a hemisphere with the little technology available. At the center, the round eye which, at specific times, allows the sun to sanctify certain corners of its structure. Or the rain to fall in a controlled manner, like a column of light exactly

*in the middle of the temple.*

Some prefer the architectural precision of the dome of the Basilica di Santa Maria del Fiore in Florence. Magisterial, at a height of 54 meters, the Florentine *duomo* is Fillippo Brunelleschi's masterpiece. To ensure that it would remain standing, amazingly, the architect chose to build a second dome below the first. The technique, known as double shell, came to be employed in the construction of large domes all over the world.

And why a dome? The word itself explains. In Italian, "*duomo*" means home. The cathedral stands out from its surroundings for those viewing

catedral de seu entorno para quem a vê de longe e tem a intenção de oferecer, aos fiéis, o conforto aconchegante de uma casa cujo proprietário é Deus.

Mas não só de catedrais, mesquitas ou sinagogas despontam cúpulas majestosas. Cada vez mais, ao redor do mundo, os domos enfeitam casas de onde, presumivelmente, emana o poder. Seja no Capitólio de Washington, seja no Congresso brasileiro, aqui contraposto por uma abóboda invisível. O panteão des Invalides, em Paris, tem um lindo domo que funciona como câmara mortuária para Napoleão Bonaparte. E o SkyDome, de Toronto, é sede de competições esportivas e shows musicais.

Tony Wheeler, criador dos guias *Lonely Planet* e viajante de olhar aguçado, disse-me, certa vez, que, adora fazer "*a lot of templing*", ou seja, explorar templos onde quer que esteja. De fato, além de toda a espiritualidade que a alguns é dado alcançar, esses lugares costumam abrigar pinturas, estátuas, desenhos, entalhes e mistérios que raros frequentadores têm referências para avaliar.

*it from afar and has the intention of offering the devout the welcoming comfort of a house whose owner is God himself.*

But it's not only cathedrals, mosques or synagogues that sport majestic domes. More and more, all over the world, domes are decorating structures which, presumably exude power – whether it's the Capitol building in Washington D.C.; or the Brazilian National Congress, contrasted by an invisible vault. The pantheon of Les Invalides in Paris has a beautiful dome that serves as a Napoleon Bonaparte's tomb. While the SkyDome in Toronto is a venue for sporting events

*and concerts.*

Tony Wheeler, creator of the *Lonely Planet* guidebooks and a traveler with a sharp eye, once told me that he loves doing "*a lot of templing*"— in other words, exploring temples wherever he goes. In fact, aside from all the spirituality that these places are said to hold, they are usually also home to paintings, statues, drawings, engravings and mysteries which visitors rarely have the necessary references to appraise.

On our journeys to various cities, Valdemir and I learned to visit all types of temples, following the simple logic that it is for God or in His name

Em nossas jornadas por cidades diversas, Valdemir e eu aprendemos a visitar todo tipo de templos, seguindo a simples lógica de que é para Deus ou em nome dele que os mecenas patrocinam e os artistas realizam suas obras mais devotas e inspiradas. A regra simples vale tanto para Aleijadinho, no barroco mineiro, como para Michelangelo Buonarroti, no Renascimento italiano.

Quase sempre descobrimos maravilhas, a maior parte das quais adornando o interior dos domos.

São belezas que, de forma nenhuma, podemos deixar de exibir aos leitores e que, com grande probabilidade, vão trazer muitos deles para o templo em questão. Ocorre, porém, uma dificuldade de ordem mercantil. Como vendem os direitos de fotografia do interior de suas catedrais (ou igrejas) para fotógrafos que fazem cartões-postais ou livros de recordação, quase todos os párocos proibem que fotógrafos bem equipados registrem seus tesouros.

O que fazer então?

Com o tempo e a experiência, aprendemos a “roubar” fotos de cúpulas como as que ilustram as páginas deste livro. Temos duas técnicas, que compartilhamos com a convicção de que não estamos prestando um desserviço aos curas, mas ajudando a atrair novos fiéis para seus templos.

## DOMOS

### DOMES

*that the patrons of the arts and artists themselves realized their most devoted and inspired works. This simple rule applies just as much to Aleijadinho, in his works of Minas Gerais Baroque, as it does to Michelangelo Buonarroti, during the Italian Renaissance.*

*We almost always discover wonders, most of which adorn the interior of the domes.*

*They are works of beauty that we could in no way neglect to display for our readers and which, in all likelihood, will draw many of them to the temples in question. There is, however, a problem of a commercial nature. Since the photography rights for the interiors of their cathedrals (or churches)*

*are sold to photographers who produce postcards or souvenir notebooks, almost all parishes prohibit well-equipped photographers from documenting their treasures.*

*So what can we do?*

*With time and experience, we learned to “steal” photos of domes like the ones that illustrate the pages of this book. We have two techniques, which we share with the conviction of not having done a disservice to the holy, but instead helping to attract new worshippers to their temples. Clearly, it depends on the kind of building. In some, we would sit right below the dome. While I shrewdly kept lookout, Valdemir would prop his camera*

Depende, claro, do tipo de construção. Em algumas, sentamo-nos bem embaixo da cúpula. Enquanto vigio, solerte, Valdemir apoia sua câmera fotográfica no banco, aponta para cima e, com a pouca luminosidade que os ambientes em geral proporcionam, abre seu diafragma pelo tempo que for necessário.

Caso não haja bancos sob o domo – o que é mais frequente –, a operação se repete, com a máquina baseada no chão e o vigia tentando encobri-la de quem quer que apareça na porta da sacristia.

O resultado é excelente. Uma única vez ficamos em apuros. Foi na basílica neogótica de Montreal, chamada, também, de Notre-Dame. Em plena operação, fomos flagrados por quem supusemos ser o pároco local. Com o rosto vermelho de uma raiva nada divina e bufando muito, o sacerdote pôs-se a gritar e correr em nossa direção. Bons ladrões, escapamos correndo pela porta da frente. Com as fotos já feitas, é claro.

*on the pew, point it upward and, with the sparse lighting usually present in these settings, open the diaphragm for the necessary amount of time.*

*When they are no pews below the dome – which is more common –, the operation is repeated, with the camera supported on the floor and the lookout trying to block it from anyone who might appear at the sacristy entrance.*

*The result is excellent. Only once did we get into trouble. It was at the Neo-Gothic Basilica of Montreal, also known as Notre-Dame. In the middle of our operations, we were spotted by a man we presumed to be the local priest. Far from pious with his face flushed in anger, the cleric*

*starting shouting and rushing toward us, ready to blow his top. Like good thieves, we ran, making our escape through the front door. Having already taken the pictures, of course.*





Valdemir Cunha é jornalista e fotógrafo especializado em viagens. Rodou o mundo produzindo matérias para as revistas Viagem e Turismo, Caminhos da Terra, Próxima Viagem, revista TAM nas Nuvens, Revista Gol e para outras tantas publicações de grande circulação no Brasil. Para Valdemir a fotográfica e o olhar são os melhores guias de viagem que alguém pode ter. Segundo ele, basta seguir a luz e se deixar se perder. Foi assim que ele encontrou todas as imagens publicadas nesse livro e em todos os seus 15 livros publicados.



Ronny Hein é jornalista, escritor, publicitário e pizza nos restaurantes Babbo Giovanni. Viajante incorrigível, comandou redações de revistas ligadas ao tema, como Viagem & Turismo, Caminhos da Terra, Próxima Viagem e Lonely Planet. Atualmente, dirige a FORBES Brasil, mas não aparece em nenhuma de suas listas. Ronny também é o representante oficial de Mr. Miles — o homem mais viajado do mundo — no Brasil. Assim como o correspondente britânico do Estadão, Ronny não coleciona países, nem coloca alfinetes em um mapa-mundi. Por mais que conheça novas cidades ou retorne à outras já velhas conhecidas, ele não ousa dizer que conhece coisa alguma. Apenas tem impressões e sensações que, é claro, mudam a cada jornada.



Eli Sumida é um observador. Um diretor de arte que sempre soube viajar nas imagens e nas histórias que elas contam, Trabalhou com Valdemir e Ronny nas revistas Caminhos da Terra e Próxima Viagem e sempre soube dar as reportagens dessa dupla, Ronny Hein e Valdemir Cunha, uma elegância que cada matéria pedia, assim como fez nesse livro. Eli também é um viajante e assim como e um gourmet e o tema viagens sempre foi um dos seus preferidos. Tanto que além de diretor de arte adora produzir mapas de lugares e, como ilustrador, ainda orienta, com seus mapas, viajantes.

*Valdemir Cunha is a journalist and photographer who specializes in travel. He has traveled the world producing articles for the magazines Viagem e Turismo, Caminhos da Terra, Próxima Viagem, TAM nas Nuvens, Revista Gol and many other high-circulation publications in Brazil. For Valdemir, the photographic and the visual are the best travel guides anyone could have. According to him, just follow the light and let yourself get lost. This was how he came across all of the images published in this and his 15 other published books.*

*Ronny Hein is a journalist, writer, advertiser and lover of Babbo Giovanni pizza. An incorrigible traveler, he has headed the editorial offices of such travel-themed magazines as Viagem & Turismo, Caminhos da Terra, Próxima Viagem and Lonely Planet. He is currently director of FORBES Brasil, but isn't included in any of their lists. Ronny is also the official representative of Mr. Miles — the most traveled man in the world — in Brazil. Like the British correspondent for Estado de São Paulo, Ronny doesn't collect countries, nor does he place pins on a map of the world. The more he visits new cities or revisits ones he's been to in the past, the less he would dare to affirm that he knows anything at all. He merely has impressions and sensations which, of course, change with each journey.*

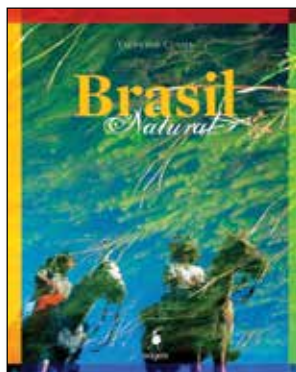
*Eli Sumida is an observer. An art director who has always known how to travel through images and the stories they tell, he worked with Valdemir and Ronny at the magazines Caminhos da Terra and Próxima Viagem and always knew how to give the articles produced by this duo, Ronny Hein and Valdemir Cunha, the elegance that each story called for, just as he's done in this book. Eli is also a traveler, as well as a gourmet and travel has always been one of his favorite themes. So much so that the art director loves producing maps of places and, as an illustrator, he provides the maps that guide travelers.*



Livros da Editora Origem



**Retratos do Brasil**  
de Valdemir Cunha  
50 postcards  
113 x 165 mm  
Português/inglês  
2006



**Brasil Natural**  
de Valdemir Cunha  
216 páginas  
197 x 245 mm  
Português/inglês  
2011



**Brasil Invisível**  
de Valdemir Cunha  
240 páginas  
290 x 360 mm  
Português/inglês  
2012



**Brasil Litoral**  
de Valdemir Cunha  
216 páginas  
197 x 245 mm  
Português/inglês  
2013



**Minha Pequena Alemanha**  
de Valdemir Cunha  
240 páginas  
290 x 360 mm  
Português/alemão  
2014



**Cana-de-açúcar**  
de Valdemir Cunha  
240 páginas  
225 x 280 mm  
Português/inglês  
2014



Editor <i>Editor</i>	<b>Valdemir Cunha</b>
Concepção editorial e fotografias <i>Concept and photos</i>	<b>Valdemir Cunha</b>
Textos <i>Text</i>	<b>Ronny Hein</b>
Editora executiva <i>Executive publisher</i>	<b>Márcia Bertoncello</b>
Direção de arte <i>Art direction</i>	<b>Eli Sumida</b>
Revisão de texto <i>Copyediting and proofreading</i>	<b>Jorge Cotrin</b>
Tradução <i>English version</i>	<b>Matthew Rinaldi</b>
Tratamento de imagem <i>Prepress</i>	<b>Ricardo Tilkian</b>
Relações institucionais/MINC <i>Institutional relations/MINC</i>	<b>FM Editorial</b>
Captação <i>Funding</i>	<b>Núcleo Propaganda</b>
Impressão <i>Printing</i>	<b>Pancrom Indústria Gráfica</b>
Distribuição e vendas <i>Sales and distribution</i>	<b>Bookmix Comércio de Livros</b>



Copyright 2013  
Fotografias: Valdemir Cunha, textos Ronny Hein

Os direitos desta edição pertencem à Editora Origem  
Avenida Raimundo Pereira de Magalhães, 1720 - bl. 22, cj32  
CEP 05145-000 São Paulo SP Brasil  
Telefone: (55 11) 3645-0301  
www.editoraorigem.com.br